POESIAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

TOMO II

POESIAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

QUINTA EDIÇÃO

AUGMENTADA COM MUITAS POESIAS, INCLUSIVE *OS TYMBIRAS*

E CUIDADOSAMENTE REVISTA

PELO Sr Dr J. M.

PRECEDIDA DA BIOGRAPHIA DO AUTOR

PELO

Sr. CONEGO Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO

TOMO II

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO DO BRAZIL

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS. — E. BELHATTE, LIVREIRO

14, RUA DE L'ABBAYE, 14

ULTIMOS CANTOS

AO

MEU CARO E SAUDOSO AMIGO

O DR. ALEXANDRE THEOPHILO

DE CARVALHO LEAL

OFFERENDO-LHE ESTAS POESIAS[1]

Eis os meus ultimos cantos, o meu ultimo volume de poesias soltas, os ultimos harpejos de uma lyra, cujas cordas forão estalando, muitas aos balanços asperos da desventura, e outras, talvez a maior parte, com as dôres de um espirito enfermo, — ficticias, mas nem por isso menos agudas, — produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou o espirito, affeito a certa dose de soffrimento, se sobresaltasse de sentir menos pesada a costumada carga.

No meio de rudes trabalhos, de occupações estereis, de cuidados pungentes, — inquieto do presente, incerto do futuro, derramando um olhar cheio de lagrimas e saudades sobre o meu passado — percorri este primeiro estadio da minha vida litte-

[1] Quando pela primeira vez forão impressas, em 1851, na typographia de F. de Paula Brito. — Rio de Janeiro. — Praça da Constituição, nº 64

raria. Desejar e soffrer — eis toda a minha vida neste periodo; e estes desejos immensos, indiziveis, e nunca satisfeitos, — caprichosos como a imaginação, — vagos como o oceano, — e terriveis como a tempestade; e estes soffrimentos de todos os dias, de todos os instantes, obscuros, implacaveis, renascentes, — ligados a minha existencia, reconcentrados em minha alma, devorados commigo, umas vezes me deixarão sem força e sem coragem, e se reproduzirão em pallidos reflexos do que eu sentia, ou me forçarão a procurar um allivio, uma distracção no estudo, e a esquecer-me da realidade com as ficções do ideal.

Se as minhas pobres composições não forão inteiramente inuteis ao meu paiz; se algumas vezes tive o maior prazer que me foi dado sentir — a mais lisongeira recompensa a que poderia aspirar, — de as saber estimadas pelos homens da arte, daquelles, que segundo o poeta, porque a entendem, a estimão, e repetidas por aquella classe do povo, que só de cór as poderia ter aprendido, isto é, dos outros que a comprehendem, porque a sentem, porque a adivinhão — paguei bem caro esta momentanea celebridade com decepções profundas, com desenganos amargos, e com a lenta agonia de um martyrio ignorado.

Melhor que ninguem o sabes: podes a teu grado sondar os arcanos da minha consciencia, e não te será difficil descobrir o segredo das minhas tristes inspirações. Os meus primeiros, os meus ultimos cantos são teus: o que sou, o que for, a ti o devo, — a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores annos da juventude bateu constantemente ao meu lado, — á aragem bemfazeja da tua amizade sollicita e desvelada, — á tua voz que me animava e consolava, — á tua intelligencia que me vivificava — ao prodigio de duas indoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gemeas, que uma dellas rematava o pensamento apenas enunciado da outra, e aos sentimentos unisonos de dous corações, que mutuamente se fallavão, se interpretavão, se respondião sem o auxilio de palavras. Duplicada a minha existencia, não era muito que eu me sentisse com forças para abalançar-me a esta empreza; e agora que em parte a tenho concluido, é um dever de gratidão, um dever para quo sou attrahido por todas as potencias da minha alma, escrever aqui o teu nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras,

o ultimo que os meus labios pronunciem, se nos paroxismos da morte se puder destacar inteiramente do meu coração.

Ser-me-hia doloroso não cumprir os teus desejos, — não satisfazer as esperanças, que em mim tinhas depositado, — não realizar a expectação da tua desinteressada amizade. Entrei na luta, e procurei disputar ao tempo uma fraca parcella da sua duração, não por amor do orgulho, nem por amor da gloria; mas para que, depois da morte de ambos, uma só que fosse das minhas producções sobrenadasse no olvido, e por mais uma geração estendesse a memoria tua e minha. Assim passa a onda sobre um navio que soçobra, e atira a praias desconhecidas os destroços de um mastro embrulhado nas vestes dos navegantes.

Entrei na luta, e por mais algum tempo continuarei nella, variando apenas o sentido dos meus cantos. A fé e o enthusiasmo, o oleo e o pabulo da lampada que alumia as composições do artista, vão-se-me esfriando dentro do peito; eu o conheço e o sinto: se pois ainda persisto nesta carreira, é por teu respeito: continuarei — até que, satisfeito dos meus esforços, me digas: basta! — Então, já t'o hei dito, voltarei gostoso á obscuridade, donde não devêra ter sahido, e — como um soldado desconhecido — contarei os meus triumphos pelas minhas feridas, voltando á habitação singela, onde me correrão, não felizes, mas os primeiros dias da minha infancia.

Minha alma não está commigo, não anda entre os nevoeiros dos Orgãos, envolta em neblina, balouçada em castellos de nuvens, nem rouquejando na voz do trovão. Lá está ella! — lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a susurrar nos leques das palmeiras: lá está ella nos sitios que os meus olhos sempre virão, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o páu d'arco coberto de flôres amarellas. Alli sim, — alli está — desfeita em lagrimas nas folhas das bananeiras — desfeita em orvalho sobre as nossas flôres, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo que eu amo, e que em bem veja eu em breve! Ahi, outra vez remoçado e vivificado de todos os annos que esperdicei, poderei enxugar os meus vestidos, voltar aos gozos de uma vida ignorada, e do meu lar tranquillo ver

outros mais corajosos e mais felizes que eu affrontar as borrascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atraz de mim.

A. Gonçalvez Dias.

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1850.

POESIAS AMERICANAS

O GIGANTE DE PEDRA

> O guerriers! ne laissez pas ma dépouille au corbeau
> Ensevelissez-moi parmi des monts sublimes,
> Afin que l'étranger cherche, en voyant leurs cimes,
> Quelle montagne est mon tombeau!
>
> V. Hugo. — *Le Géant.*

I

Gigante orgulhoso, de fero semblante,
N'um leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante,
Que os raios sómente pudérão fundir.

Dormido atalaia no serro empinado
Devêra cuidoso, sanhudo velar;
O raio passando o deixou fulminado,
E á aurora, que suge, não ha de acordar!

Co'os braços no peito cruzados nervosos,
Mais alto que as nuvens, os cêos a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seu pés sobranceiros se elevão do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos
Avultão immensos : só Deos poderá
Rebelde lançal-o dos montes erguidos,
Curvados ao peso, que sobre lhe 'stá.

E o céo, e as estrellas e os astros fulgentes
São velas, são tochas, são vivos brandões,
E o branco sudario são nevoas algentes,
E o crepe, que o cobre, são negros bulcões.

Da noite, que surge, no manto fagueiro
Quiz Deos que se erguesse, de junto a seos pés,
A cruz sempre viva do sol no cruzeiro,
Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumão-no odores que as flôres exhalão,
Bafejão-no carmes de um hymno de amor
Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalão,
Dos ventos que rugem, do mar em furor.

E lá na montanha, deitado dormido
Campeia o gigante, — nem póde acordar !
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar !

II

Banha o sol os horizontes,
Trepa os castellos dos céos,
Aclara serras e fontes,
Vigia os dominios seus :
Já descahe p'ra o occidente,
E em globo de fogo ardente
Vai-se no mar esconder ;
E lá campeia o gigante,
Sem destorcer o semblante,
Immovel, mudo, a jazer !

Vem a noite após o dia,
Vem o silencio, o frescor,
E a brisa leve e macia,
Que lhe suspira ao redor ;
E da noite entre os negrores,
Das estrellas os fulgores
Brilhão na face do mar :
Brilha a lua scintillante,
E sempre mudo o gigante,
Immovel, sem acordar !

Depois outro sol desponta,
E outra noite tambem,
Outra lua que aos céos monta,
Outro sol que após lhe vem :
Após um dia outro dia,
Noite após noite sombria,
Após a luz o bulcão,
E sempre o duro gigante,
Immovel, mudo, constante
Na calma e na cerração!

Corre o tempo fugidio,
Vem das aguas a estação,
Após ella o quente estio ;
E na calma do verão
Crescem folhas, vingão flôres,
Entre galas e verdores
Sazonão-se fructos mil ;
Cobrem-se os prados de relva,
Murmura o vento na selva,
Azulão-se os céos de anil !

Tornão prados a despir-se,
Tornão flôres a murchar,

Tornão de novo a vestir-se,
Tornão depois a seccar;
E como gota filtrada
De uma abobada escavada
Sempre, incessante a cahir,
Tombão as horas e os dias,
Como phantasmas sombrias,
Nos abysmos do porvir!

E no feretro de montes
Inconcusso, immovel, fito,
Escurece os horizontes
O gigante de granito
Com soberba indifferença
Sente extincta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés;
Nem vê que duras desgraças,
Que lutas de novas raças
Se lhe atropellão aos pés!

III

E lá na montanha deitado dormido
Campeia o gigante! — nem póde acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, e os pés sobre o mar!...

IV

Vio primeiro os incolas
Robustos, das florestas,
Batendo os arcos rigidos,
Traçando homereas festas,
A luz dos fogos rutilos,
Aos sons do murmuré!

E em Guanabara esplendida
As danças dos guerreiros,
E o guáu cadente e vário
Dos moços prazenteiros,
E os cantos da victoria
Tangidos no boré.

E das ygaras concavas
A frota aparelhada,
Vistosa e formosissima
Cortando a undosa estrada,
Sabendo, mas que frageis,
Os ventos contrastar:
E a caça leda e rapida
Por serras, por devezas,
E os cantos da janubia
Junto ás lenhas accesas,
Quando o tapuya misero
Seos feitos vai narrar!

E o germen da discordia
Crescendo em duras brigas,
Ceifando os brios rusticos
Das tribus sempre amigas,
— Tamoy a raça antigua,
Feroz Tupinambá.
La vai a gente improvida,
Nação vencida, imbelle,
Buscando as matas invias,
Donde outra tribu a expelle;
Jaz o pagé sem gloria,
Sem gloria o maracá.

Depois em náos flammivomas
Um troço hardido e forte,

Cobrindo os campos humidos
De fumo, e sangue, e morte,
Traz dos reparos horridos
D'altissimo pavez :
E do sangrento pelago
Em miseras ruinas
Surgir galhardas, limpidas
As portuguezas quinas,
Murchos os lises candidos
Do improvido gaulez!

V

Mudarão-se os tempos e a face da terra,
Cidades alastrão o antigo paúl ;
Mas inda o gigante, que dorme no serra,
Se abraça ao immenso cruzeiro do sul.

Nas duras montanhas os membros gelados,
Talhados a golpes de ignoto buril,
Descança, ó gigante, que encerras os fados,
Que os terminos guardas do vasto Brasil.

Porêm se algum dia fortuna inconstante
Puder-nos a crença e a patria acabar,
Arroja-te ás ondas, ó duro gigante,
Inunda estes montes, desloca este mar!

LEITO DE FOLHAS VERDES

Porque tardas, Jatyr, que tanto a custo
A voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração, movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zeloza
Com mimoso tapiz de folhas brandas,
Onde o frouxo luar brinca entre flôres.

Do tamarindo a flôr abrio-se, ha pouco,
Já solta o bogarî mais doce aroma !
Como prece de amor, como estas preces,
No silencio da noite o bosque exhala.

Brilha a lua no céo, brilhão estrellas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo magico respira-se
Um quebranto de amor, melhor qne a vida!

A flôr que desabrocha ao romper d'alva
Um só gyro do sol, não mais, vegeta :
Eu sou aquella flôr que espero ainda
Doce raio do sol que me dê vida.

Sejão valles ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tu vas, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento ;
Outro amor nunca tive ; es meu, sou tua !

Meus olhos outros olhos nunca virão,
Não sentirão meus labios outros labios,
Nem outras mãos, Jatyr, que não as tuas
A arasoya na cinta me apertarão.

Do tamarindo a flôr jaz entre-aberta,
Já solta o bogarî mais doce aroma ;
Tambem meu coração, como estas flôres,
Melhor perfume ao pé da noite exhala !

Não me escutas, Jatyr! nem tardo acodes
Á voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupan! lá rompe o sol! do leito inutil
A brisa da manhã sacuda as folhas!

Y-JUCA-PYRAMA

I

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos — cobertos de flôres,
Alteião-se os tectos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos animos fortes,
Temiveis na guerra, que em densas cohortes,
Assombrão das matas a immensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de gloria,
Já prelios incitão, já cantão victoria,
Já meigos attendem á voz do cantor:
São todos Tymbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá vôa na bocca das gentes,
Condão de prodigios, de gloria e terror!

As tribus visinhas, sem forças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspirárão dos seus maracás:
Medrosos das guerras que os fortes accendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sugeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
Onde ora se aduna o concilio guerreiro

Da tribu senhora, das tribus servis:
Os velhos sentados praticão d'outr'ora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramão-se em torno d'um indio infeliz.

Quem é? — ninguem sabe: seu nome é ignoto,
Sua tribu não diz: — mas de um povo remoto
Descende por certo — d'um povo gentil;
Assim lá na Grecia ao escravo insulano
Tornavão distincto do vil musulmano
As linhas correctas do nobre perfil.

Por casos de guerra cahio prisioneiro
Nas mãos dos Tymbiras; — no extenso terreiro
Assola-se o tecto, que o teve em prisão;
Convidão-se as tribus dos seus arredores,
Cuidosos se incumbem do vaso das côres,
Dos varios aprestos da honrosa funcção.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se a maça com pennas gentis:
A custo, entre as vagas do povo da aldeia
Caminha o Tymbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vario matiz.

Em tanto as mulheres com leda trigança,
Affeitas ao rito da barbara usança,
O indio já querem captivo acabar:
A coma lhe cortão, os membros lhe tingem,
Brilhante enduápe no corpo lhe cingem,
Sombreia-lhe a fronte gentil kanitar.

II

Em fundos vasos d'alvacenta argilla
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anceião,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no occaso
Jámais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o collo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!

Comtudo os olhos d'ignobil pranto
Seccos estão;
Mudos os labios não descerrão queixas
Do coração.

Mas um martyrio, que encobrir não póde,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te virão,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, á chuva,
Lá murcha e pende:
Sómente ao tronco, que devassa os ares,
O raio offende!

Que foi? Tupan mandou que elle cahisse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostado
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Alem dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

III

Em larga roda de noveis guerreiros
Ledo caminha o festival Tymbira,
A quem do sacrificio cabe a honra.
Na fronte o kanitar sacode em ondas,
O enduápe na cinta se embalança,
Na dextra mão sopesa a iverapeme,
Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo
Collar d'alvo marfim, insignia d'honra,
Que lhe orna o collo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas alli as almas grandes
Dos vencidos Tapuyas, inda chorem
Serem gloria e brasão d'imigos feros.

« Eis-me aqui, diz ao indio prisioneiro;
« Pois que fraco, e sem tribu, e sem familia,
« As nossas matas devassaste ousado,
« Morrerás morte vil da mão de um forte. »

Vem a terreiro o misero contrario;
Do collo á cinta a musurana desce:
« Dize-nos tu quem es, teus feitos canta,
« Ou, se te apraz, defende-te. » Começa
O indio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os animos commove.

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribu tupi.

Da tribu pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribus imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aymorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes — escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinhão traidores,
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
Meu ultimo amigo,
Sem lar, sem abrigo
Cahio junto a mi!
Com placido rosto,
Sereno e composto,
O acerbo desgosto
Commigo soffri.

Meu pae a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por invios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegámos aqui!

O velho no emtanto
Soffrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Cahi prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessocego
Do pae fraco e cego,
Emquanto não chego,
Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deos lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descançava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? — Morrer.
Emquanto descreve
O gyro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo :
Aqui virei ter.
Guerreiros, não córo
Do pranto que choro,
Se a vida deploro,
Tambem sei morrer.

V

Soltai-o! — diz o chefe. Pasma a turba ;
Os guerreiros murmurão : mal ouvírão,
Nem poude nunca um chefe dar tal ordem !
Brada segunda vez com voz mais alta,
Afrouxão-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim ; mas cede : o estranho é salvo.
— Tymbira, diz o indio enternecido,
Sôlto apenas dos nós que o seguravão :
Es um guerreiro illustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te commoveste,
Nem soffres que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não scintilla,
Chore a morte do filho o pae cançado,
Que sómente por seu na voz conhece.
— Es livre; parte.
— E voltarei.
— Debalde.
— Sim, voltarei, morto meu pai.
— Não voltes !
É bem feliz, se existe , em que não veja,
Que filho tem, qual chora : es livre ; parte!
— Acaso tu suppões que me acobardo,

Que receio morrer!
— Es livre; parte!
— Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso affronta.

— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste!.. parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precipite; do rosto afogueado
Gelidas bagas de suor corrião:
Talvez que o assaltava um pensamento...
Já não... que na enlutada fantasia,
Um pezar, um martyrio ao mesmo tempo,
Do velho pae a moribunda imagem
Quasi bradar-lhe ouvia: — Ingrato! ingrato! —
Curvado o collo, taciturno e frio,
Espectro d'homem, penetrou no bosque!

VI

— Filho meu, onde estás?
— Ao vosso lado;
Aqui vos trago provisões: tomai-as,
As vossas forças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!
— Tardaste muito!
Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!
— Sim, demorei-me a divagar sem rumo.
Perdi-me nestas matas intrincadas,

Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convem partir, e já!
— Que novos males
Nos resta de soffrer? que novas dôres,
Que outro fado peor Tupan nos guarda?

— As setas da afflicção já se esgotárão,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.
— Mas tu tremes!
— Talvez do afan da caça...
— Oh filho caro!
Um quê mysterioso aqui me falla,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupan que nos afflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!... —
E com mão tremula, incerta
Procura o filho, tacteando as trevas
Da sua noite lugubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéa fatal correu-lhe á mente...
Do filho os membros gelidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro craneo,
Despido então do natural ornato!...
Recúa afflicto e pavido, cobrindo
Ás mãos ambas os olhos fulminados;
Como que teme ainda o triste velho
De ver, não mais cruel, porêm mais clara,
D'aquelle exicio grande a imagem viva

Ante os olhos do corpo afigurada.
Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido ;
Mas que funesto azar corrêra o filho,
Elle o via ; elle o tinha alli presente ;
E era de repetir-se a cada instante.
A dôr passada, a previsão futura
E o presente tão negro, alli os tinha ;
Alli no coração se concentrava,
Era n'um ponto só, mas era a morte !

— Tu prisioneiro, tu?
— Vós o dissestes.
— Dos indios?
— Sim.
— De que nação ?
— Tymbiras.
— E a musurana funeral rompeste ,
Dos falsos manitôs quebraste a maça...

— Nada fiz... aqui estou.
— Nada ! —
Emmudecem ;
Curto instante depois prosegue o velho :
— Tu es valente, bem o sei ; confessa,
Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo !

— Nada fiz , mas souberão da existencia
De um pobre velho, que em mim só vivia...

— E depois ?...
— Eis me aqui.
— Fica esse taba ?
— No direcção do sol, quando transmonta.

— Longe ?
— Não muito.
— Tens razão: partamos.
— E quereis ir ?...
— Na direcção do occaso.

VII

« Por amor de um triste velho,
Que ao termo fatal já chega,
Vós, guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro.
Acção tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortezia
Vi eu jámais praticada
Entre os Tupis, — e mais forão
Senhores em gentileza.

« Eu porêm nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos actos;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,
Seja assim como dizeis;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrificio
E a musurana ligeira;
Em tudo o rito se cumpra!
E quando eu for só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelão,
Alguem que meus passos guie;
Alguem, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pae se ufane! »

Mas o chefe dos Tymbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com torvo accento :

— Nada farei do que dizes ;
É teu filho imbelle e fraco !
Aviltaria o triumpho
Da mais guerreira das tribus
Derramar seu ignobil sangue :
Elle chorou de cobarde ;
Nós outros, fortes Tymbiras,
Só de heróes fazemos pasto. —

Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha !

VIII

« Tu choraste em presença da morte ?
Na presença de estranhos choraste ?
Não descende o cobarde do forte ;
Pois choraste, meu filho não es !
Possas tu, descendente maldicto
De uma tribu de nobres guerreiros,
Implorando crueis forasteiros,
Seres presa de vis Aymorés.

« Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem patria vagando,
Regeitado da morte na guerra,
Regeitado dos homens na paz,

Ser das gentes o espectro execrado ;
Não encontres amor nas mulheres ;
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenhão alma inconstante e fallaz !
« Não encontres doçura no dia,
Nem as côres da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanço gozar :
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta ás chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

« Que a teus passos a relva se torre,
Murchem prados, a flôr desfalleça,
E o regato que limpido corre,
Mais te accenda o vesano furor ;
Suas agoas depressa se tornem,
Ao contacto dos labios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
D'onde fujas com asco e terror !

« Sempre o céo, como um tecto incendido,
Creste e punja teus membros maldictos
E o oceano de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo tupi !
Miseravel, faminto, sedento,
Manitôs lhe não fallem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

« Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argilla cuidoso
Arco e frecha e tacápe a teus pés !

Sê maldicto, e sósinho na terra ;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não es. »

IX

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupan tamanha dôr, tal fado
Já nos confins da vida reservára,
Vae com tremulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando. — Alarma ! alarma ! — O velho pára ;
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouvio já tantas vezes
N'outra quadra melhor. — Alarma ! alarma !
— Esse momento só vale apagar-lhe
Os tão compridos trances, as angustias,
Que o frio coração lhe atormentarão
De guerreiro e de pae : — vale, e de sobra.
Elle que em tanta dôr se contivera,
Tomado pelo subito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso ,
Que o exhaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecações profundas soão,
Emmaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, ennovela-se confusa,
E mais revolta em mor furôr se accende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando

Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravão.

Era elle, o Tupi; nem fôra justo
Que a fama dos Tupis — o nome, a gloria,
Aturado labor de tantos annos,
Derradeiro brasão da raça extincta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.

— Basta! já clama o chefe dos Tymbiras,
— Basta, guerreiro illustre! assás lutaste.
— E para o sacrificio é mister forças. —
O guerreiro parou, cahio nos braços
Do velho pae, que o cinge contra o peito,
Com lagrimas de jubilo bradando:
« Este, sim, que é meu filho muito amado!
« E pois que o acho em fim, qual sempre o tive
« Corrão livres as lagrimas que choro,
« Estas lagrimas, sim, que não deshonrão.»

X

Um velho Tymbira, coberto de gloria,
Guardou a memoria
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E á noite, nas tabas, se alguem duvidava
Do que elle contava,
Dizia prudente: — « Meninos, eu vi!

« Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest'hora diante de mi. »

« Eu disse comigo : Que infamia d'escravo !
Pois não, era um bravo :
Valente e brioso, como elle, não vi !
E á fé que vos digo : parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi ! »

Assim o Tymbira, coberto de gloria,
Guardava a memoria
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E á noite nas tabas, se alguem duvidava
Do que elle contava,
Tornava prudente : « Meninos, eu vi ! »

MARABÁ

Eu vivo sósinha ; ninguem me procura !
Acaso feitura
Não sou de Tupá !
Se algum d'entre os homens de mim não se esconde,
— Tu es, me responde,
— Tu es Marabá !

— Meus olhos são garços, são côr das saphiras,
— Tem luz das estrellas, tem meigo brilhar ;
— Imitão as nuvens de um céo anilado,
— As côres imitão das vagas do mar ! —

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos :
« Teus olhos são garços, »
Responde anojado : « mas es Marabá :
« Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,
« Uns olhos fulgentes,
« Bem pretos, retinctos, não côr d'anajá ! »

— É alvo meu rosto da alvura dos lyrios,
— Da côr das areias batidas do mar ;
— As aves mais brancas, as conchas mais puras
— Não tem mais alvura, não tem mais brilhar. —

Se ainda me escuta meus agros delirios :
« Es alva de lyrios »
Sorrindo responde ; « mas es Marabá :
« Quero antes um rosto de jambo corado,
« Um rosto crestado
« Do sol do deserto, não flôr de cajá. »

— Meu collo de leve se encurva engraçado,
— Como hastea pendente do cactos em flôr ;
— Mimosa, indolente, resvalo no prado,
— Como um soluçado suspiro de amor ! —

« Eu amo a estatura flexivel, ligeira,
« Qual d'uma palmeira »
Então me respondem ; tu es Marabá :
« Quero antes o collo da ema orgulhosa,
« Que pisa vaidosa,
« Que as floreas campinas governa, onde está. »

— Meus loiros cabellos em ondas se annelão,
— O oiro mais puro não tem seu fulgor ;
— As brisas nos bosques de os ver se enamorão,
— De os ver tão formosos como um beija-flôr ! —

Mas elles respondem : « Teus longos cabellos,
« São loiros, são bellos,
« Mas são annelados ; tu es Marabá :
« Quero antes cabellos, bem lisos, corridos,
« Cabellos compridos,
Não côr d'oiro fino, nem côr d'anajá. »

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
A quem n'as direi?
O ramo d'acacia na fronte de um homem
Jámais cingirei:

Jámais um guerreiro da minha arasoya
Me desprenderá:
Eu vivo sósinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá!

CANÇÃO DO TAMOYO

(NATALICIA.)

I

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida;
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II

Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que enteza
Tem certa uma presa,
Quem seja tapuya,
Condor ou tapyr.

III

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os timidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frontes,
Escutão-lhe a voz!

IV

Domina, se vive;
Se morre, descança,
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte ha de vir!

V

E pois que es meu filho,
Meus brios reveste;
Tamoyo nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos tamoyos
Na guerra e na paz.

VI

Teu grito de gueira
Retumbe aos ouvidos

D'imigos transidos
Por vil commoção ;
E tremão d'ouvil-o
Peor que o sibilo
Das setas ligeiras,
Peor que o trovão.

VII

E a mãe nessas tabas,
Querendo calados
Os filhos creados
Na lei do terror ;
Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talve não escute
Sem pranto, sem dôr !

VIII

Porém se a fortuna,
Trahindo teus passos,
Te arroja nos laços
Do imigo fallaz !
Na ultima hora
Teus feitos memora
Tranquillo nos gestos,
Impavido, audaz.

IX

E cae como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extensão ;
Assim morre o forte !
No passo da morte

Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

X

As armas ensaia,
Penetra na vida :
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só póde exaltar,

A MANGUEIRA

Já viste cousa mais bella
Do que uma bella mangueira,
E a doce fruta amarella,
Sorrindo entre as folhas della,
E a leve copa altaneira?
Já viste cousa mais bella
Do que uma bella mangueira?

Nos seus alegres verdores
Se embalança o passarinho;
Todo é graça, todo amores,
Decantando seus ardores
Á beira do casto ninho :
Nos seos alegres verdores
Se embalança o passarinho !

O cançado viandante
Á sombra della acha abrigo ;

Traz-lhe a aragem susurrante,
Que lhe passa no semblante,
Talvez o adeos d'um amigo;
E o cançado viandante
Á sombra della acha abrigo.

A sombra que ella derrama
Todas as dôres acalma;
Seja dôr que o peito inflamma,
Ou voraz, nociva chamma
Que nos mora dentro d'alma,
A sombra que ella derrama
Todas as dôres acalma.

O mancebo namorado
Para ella se encaminha;
Bate-lhe o peito açodado,
Quando chega o prazo dado,
Quando ao tronco se avisinha,
E o mancebo namorado
Para o tronco se encaminha.

Sob a copa deleitosa
Mil suspiros se entrelação,
E d'uma hora aventurosa
Guarda a prova a casca annosa
Nas cifras que alli se abração:
Sob a copa venturosa
Mil suspiros se entrelação.

Grata estação dos amores,
Abrigo dos que o não tem,
Deixa-me ouvir teos cantores,
Admirar teos verdores;

Presta-me abrigo tambem,
Grata estação dos amores,
Abrigo dos que o não tem !

A MÃE D'AGUA

« Minha mãe, olha aqui dentro,
Olha a bella creatura,
Que dentro d'agoa se vê !
São d'ouro os longos cabellos,
Gentil a doce figura,
Airosa, leve a estatura ;
Olha, vê no fundo d'agua
Que bella moça não é !

« Minha mãe, no fundo d'agua
Vê essa mulher tão bella !
O sorrir dos labios della,
Inda mais doce que o teu,
É como a nuvem rosada,
Que no romper da alvorada,
Passa risonha no céo.

« Olha, mãe, olha depressa !
Inclina a leve cabeça
E nas mãosinhas resume
A fina trança mimosa,
E com pente de marfim !
Olha agora que me avista
A bella moça formosa,
Como se fez toda rosa,
Toda candura e jasmim !
Dize, mãe, dize : tú julgas
Que ella se ri para mim !

« São seus labios entre-abertos
Semelhantes a romã :
Tem ares d'uma princeza,
E no emtanto é tão medrosa !...
Inda mais que minha irmã.
Olha, mãe, sabes quem é
A bella moça formosa,
Que dentro d'agua se vê? »

— Tem-te, meu filho ; não olhes
Na funda, lisa corrente :
A imagem que te embelleza
É mais do que uma princeza,
É menos do que é a gente.

— Oh ! quantas mães desgraçadas
Chorão seus filhos perdidos !
Meu filho, sabes porquê?
Foi porque derão ouvidos
A leve sombra enganosa,
Que dentro d'agua se vê.

— O seu sorriso é mentira,
Não é mais que sombra vã ;
Não vale aquillo que eu valho,
Nem o que val tua irmã :
É como a nuvem sem corpo,
De quando rompe a manhã.

— É a mãe d'agua traidora,
Que illude os faceis meninos,
Quando elles são pequeninos
E obedientes não são ;

Olho, filho, não a escutes,
Filho do meu coração:
O seu sorriso é mentira,
É terrivel tentação.—

Junto ao rio crystallino
Brincava o ledo menino,
Molhando o pé;
O fresco humor o convida,
Menos que a imagem querida,
Que n'agua vê.

Cauteloso de repente,
Ouve o concelho prudente,
Que a mãe lhe dá;
Não e anjo, não é fada;
Mas uma bruxa malvada,
E cousa má.

Ella é quem rouba os meninos
Para os tragar pequeninos,
Ou mais talvez!
E para vingar-se n'agua
Da causa de tanta mágoa,
Remeche os pés.

Turba a fonte n'um instante,
Já não vê o bello infante
A sombra vã,
E as brancas mãos delicadas
E as longas tranças douradas
Da sua irmã.

O menino arrependido
Diz comsigo entristecido :
— Que mal fiz eu !
Minha mãe, bem que indulgente,
Só por não me ver contente,
Me repr'hendeu. —

Era figura tão bella !
E que expressão tão singela,
Que riso o seu !
Oh ! minha mãe certamente
Só por não me ver contente,
Me repr'hendeu !

Espreita, sim, mas duvída
Que a bella imagem querida
Torne a volver ;
E na fonte crystallina
Para ver todo se inclina
Se a póde ver !

Acha-se ainda turbada,
E a bella moça agastada
Não que voltar ;
Sacode leve a cabeça,
Emquanto o pranto começa
A borbulhar.

E de triste e arrependido
Diz comsigo entristecido :
— Que mal fiz eu !...
— Leda ao ver-me parecia,
— Era boa, e me sorria...
— Que riso o seu !

As aguas no emtanto de novo se aplacão,
A lisa corrente se espelha outra vez ;
E a imagem querida no fundo apparece
Com mil peixes varios brincando a seus pés.

Do collo uma charpa trazia pendente,
Cortando-lhe o seio de brancos jasmins,
Um iris nas côres, e as franjas bordadas
De prata luzente, de vivos rubins.

Uma harpa a seu lado frisava a corrente,
Gemendo queixosa da leve pressão,
Como harpas ethereas, que as brisas conversão,
Achando-as perdidas em mesta soidão.

Sentida, chorosa parece que estava,
E o bello menino, sentado, a chorar
« Perdôa, dizia-lhe, o mal que te hei feito ;
Por minha vontade não hei de tornar ! »

A harpa dourada de subito vibra,
A charpa se agita do seio ao travez ;
Das franjas garbosas as pedras reflectem
Infindos luzeiros nos humidos pés.

Os peixes pasmados de subito parão
No fundo luzente de puro crystal ;
Fantasticos seres assomão ás grutas
Do nitido ambar, do vivo coral !

Emtanto o menino se curva e se inclina
Por ver mais de perto a donosa visão ;
A mãe, longe delle, dizia : — Meu filho,
Não oiças, não vejas, que é má tentação. —

« Vem meu amigo » dizia
A bella fada engraçada,
Pulsando a harpa dourada :
« Sou boa, não faço mal,
Vem ver meus bellos palacios,
Meus dominios dilatados
Meus thesouros encantados
No meu reino de crystal.

« Vem, te chamo : vê a limpha
Como é bella e crystallina ;
Vê esta areia tão fina,
Que mais que a neve seduz !
Vem, verás como aqui dentro
Brincão mil leves amores,
Como em listas multicores
Do sol se desfaz a luz.

« Se não achas borboletas
Nem as vagas mariposas,
Que brincão por entre as rosas
Do teu ameno jardim ;
Tens mil peixinhos brilhantes,
Mais luzentes e mais bellos
Que o oiro dos meus cabellos,
Que a nitidez do setim. »

Emtanto o menino se curva e se inclina
Por ver de mais perto a donosa visão ;
E a mãe, longe delle, dizia : — Meu filho,
Não oiças, não vejas, que é má tentação. —

« Vem, meu amigo, tornava
A bella fada engraçada,
Vem ver a minha morada,
O meu reino de crystal :
Não se sente a tempestade
Na minha espaçosa gruta,
Nem voz do trovão se escuta,
Nem roncos do vendaval.

« Aqui, ao findar do dia,
Tudo rapido se accende,
E o meu palacio resplende
De vivo, ethereo clarão.
Mil figuras apparecem,
Mil donzellas encantadas
Com angelicas toadas
De ameigar o coração.

« Quando passo, as brandas aguas
Por me ver passar se afastão,
E mil estrellas se engastão
Nas paredes do crystal.
Surgem luzes multicores,
Como desses pyrilampos,
Que tu vès andar nos campos,
Sem comtudo fazer mal.

« Quando passo, mil sereias,
Deixando as grutas limosas,
Formão ledas, pressurosas
O meu sequito real :
Vem ! dar-te-hei meus palacios
Meus dominios dilatados,
Meus thesouros encantados
E o meu reino de crystal. »

Emtanto o menino se curva e se inclina
Para a visão;
E a mãe lhe dizia : — Não vejas, meu filho,
Que é tentação. —

E o bello menino, dizendo comsigo
— Que bem fiz eu! —
Por ver o thesouro gentil, engraçado,
Que já é seu,

Atira-se ás aguas : n'um grito medonho
A mãe lastimavel — Meu filho ! — bradou :
Respondem-lhe os echos ; porêm voz humana
Aos gritos da triste não torna : — Aqui estou !

NOTAS

ÁS POESIAS AMERICANAS

O GIGANTE DE PEDRA.

(Pag. 8.)

Alguns dos principaes montes da enseada do Rio de Janeiro parecem aos que vem do Norte ou do Sul representar uma figura humana de colossal grandeza : este capricho da natureza foi conhecido dos primeiros navegantes portuguezes com a denominação de « frade de pedra, » que agora se chama » o gigante de pedra. » — Áquelle objecto se fez esta poesia.

. . . extincta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés.

(Pag. 10.)

Tamoyos erão os primeiros habitantes do Rio. — *Pagés* erão os sacerdotes, os augures, os medicos dos indigenas de todo o litoral do Brazil — os mesmos a que nos « Primeiros Cantos » dei o nome de piagas. (Veja-se o t. I, p. 43.)

Aos sons do murmuré.
(Pag. 10.)

Murémuré escreve o padre Vasconcellos nas suas « Noticias Curiosas » : collige-se que é um instrumento feito de ossos de defuntos, como alguns outros, de que se servião.

Em Guanabara esplendida.
(Pag. 11.)

Guanabara — a enseada do Rio de Janeiro. — Escreve-se indifferentemente Genabara ou Ganabara. Lery diz na sua obra « *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* » — *en ceste rivière de Ganabara*. Southey (*History of Brasil*) accrescenta em uma nota, que Nicolau Barré datava desta maneira as suas cartas : *Ad flumen Genabara in Brasilia, etc.*

O guáu cadente e vário.
(Pag. 11.)

Guáu — dansa. « São mui dados a saltar e dansar de differentes modos, a que chamão *guáu* em geral. » VASCONCELLOS. Noticias Curiosas L. 1. — n. 145.

E das ygaras concavas.
(Pag. 11).

Ygaras — erão canoas, feitas de ordinario de um só toro de madeira.

Os cantos da janubia.
(Pag. 11.)

Janubia. — Lery escreve diversamente : *des cornets, qu'ils nomment inubia, de la grosseur et longueur d'une demie pique, mais par le bout d'en bas larges d'environ un demi pied comme un hautbois.* — *Obra cit.*, pag. 202.

LEITO DE FOLHAS VERDES.

A arasoya na cinta me apertarão.
(Pag. 13.)

Arasoya era o fraldão de pennas, moda entre elles. Laet chama *assoyave* a uns mantos inteiros : não sei de que mantos quer o author fallar. Hans Staden (collecção de Ternaux, pag. 108) dá o mesmo nome a uma especie de cocar preso ao pescoço, e passando além da cabeça, comquanto a este ornato Lery dê o nome de *Yenpenamby*. Quanto à arasoya, eis o que se lê na obra já citada deste author (pag. 103) : *Pour la fin de leurs esquippages, recouvrans de leurs voisins de grandes plumes d'austruches, de couleurs grises, accommodans tous les tuyaux serrez d'un costé, et le reste qui s'esparpille en rond en façon d'un petit pavillon ou d'une rose, ils en font un grand pennache, qu'ils appellent araroye : le quel estant lié sur leurs reins avec une corde de cotton, l'estroit devers la chair, et le large en dehors, quand ils en sont enharnachez, etc.*

Y-JUCA-PYRAMA.
(Pag. 14.)

O titulo desta poesia, traduzido litteralmente da lingua tupi, vale tanto como se em portuguez dissessemos « o que ha de ser morto, e que é digno de ser morto. »

No meio das tabas.
(Pag. 14.)

. *Taba* — aldeia de indios, composta de differentes habitações, a que chamavão *ocas*. Quando estas habitações se achavão isoladas, ou fossem levantadas para o abrigo de uma ou já para o de muitas familias, tomavão o nome de *Tejupab* ou *Tejupabas*.

São todos Tymbiras.
(Pag. 14.)

Tymbiras — tapuyas, que habitão o interior da provincia do Maranhão.

As armas quebrando.
(Pag. 14.)

Por este acto declaravão firmadas as pazes. Vieira faz menção desta solemnidade quando, em uma informação ao monarcha portuguez, se occupa da alliança feita entre os missionarios por parte dos portuguezes e dos *Nhe-engaybas* de Marajó.

Assola-se o tecto.
(Pag. 15.)

A descripção das ceremonias, com que elles usavão matar os seus prisioneiros de guerra, é rigorosamente exacta, ainda que não adoptamos dos authores senão aquillo em que todos ou a maior parte concordão. Veja-se Hans Staden, cap. 28 — dos usos e costumes dos Tupinambás. — Noticia do Brazil, cap. 171 e 172. Noticias Curiosas L. 1. n. 138 e Lery cap. XV.

Entesa-se a corda da embira...
(Pag. 15.)

Chamava-se mussurana a corda com que se atava o prisioneiro. — « *Et une lôngue corde nommée* mussarana, *avec laquelle ils les attachent* (les captifs) *quand ils doivent être assomés.* » (H. Staden, pag. 300.) *Musurana* escreve Ferdinand Denis, accrescentando que era feita de algodão. É possivel que em algumas tribus fosse feita desta materia, mas convem notar que na maior parte dellas era uso fabricarem-se cordas de embira.

Adorna-se a maça com pennas gentis.
(Pag. 15.)

A maça do sacrificio não era o mesmo que a ordinaria, e tinha mais a differença dos ornatos que se lhe juntavão, e do esmero com que era trabalhada. Lavravão e pintavão todo o punho — embagadura, como o chamavão — com desenhos e relevos a seu modo curiosos, e della deixavão pendente uma borla de pennas delicadas e de côres differentes, sendo a folha ornada de mosaicos. — « Pintão (diz H. Staden, pag. 301) a maça do sacrificio, a que chamão *iverapeme*, com a qual deve ser sacrificado o prisioneiro : passão-lhe por cima uma materia viscosa, e tomando depois as cascas dos ovos de um passaro chamado *Mackukawa* de côr parda escura, reduzem-n'as a pó, e com elle salpicão toda a maça. Preparada a iverapeme, e adornada de pennas, suspendem-n'a em uma cabana inhabitada, e cantão em redor della toda a noite. » — Ferdinand Denis, accrescentando-lhe o artigo francez, escreve *Liverapeme*, que diz ser feita de páo-ferro e com mosaicos de differentes côres. Vasconcellos dá-lhe o nome de Tangapema, que é o termo do diccionario braziliano.

Brilhante enduápe no corpo lhe cingem.
(Pag. 15.)

Enduápe — fraldão de pennas de que se servião os guerreiros : damos a denominação de *arasoya* a aquelles de que usavão as mulheres. « *Ils font avec des plumes d'autruches une espèce d'ornement de forme ronde, qu'ils attachent au bas du dos, quand ils vont à quelque grande fête : ils le nomment enduap.* » *H. Staden.* Pag. 270. Vasconcellos trata do *enduápe* sem lhe dar nome algum especial : « Pela cintura apertão uma larga zona : desta pende até os joelhos um largo fraldão a modo tragico, e de tão grande roda como é a de um ordinario chapéo de sol. » Noticias Curiosas L. 1. n. 129.

Sombreia-lhe a fronte gentil kanitar.
(Pag. 15.)

Kanitar — é o nome do pennacho ou cocar, de que usavão os guerreiros de raça tupi, quando em marcha para a guerra, ou se aprestavão para alguma solemnidade, d'importancia igual a esta. — « *Ils ont aussi l'habitude de s'attacher sur la tête un bouquet de plumes rouges qu'ils nomment kanittare.* » (H. Staden). — Usão de umas corôas a que chamão *acanggetar* (Laet). — Os primeiros portuguezes escreverão *acangatar*, que litteralmente quer dizer « enfeite ou ornato da cabeça. »

MARABÁ.
(Pag. 39.)

Encontramos na « Chronica da Companhia » um trecho que explica a significação desta palavra, e a idéa desta breve composição.

« Tinha certa velha enterrado vivo um menino, filho de sua

nora, no mesmo ponto em que o parira, por ser filho a que chamão « marabá » que quer dizer mistura (aborrecivel entre esta gente). » Vasconcellos, Ch. da Comp., L. 3. n. 27.

Formoso como um beija-flôr.
(Pag. 31.)

Os indigenas chamavão ao beija-flôr « Coaracy-aba » — « raios, » ou mais litteralmente « cabellos do sol. »

A MÃE D'AGUA.
(Pag. 37.)

A mãe d'agua é uma náiade moderna, um espirito que habita no fundo dos rios. Acredita-se em muitas partes do Brazil que é uma mulher formosa com longos cabellos de oiro, que lhe servem como de vestido, com olhos que exercem inexplicavel fascinação, e voz tão harmoniosa que ninguem, que a escute, resiste á tentação de se atirar ás aguas para que mais de perto a ouça e contemple. O mesmo que as serêas, tem sobre ellas a vantagem de serem creaturas de fórmas perfeitas, e dellas se distinguem em fascinarem tanto com o brilho da formosura, como com a doçura da voz, e de attrahirem principalmente os meninos.

POESIAS DIVERSAS

NENIA

Á MORTE SENTIDISSIMA DO SERENISSIMO PRINCIPE IMPERIAL
O SENHOR D. PEDRO.

A SUA MAGESTADE O IMPERADOR

I

Morreste, como a folha verde e linda,
Que não vio murcho o esmeraldino encanto :
Bem como um ai que melindroso finda,
Emquanto as faces não roreja o pranto !

Bem como a flôr inda em botão cortada,
Emquanto aromas recendia pura ;
Bem como a onda quando, mal formada,
Nos brancos frisos do areal murmura !

Bem como a aurora timida que morre,
Emquanto os céos de rosicler matiza ;
Bem como o sopro de ligeira brisa,
Que entre os olores da manhã discorre !

Mimosa esp'rança do Brasil, batendo
Ás ferreas portas da existencia, viste
O mundo afflicto e a humanidade triste
Seu negro fado e sua dôr soffrendo!

Cheio de compaixão atraz voltaste
Do horrifico espectaculo, tapando
Com as azas do anjo o rosto brando,
E no seio de Eterno te asylaste.

Morreste! como aurora sem poente,
Como flôr, que perfume inda exhalava,
Como o sopro da brisa recendente,
Como a onda, que apenas se formava!

Morreste! como a folha verde e bella
N'um tronco forte a despontar louçã,
Não arrancada á sanha da procella,
Mas leve sôlta aos beijos da manhã.

Morreste! como lampada brilhante,
Inda virgem, sem dar mystica luz;
Ou turib'lo d'incenso crepitante,
Esquecido nos braços de uma cruz.

Morreste! e os anjos da eternal morada
Levárão entre palmas e capellas
Tua alma, como uma harpa não tocada,
Áquelle, cujo throno é sobre estrellas.

Morreste! como aurora sem poente,
Como flôr que perfume inda exhalava,
Como o sopro da brisa recendente,
Como a onda que apenas se formava.

Nenhum bulcão toldou a aurora maga,
Emquanto no horizonte apavonou-se,
A brisa em vendaval não transtornou-se,
A folha em cinza, nem a onda em vaga.

II

Não ouviste, ó bello anginho,
Na hora do passamento
Para abrandar teu tormento
Do berço teu ao redor,
Dos teus irmãos a phalange
Com opas de luz brilhante,
Nas harpas de diamante
Cantar hosanna ao Senhor?

Teu espirito innocente
Tocado da luz divina,
Que a fraca mente illumina
Dos resplendores de Deos,
Não antevio outros gozos,
Não correu nos frouxos ares,
Não foi roçar nos palmares,
Nas rosas puras dos céos?

Viste-os, sim; porêm voltando
Outra vez á vida escassa,
Tua alma triste esvoaça
Sobre os teus restos mortaes;
E entre os rostos que divisas,
Que a tua vida pranteião,
Entre quantos te rodeião,
Tu não enxergas teus paes!

Corres então a trazer-lhes
Nas meigas azas brilhantes

Dos teus ultimos instantes
O teu alento final;
E em redor delles choraste
De não ter deixado a vida,
Por extrema despedida,
N'um amplexo paternal!

Vai, ó anjo, sobe, vôa,
Deixa a terra ingrata e rude;
Vai onde móra a virtude,
E premio a innocencia tem;
Mas nos divinos prazeres,
Mas no celeste cortejo,
Terás o materno beijo,
Não serás orphão tambem?

III

Desprega tuas azas de côres suaves,
Adeja no espaço, procura o teu Deos:
O aroma das flôres, o canto das aves,
O que ha de mais puro se entranha nos céos.

Oh! foge da terra, bem como a neblina
Que em rolos de neve, que espuma figura,
Mais frouxa, mais leve, na luz matutina,
Qual nuvem d'incenso, do céo se pendura.

Mas quando a balança dos nossos destinos
Na grávida concha dos nossos peccados
Sumir-se no abysmo: dos raios divinos
Os golpes apára nos contos dourados.

Não cáia do Eterno a justa inclemencia
No povo, que soube teu berço guardar;
Ampara-o nas azas da tua innocencia,
Que os prantos de um anjo nos podem salvar.

Desdobra tuas azas de côres suaves,
Adeja no espaço, procura o teu Deos :
O aroma das flôres e o canto das aves
E o que ha de mais puro se perde nos céos.

IV

Senhor, se na afflicção que te consome,
Na dôr immensa, que teu peito acanha,
Póde erguer-se do bardo a voz sentida
E aos teus soluços misturar seu pranto ;
Se a dôr do pae não absorve inteiro
O peito augusto do Monarcha excelso,
Enxuga as tristes lagrimas que vertes !
Melhor, talvez, que o throno é ver chorando
Um povo inteiro em torno de um sepulchro,
Um vácuo berço de seu pranto enchendo !
A sorte pois te curva, e á lei d'aquelle
(Envolta em seus reconditos designios)
A quem aprouve nivelar, cortando
Co'o mesmo golpe as esperanças de ambos,
— A dôr de um pae e as afflicções de um povo ! —

Janeiro, 10, de 1850.

OLHOS VERDES

Elles verdes são :
E tem por usança,
Na côr esperança,
E nas obras não.

Cam., *Rim.*

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança ;
Uns olhos côr de esperança,

Uns olhos por que morri ;
Que ai de mi !
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi !

Como duas esmeraldas,
Iguaes na fórma e na côr,
Tem luz mais branda e mais forte,
Diz uma — vida, outra — morte ;
Uma — loucura, outra — amor
Mas ai de mi !
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi !

São verdes da côr do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflammão,
Tão meigamente derramão
Fogo e luz do coração;
Mas ai de mi !
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi !

São uns olhos verdes, verdes,
Que podem tambem brilhar ;
Não são de um verde embaçado,
Mas verdes da côr do prado,
Mas verdes da côr do mar.
Mas ai de mi !
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi !

Como se lê n'um espelho
Pude lêr nos olhos seus !

Os olhos mostrão a alma,
Que as ondas postas em calma
Tambem reflectem os céos;
Mas ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós, ó meos amigos,
Se vos perguntão por mi,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos còr de esperança,
De uns olhos verdes que vi!
Que ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós: Triste do bardo!
Deixou-se de amor finar!
Vio uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos da còr do mar:
Erão verdes sem esp'rança,
Davão amor sem amar!
Dizei-o vós, meus amigos,
Que ai de mi!
Não pertenço mais á vida
Depois que os vi!

CUMPRIMENTO DE UM VOTO

Feito ás Sras. de Itapacorá, que abrilhantárão a festa
do Illm. Sr. Antonio José Rodrigues Torres.

Porto das Caixas, 25 de agosto de 1850.

Se ao misero cantor vos praz mandar-lhe
Cantar voltas de amor a graça tanta
Será mudo o cantor, nem ha de aos echos
A cythara incivil fallar de amores?
Mandaes, que sois, senhoras, minhas musas;
Quando a senhora manda, o escravo cumpre
E ás supplicas da musa o vate cede!
Afinada por vós a lyra humilde,
Já desafeita aos sons que o peito abrandão,
A nova esphera se remonta agora.
O frescor juvenil dos vossos annos,
E as, que vos ornão, deleitosas graças,
Hão de ameigar-lhe as cordas, perfumal-as,
Dictar-lhe os faceis, inspirados carmes.

A estrella, que fulge no céo anilado,
Com placido brilho de noite s'inflamma;
Na fonte e no prado
Reflexos luzentes esparge e derrama.

Nos ramos cobertos de ameno rocio
As aves descantão á luz da alvorada,
E a meiga toada
Repetem aos echos do bosque sombrio.

Na gleba virente, do sol bafejada,
Recende perfumes a flôr matutina,
Que á luz da alvorada
Ao sopro da brisa de leve s'inclina.

A flôr que trescala perfumes suaves,
A estrella que brilha no céo anilado,
E o canto das aves,
Que sôa no bosque virente e copado;

Se cantão, perfumão, despedem fulgores,
É tal o seu fado : — vós sois qual são ellas,
Sois como as estrellas,
Na graça e no canto, sois aves, sois flôres.

Como ellas, pagai-vos de ver quão fugaces
Encurtão-se as horas de nosso viver,
De ver como as faces,
Que tendes em torno, resumbrão prazer.

Estes versos na mente susurravão
Do vate, cuja lyra merencoria
Foi por vós de festões engrinaldada ;
Por vós, cujo sorriso mavioso
Melhor perfume exhala, do que as notas
Concertadas com arte : dai um riso
Dos vossos, um volver dos brandos olhos,
Aos alegres convivas ; e um reflexo
Do vosso meigo olhar e brando riso
Venha morrer na lyra do poeta,
Como do astro-rei, quando no occaso
Doura no campo as folhas mais humildes.

LYRA QUEBRADA

Ah! ya agostada
Siento mi juventud, mi faz marchita,
Y la profunda pena que me agita
Ruga mi frente de dolor nublada.

HEREDIA.

Pede cantos aos ledos passarinhos,
Pede clarão ao sol, perfume ás flôres,
Ás brisas suspirar, murmurio aos ventos,
Doces querelas ao correr das fontes ;

E o sol, a ave, a flôr, a brisa, os ventos
E as fontes que murmurão docemente,
Na festa da tua alma hão de seguir-te,
Como um som pelos echos repetido.

Mas não peças á lyra abandonada
Um alegre cantar, — já murchas pendem
As grinaldas gentis, de que a toucárão
Donzeis loução, enamoradas virgens.

Hoje mal partem roucos sons dos nervos,
Que amargo pranto distendeu sem custo ;
Quem ha que se não dóe de ouvir cantados
Uns versos de prazer entre soluços?

Não peças pois um hymno ao triste bardo!
Verde ramo d'uma arvore gigante
O raio no passar queimou-lhe o viço,
Deixando-o por escarneo entre verdores.

Uma febre, um ardor nunca apagado,
Um querer sem motivo, um tedio á vida
Sem motivo tambem, — caprichos loucos,
Anhelo d'outro mundo e d'outras coisas ;

Desejar coisas vãs, viver de sonhos,
Correr após um bem logo esquecido,
Sentir amor e só topar frieza,
Scismar venturas e encontrar só dôres ;

Fizerão-me o que vês : não canto, soffro !
Lyra quebrada, coração sem forças
De poetico manto os vou cobrindo,
Por disfarçar desta arte o mal que passo.

Mas se inda tens prazer á luz da aurora,
Se te ameiga fitar longos instantes,
Sentada á beiramar, na paz de um ermo,
Uma flôr, uma estrella, os céos e as nuvens ;

Pede cantos aos ledos passarinhos,
Á brisa, ao vento, á fonte que murmura ;
Mas não peças canções ao triste bardo,
A quem té para um ai já falta o alento.

A PASTORA

Forão as trevas fugindo,
E luzindo
Nasce o sol sobre o horizonte ;
Quando a pastora formosa
E mimosa
Já caminho vai do monte !

A relva tenra e molhada,
Orvalhada,
Que de noite despontou,
Se levanta melindrosa,
Mais viçosa
Depois que o sol a afagou !

Nos ramos cantão, trinando
    E saltando,
As aves seu casto amor;
Aqui, alli, scintillante
    E brilhante
Desabrocha a linda flôr.

E a pastorinha engraçada,
    Bem fadada,
Na fresca manhã de abril,
Vai cantando maviosa,
    E saudosa
Pensando no seu redil.

Para as serras do Gerez
    Toca a rez,
Toca a rez, gentil pastora;
Lá te aguarda o bom pastor,
    Teu amor,
Que te chama encantadora.

Vai pastora, vai depressa,
    Já começa
O sol no valle a brilhar;
Vai, que as tuas companheiras,
    Galhofeiras,
Lá 'stão com elle a folgar!

Pela aldeia entre os pastores
    Vão rumores
De que tens uma rival,
Nessa Alteia, a tua antiga,
    Doce amiga,
Que te quer hoje tão mal!

Tu não sabes que os amores
São traidores,
Que o homem não sabe amar;
E que diz: Esta é mais bella;
Mas aquella
É que me sabe agradar!

Tenho d'Alteia receios,
Que tem meios
De prender um coração;
É viva, bella, engraçada,
Festejada
Nos cantares do serão.

Como a neve em seus lavores,
Nos amores
Que caprichosa não é!
Zomba delle quando o topa,
E o provoca
De mil maneiras, á fé!

Té dizem — será mentira —
Que lhe atira
Seus motetes muita vez;
Dizem mais, que ha prendas dadas
E trocadas:...
Não sei; mas será talvez!

Triste de ti, se assim fôra,
Ó pastora,
Triste de ti sem amor!
Foras alvo dos festejos,
Dos motejos,
E do canto mofador!

Cheia de pudico medo,
Ao folguedo
Do domingo festival,
Não irias, ó formosa,
Vergonhosa
Dos olhos d'uma rival!

Para as serras do Gerez
Toca a rez,
Toca a rez, gentil pastora;
Lá te aguarda o bom pastor,
Teu amor,
Que te chama encantadora!

GEREZ...

A INFANCIA

A Mlle E. PICOT.

I

Bello raio do sol da existencia,
Meninice fagueira e gentil,
Doce riso de pura innocencia
Sempre adorne teu rosto infantil.

Sempre tenhas, anginho innocente,
Quem se apresse a teus passos guiar,
E uma voz que o teu somno acalente,
E um sorriso no teu acordar.

Enlevada nos sonhos jucundos,
Voz etherea te venha fallar,
E visão d'outros céos, d'outros mundos,
Venha amiga tua alma encantar.

Leda nfancia gentil! e quem não te ama?
Quem tão de pedra o coração não sente
Aos teus encantos meigos mais tranquillo?
Quem não sente memorias d'outras eras
Travarem-lhe da mente, ao recordar-se
Aquelle gozo puro e suavissimo
De vida, que jámais não tem logrado?
Recordações de um mundo adormecido
Lá lhe estão dentro d'alma esvoaçando,
Como harpejos de musica longinqua!
E a mente nos seus quadros embebida,
Por magica illusão enfeitiçada,
Como outr'ora, talvez sómente veja
Na terra — um chão de flôres estrellado,
E nos céos — outro chão de flôres vivas!

II

Afagada e bem vinda e querida,
Travessuras scismando infantis,
Nos caminhos floridos da vida
Vai mimosa, imprudente e feliz!

É-lhe a vida continuo festejo,
Sonhos d'oiro só sabe sonhar,
Toda ella um afan, um desejo
D'outros jogos contente brincar.

Puro riso o semblante lhe adorna,
Logo pranto começa a verter,
E depois outro riso lhe torna,
E depois outro pranto a correr.

Tão perto jaz a fonte da amargura
Da fonte do prazer! — porêm tão doces

Essas lagrimas são ! — tão abundantes,
Tão sem causa e sympathicas gotejão
N'uma tez de carmim, n'um rosto bello !
Quem a vê, que sorrindo as não enxuga ?
Mas não todo consumas o thesouro
Unico e triste, que ao infeliz sobeja
Nas horas do soffrer ; no tempo amargo,
No qual o rosto pallido se enruga,
E os olhos seccos, aridos chammejão,
Será talvez bem grato refrigerio
Uma lagrima só, em que arrancada
Á força da afflicção dos seios d'alma.
Mas tu, feliz, sorri, emquanto a vida,
Como um rio entre flôres, se deslisa
Macio, puro e recendendo aromas.

III

Bello raio do sol da existencia,
Flôr da vida, mimosa e gentil,
Fonte pura de meiga innocencia,
Leve gozo da quadra infantil !

Quem fruir-te outra vez não deseja,
Quando vê sobre a veiga formosa
A menina travessa e ruidosa,
Borboleta, que alegre doudeja ?

A menina é uma flôr de poesia,
Um composto de rosa e jasmim,
Um sorriso que Deos alumia,
Um amor de gentil serafim !

Folga e ri no começo da existencia,
Borboleta gentil ! a flôr dos valles,

Da noite á viração abrindo o calix,
O puro orvalho da manhã te guarda ;
Inda perfumes dá, que te embriagão ;
Inda o sol quando aquece os vivos raios,
Nas azas multicores scintillando,
Com terno amor de pae, em torno esparge
Pó subtil de rubins e de saphiras.
Folga e ri no começo da existencia,
Humano seraphim, que esse perfume
São das azas do anjo, que s'impregnão
Dos aromas do céo, quando atear-se,
Roaz fogo de vida começando,
Quanto havemos de Deos consome e apaga

IV

Porêm tu, afagada e querida,
Com requebros donosos, gentis,
Vai contente caminho da vida,
Bello anginho, mimoso e feliz !

E do bardo a canção magoada,
Quando a possas um dia escutar,
Ha de ser como rota grinalda,
Que perfumes deixou de exhalar !

E esta mão talvez seja sem vida,
E este peito talvez sem calor,
E memoria apagada e sumida,
Talvez seja a do triste cantor !

Rio de Janeiro, 1848.

URGE O TEMPO

> Move incessante as azas incansaveis
> O tempo fugitivo;
> Atraz não volta!
>
> A. de Gusmão.

Urge o tempo, e os annos vão correndo,
Mudança eterna os seres afadiga!
O tronco, o arbusto, a folha, a flôr, o espinho,
Quem vive, o que vegeta, vai tomando
Aspectos novos, nova fórma, emquanto
Gyra no espaço e se equilibra a terra.

Tudo se muda, tudo se transforma;
O espirito porêm, como centelha,
Que vai lavrando solapada e occulta,
Até que emfim se torna incendio e chammas,
Quando rompe os andrajos morredouros,
Mais claro brilha, e aos céos comsigo arrasta
Quanto sentio, quanto soffreu na terra.

Tudo se muda aqui! sómente o affecto,
Que se gera e se nutre em almas grandes,
Não acaba, nem muda; vai crescendo,
Co' o tempo avulta, mais augmenta em forças,
E a propria morte o purifica e alinda.
Semelha estatua erguida entre ruinas,
Firme na base, intacta, inda mais bella
Depois que o tempo a rodeou de estragos.

SOBRE O TUMULO DE UM MENINO

25 de Outubro de 1848.

O envolucro de um anjo aqui descança,
Alma do céo nascida entre amargores,
Como flòr entre espinhos; — tu, que passas,
Não perguntes quem foi. — Nuvem risonha
Que um instante correu no mar da vida;
Romper da aurora que não teve occaso,
Realidade no céo, na terra um sonho!
Fresca rosa nas ondas da existencia,
Levada á plaga eterna do infinito,
Como off'renda de amor ao Deos que o rege;
Não perguntes quem foi, não chores: passa.

MENINA E MOÇA

Ma bienvenue au jour me rit dans tous les yeux!
CHÉNIER.

É leda a flòr que desponta
Sobre o talo melindroso,
E o arrebento viçoso
Crescendo em flóreo tapiz;
É doce o romper da aurora,
Doce a luz da madrugada,
Doce o luzir da alvorada,
Doce, mimoso e feliz!

É bella a virgem risonha
Com seus musicos accentos,

Com seus virgens pensamentos,
Com seus mimos infantis;
Como quanto enceta a vida,
Que á luz sorri da existencia,
Que tem na sua innocencia
Da mocidade o verniz.

Vinga a flôr a pouco e pouco,
Cada vez mais bem querida,
Tem mais encantos, mais vida,
Tem mais brilho, mais fulgor:
De cada gota de orvalho
Extrahe celeste perfume,
E do sol no raio assume
Cada vez mais viva côr.

Assim á virgem mimosa,
Pouco e pouco, noite e dia,
Mais viva flôr de poesia
Do rosto lhe tinge a côr;
E um anjo nos meigos sonhos,
Do seu peito na dormencia
Derrama o odor da innocencia,
Um doce raio de amor!

Porque tudo, quando nasce,
Seja a luz da madrugada,
Seja o romper da alvorada,
Seja a virgem, seja a flôr;
Tem mais amor, tem mais vida,
Como celeste feitura,
Que sahe melindrosa e pura
D'entre as mãos do Creador.

28 de Julho.

COMO EU TE AMO

Como se ama o silencio, a luz, o aroma,
O orvalho n'uma flôr, nos céos a estrella,
No largo mar a sombra de uma vela,
Que lá na extrema do horizonte assoma ;

Como se ama o clarão da branca lua,
Da noite na mudez os sons da flauta,
As canções saudosissimas do nauta,
Quando em molle vai-vem a náo fluctua ;

Como se ama das aves o gemido,
Da noite as sombras e do dia as côres,
Um céo com luzes, um jardim com flôres,
Um canto quasi em lagrimas sumido ;

Como se ama o crepusculo da aurora,
A mansa viração que o bosque ondeia,
O susurro da fonte que serpeia,
Uma imagem risonha e seductora ;

Como se ama o calor e a luz querida,
A harmonia, o frescor, os sons, os céos,
Silencio, e côres, e perfume, e vida,
Os paes e a patria e a virtude e a Deos :

Assim eu te amo, assim ; mais do que podem
Dizer-t'o os labios meus, mais do que vale
Cantar a voz do trovador cançada :
O que é bello, o que é justo, sancto e grande
Eu amo em ti. — Por tudo quanto soffro,
Por quanto já soffri, por quanto ainda

Me resta de soffrer, por tudo eu te amo.
O que espero, cobiço, almejo, ou temo
De ti, só de ti pende : oh ! nunca saibas
Com quanto amor eu te amo, e de que fonte
Tão terna, quanto amarga o vou nutrindo !
Esta occulta paixão, que mal suspeitas,
Que não vês, não suppões, nem te eu revelo,
Só pode no silencio achar consolo,
Na dôr augmento, interprete nas lagrimas.

De mim não saberás como te adoro ;
Não te direi jámais
Se te amo, e como, e a quanto extremo chega
Esta paixão voraz !

Se andas, sou o echo dos teus passos ;
Da tua voz, se fallas ;
O murmurio saudoso que responde
Ao suspiro que exhalas.

No odor dos teus perfumes te procuro,
Tuas pegadas sigo ;
Velo teus dias, te acompanho sempre,
E não me vês comtigo !

Occulto e ignorado me desvelo
Por ti, que me não vês ;
Aliso o teu caminho, esparjo flôres,
Onde pisão teus pés.

Mesmo lendo estes versos, que m'inspiras,
Não pensa em mim, dirás :
Imagina-o, si o podes, que os meus labios
Não t'o dirão jámais !

Sim, eu te amo ; porèm nunca
Saberás do meu amor ;
A minha canção singela
Traçoeira não revela
O premio sancto que anhela
O soffrer do trovador !

Sim, eu te amo ; porèm nunca
Dos labios meus saberás,
Que é fundo como a desgraça,
Que o pranto não adelgaça,
Leve, qual sombra que passa,
Ou como um sonho fugaz!

Aos meus labios, aos meus olhos
Do silencio imponho a lei ;
Mas lá onde a dòr se esquece,
Onde a luz nunca fallece,
Onde o prazer sempre cresce,
Lá saberás se te amei !

E então dirás : « Objecto
Fui de sancto e puro amor :
A sua canção singela,
Tudo agora me revela ;
Já sei o premio que anhela
O soffrer do trovador.

« Amou-me como se ama a luz querida,
Como se ama o silencio, os sons, os céos,
Qual se amão còres e perfume e vida,
Os paes e a patria, e a virtude e a Deos ! »

AS DUAS CORÔAS

> Hermosa, en tu linda frente
> El laurel sienta mejor,
> Que con su regio esplendor
> Corona de rey poteute.
>
> G. y S.

Ha duas c'rôas na terra,
Uma d'ouro scintillante
Com esmalte de diamante,
Na fronte do que é senhor;
Outra modesta e singela,
C'rôa de meiga poesia,
Que a fronte ao vate alumia
Com a luz d'um resplendor.

Ante a primeira se curvão
Os potentados da terra :
No bojo, que a morte encerra,
Sobre a liquida extensão,
Levão náos os seus dictames
Da peleja entre os horrores ;
Vis escravos, crús senhores,
Preito e menagem lhe dão.

E quando o vate suspira
Sobre esta terra maldicta,
Ninguem a voz lhe acredita,
Mas riem dos cantos seus :
Os anjos, não; porque sabem
Que essa voz é verdadeira,
Que é dos homens a primeira,
Emquanto a outra é de Deos !

Se eu fôra rei, não te dera
Quinhão na regia amargura;
Nem te qu'ria, virgem pura,
Sentada sob o docel,
Onde a dôr tão viva anceia,
Tão cruel, tão funda late,
Como no peito que bate
Sob as dobras do burel.

Não te quizera no throno,
Onde a mascara do rosto,
Cobrindo o interno desgosto,
Ser alegre tem por lei;
Manda Deos, sim, que o rei chore;
Mas que chore occultamente,
Porque, se o soubera a gente,
Ninguem quizera ser rei!

Mas o vate, quando soffre,
Modula em meigos accentos
Seus doridos pensamentos,
A sua interna afflicção;
E das lagrimas choradas
Extrahe um balsamo sancto,
Que vale estancar o pranto
Nos olhos do seu irmão.

Se eu fôra rei, não quizera
Roubar-te á senda florida,
Onde corre doce a vida
No matutino arrebol;
Gozas o sopro das brisas
E o leve aroma das flôres,
E as nuvens, que mudão côres
No nascer, no pôr do sol.

Gozão disto as que repousão
Em táboas de vis grabatos;
Não quem vive entre os ornatos
D'um throno d'ouro e marfim!
Nó solio triste, sentada,
Não viras um rosto amigo,
Nem mais vivêras comtigo,
Fôras escrava — por fim!

Vive tu teu viver simples,
Mimosa e gentil donzella,
D'entre todas a mais bella,
Flòr de candura e de amor!
C'ròa melhor eu t'offreço,
D'ouro não, mas de poesia,
C'rôa que a fronte alumia
Com a luz d'um resplendor!

HARPEJOS

Sweetest music!...
SHAKSPEARE.

Da noite no remanso
Minha alma se extasia,
E praz-me a sós commigo
Pensar na solidão;
Deixar arrebatar-me
De vaga phantasia,
Deixar correr o pranto
Do fundo coração.

Tudo é silencio harmonico
E doce amenidade,
E uma expansão suave
Do mais fino sentir ;
Existo ! e no passado
Só tenho uma saudade,
Desejos no presente,
Receios no porvir !

Como licor que mana
De cava, humida rocha,
Que o sol nunca evapora,
Nem limpa amiga mão ;
A dôr que dentro sinto
Minha alma desabrocha ;
Que livre o pranto corre
Da noite na soidão !

Attendo ! ao longe escuto
D'uma harpa os sons queixosos,
Attendo ! e logo sinto
Minha alma se alegrar !
Attendo ! são suspiros
De seres vaporosos,
Que mil imagens vagas
Me fazem recordar !

Tu que eras minha vida,
Que foste os meus amores,
Imagem grata e bella
D'um tempo mais feliz,
Que tens, que assim chorosa
Suspiras entre as flôres ?
Teu sou, — do juramento
Me lembro, que te fiz.

Te vejo, te procuro,
Teus mudos passos sigo,
Emquanto, leve sombra,
Fugindo vais de mi'!
Unido ás notas da harpa
Percebo um som amigo,
Que me recorda o timbre
Da voz que já te ouvi!

Na brisa que soluça,
Na fonte que murmura,
Nas folhas que se movem
Da noite á viração,
Ainda escuto os echos
D'uma fugaz ventura,
Que assim me deixou triste
Em mesta solidão.

Prosegue, harpa ditosa,
Nas doces harmonias,
Que da minha alma sabes
A mágoa adormecer;
Prosegue! e a doce imagem
Dos meus primeiros dias
Veja eu ante os meus olhos
De novo apparecer!

Ai, forão como a virgem
Que em sitio solitario
Acaso um dia vimos
Sósinha a divagar!
Memoria bemfazeja,
Que o gelido sudario,
Que a morte em nós estende,
Só vale desbotar.

TRISTE DO TROVADOR

E ella era esbelta e bem proporcionada; sua alma era como a sensitiva, e suas palavras erão doces e tinhão um perfume, que se não póde comparar.

(*Duas noites de luar.*)

E ella era como a rosa matutina
Formosa e bella,
Como a estrella que á noite ao mar se inclina,
Saudosa era ella.

Seus olhos negros, vivos e rasgados,
Era delicias vel-os ;
E co' a alvura do rosto contrastava
A côr dos seus cabellos.

Quando alguem lhe fallava, então fallava
Com voz macia,
Que triste dentro d'alma nos filtrava
Doce alegria.

E o seu timbre de voz movia as fibras
Do coração,
Como sons que a mudez da noite quebrão
Na solidão.

Seu mais leve sentir patenteava
No rosto ameno ;
Nuvemzinha da tarde, que se enxerga
Em céo sereno.

Topou-a acaso pensativa, errante,
O trovador :
« Feliz, disse elle, quem gozára os mimos
Do seu amor ! »

E ella deu-lhe do seio uma saudade
Murcha, e no emtanto bella:
E elle um culto votou, scismando extremos,
Á pallida donzella.

Como fosse, porêm, breve a sua vida
Como uma flôr,
Em breves dias era mudo e triste
O trovador.

Se alguma vez cantava; — então dizia
Ao seu anjo do céo, que lá morava,
Que de ter junto delle só pedia
A vida sua, que tão erma estava.

VELHICE E MOCIDADE

Eu levo á sepultura, uns após outros,
A donzella gentil, o velho enfermo
E o mancebo que folga descansado
Á sombra da ventura.

* * *

« Minha filha, mais depressa,
Mais depressa um pouco andemos,
E da aurora que desponta
Saudavel frescor gozemos!

« Senta-me em baixo do chorão, que dobra
A verde rama sobre a campa núa
De um ser de peito bom, de rosto bello,
Que foi minha mulher, que foi mãi tua!

« O sol, nascendo apenas, vem primeiro
Seus raios nessa campa dardejar,
E á cançada velhice é bem fagueiro
Esses restos da vida desfructar. »

Um cégo e triste velho que tremia
Á força dos invernos que passarão,
Á filha nova e bella, assim dizia,
Á filha que os amores cubiçarão.

E tinha o velho pae nos hombros della
A mão crestada e morta e já rugosa,
E ella ao pae, sollícita, extremosa,
Guiava como um anjo e alva e bella.

« Nem sempre o que ora vês teu pae tem sido,
Oh filha da minha alma, oh meu thesouro,
Tambem um tempo foi que entretecido
Tive o fio vital de seda e d'ôuro!

« Tambem meus olhos se expraiárão longe,
Pela vasta extensão destas campinas ;
Tambem segui a tortuosa veia
Desta linda corrente que se perde
Além, por entre penhas ;
E a esmeraldina côr, de que se arreia
A relva destes prados, destas brenhas,
Meus olhos juvenis encheu de gozo,
Que agora os olhos teus tambem recreia!
« E que prazer tão grande! o sol nascia
N'um mar de luz brilhante!

Levantava-se mais, brilhava, ardia,
No prado verdejante,
Na fonte e na deveza ;
E o mundo e a natureza
De puro amor enchia !
Destoucavão-se os montes de neblina,
Que meiga e adelgaçada
Pendia, como um véo de gaza fina
Da celeste morada,
Quando n'um mar formoso o sol nascia !

« O mundo era então luz — hoje é só trevas !
O céo de puro azul via tingido,
Via a terra de côres adornada,
E na immensa extensão d'agua salgada
Via a esteira de luz do sol luzido !

« Breve as horas passei de ser ditoso
Aqui, neste lugar, ledo escutando
Tão amavel tua mãi, tão carinhosa,
Qu'instantes curtos me teceu fallando !

« Hoje existo sómente porque existes,
Desfructo outro viver que não vivia,
Quando escutão-te a voz os meus ouvidos,
Como sons de celeste melodia.

« Oh falla, falla sempre. — É doce ao velho
Sons d'argentina voz, que as fibras todas
Do semivivo coração abalão,
Como d'uma harpa antiga
As deslembradas cordas,
Que á mão experta e amiga
Do trovador, n'um canto alegre estalão.

« É doce ao solitario a voz de um anjo
Na sua solidão ;
E ao velho pai a voz da casta filha,
Que falla ao coração.

« É doce, qual perfume matutino,
Que a flòr exhala,
Que pelo peito da mulher amante
S'interna e cala ;

« É doce, como a luz que se derrama
Pela face do mar,
Quando brando luar, da noite amigo,
Vem nelle se espelhar.

« Falla, bem sei que amarga é tua vida,
Que amargo é teu penar ;
No silencio da noite tenho ouvido
Teu peito a soluçar !

« Oh falla, tu bem vês que, se a tormenta
Tetrica sôa,
Ao ninho de seus paes o passarinho
Rapido vôa. »

— Oh meu pai, como eu quizera
Meus pezares te esconder ;
Mas tua filha, coitada,
Em breve tem de morrer!

— Sinto que alento me falto,
Que longe foge de mim ;

Sinto minha alma rasgar-se
Por te deixar só assim;
Meu bom pai, como está breve
Da tua filha o triste fim!

— Alta noite, ouvi em sonhos,
A chamar-me um seraphim;
Tinha alegria no rosto,
Mas chorava sobre mim;
Meu bom pai, como está breve
Da tua filha o triste fim!

— E tu cá ficas sósinho,
E tu cá ficas sem mim!
Oh que n'alma só me peza
Por te deixar só assim;
Meu bom pai, que é já chegado
De tua filha o triste fim! —

E o velho, baixo fallando,
Tristemente assim dizia:
« Já fui feliz, já fui novo,
Já fui cheio de alegria!

« Eu tive paes extremosos,
Irmãos que m'idolatrarão,
Eu tive castos amores,
Que antes de mim se acabarão!

« Eu tive tantos no mundo
Quantos se póde chorar:
Perdi todos, tudo; ai, triste,
Só eu não pude acabar!

« Ao sopro da desventura
Só eu me não abalei,
Que a todos — novos e velhos —
A campa todos levei !

« Minha filha me restava !
Eu já fantasma impotente,
Sobre os torrões tropeçava
Da cova aberta recente !

« Anjo de amor e bondade,
Porque me deixaste assim !
Tu morta, e na sepultura
Que eu tinha aberto p'ra mim !

« Deos, Senhor, quanto foi longo
O vaso em que fel traguei !
Findo o julguei ; restão fezes,
As fezes esgotarei. »

E sobre a rosea face, ora amarella,
A aurora sempre bella radiava,
E o pai, ancião, que a dôr rasgava,
Cingia ao corpo seu o corpo della.

Nem pranto nos seus olhos borbulhava,
E nem nos labios seus a dôr gemia,
E sua alma, qual vaso em calmaria,
Entre vida e morrer n'um ponto estava.

O beijo paternal, por fim, estampa
Na filha, que prazeres só lhe dera ;
E filha e pensamento — alguem dissera
Ter juntos sepultado a mesma campa !

Nos céos não tens, Senhor, bastantes anjos,
Porque os venhas assim buscar á terra?
Brilhe a virtude, quando reina o crime,
O crime impune e vil, que ás tontas erra.

AS FLÔRES

Ao Snr. José Praxedes Pereira Pacheco, incançavel Botanico-florista, a quem devemos a introducção no paiz das mais bellas e curiosas especies de flôres, que jámais aqui se virão.

Simples tributs du cœur, vos dons sont chaque jour
Offerts par l'amitié, hasardés par l'amour.
Delille. — *Les Jardins.*

Tu que com tanto afan, com tanto custo,
Estudando, inquirindo, e meditando,
De estranhos climas transplantaste aos nossos
As flôres varias no matiz, nas fórmas,
Modesto horticultor, dos teos desvelos
Este só galardão recebe ao menos!
Recebe-o: tambem eu gosto das flôres,
Folgo tambem de as ver n'um campo estreito
De estranhas terras revelando os mimos
E as galas d'outros céos: — aqui perfumão
Nossos jardins de peregrina essencia!
Melhorão-se talvez, que as não contristão
Raios tibios do sol, nem turvos ares,
Nem do inverno o furor lhes cresta o brilho.

Meigas flôres gentis, quem vos não ama?
Em vós inspirações o bardo encontra,

Devaneios de amor a ingenua virgem,
A abelha o mel, a humanidade encantos,
Odores, nutrição, balsamo e côres.
Meigas flôres gentis, quem vos não ama?

Linda virgem no albor da vida incerta,
No meio das vivaces companheiras,
Em fôrma de capella as vai tecendo
Para cingir cem ella a fronte e a coma,
Que os annos no passar não enrugarão,
Nem as cans da velhice embranquecêrão.
Resplendor d'innocencia, onde casados
A açucena, e os jasmins aos brancos lirios
Um só perfume grato aos céos envia;
Meiga c'rôa d'angelica pureza,
Ornamento da vida — que se rompe
Ou quando os membros delicados vestem
O grosseiro burel da penitencia,
Ou do noivado as galas! — lá se acaba
Por fim aos pés do thalamo ou n'um tumulo!
Meigas flôres gentis, quem vos não ama?

Quantas vezes, nas horas da ventura,
A fallaz sensação d'um peito ingrato
Não julgamos eterna, immensa, infinda!...
Alli nossos anhelos se concentrão,
Nossa vida alli jaz: — cifra-se inteira
N'um brando volver d'olhos, n'um accento,
Que a ternura repassa, inspira, exhala!
Um gemido, um suspiro, um ai, um gesto,
Valem thronos, e mais, — o mundo e a vida!
Mas esvae-se a paixão!... que fica? Apenas
Um saudoso lembrar d'éras passadas,
De scismadas venturas, não fruidas,

Ás vezes uma flôr!... — Flôr dos amores,
Quando extincta a paixão porque inda existes?
Espinhos de uma rosa emmurchecida,
Porque sobreviveis ás folhas d'ella?
Mais firme, mais leal, mais vivedoura
Que a voluvel paixão, a flôr mimosa
Talvez irrita a dôr, talvez a acalma.
Emblemas do prazer, do soffrimento,
Mensageiras do amor ou da saudade,
Meigas flôres gentis, quem vos não ama?

Geme a fresca odalisca entre ferrolhos,
Importuna presença a voz lhe tolhe
Do não piedoso eunucho; — e estatua negra
Respeitosa e cruel lhe espreita os gestos:
Chora a guzla mourisca ao som dos ferros,
Lastima-se a cadeia ao som dos passos,
E a humana flôr definha entre as mais flôres;
Mil ouvidos a voz lhe escutão sempre,
E cingidos de ferro, crús soldados
D'entorno ao mésto harem velão sanhudos!
Ruge, fero soldão! triplíca os bronzes
Da masmorra cruel: — a planta humilde,
E a escrava que recatas tão cioso,
Zombão dos feros teus! Muda e singela,
Ao través das prisões, dos teus soldados
Passa a modesta flôr! Vai n'outro peito,
Mysterios não sabidos relatando,
Contar do infausto amor as provas duras,
Os martyrios da ausencia, as tristes lagrimas
Que chora — ao reiterar protestos novos!
Bem-fadadas do sol, do amor bemquistas,
O orvalho as cria, as lagrimas as murchão:
Meigas flôres gentis, quem vos não ama?

Quem tem o coração a amor propenso,
Quem sente a interna voz que dentro falla,
Delicado sentir d'um brando peito,
Alma virgem que os homens não mancharão :
Quem soffre ou tem prazer, ou ama, ou 'spera
E vive e sente a vida, esse vos ama :
Encantos da existencia emquanto vivos,
Do revés, do triumpho companheiras,
No berço, no docel, no mudo esquife,
Sempre amigas fieis vos encontramos.
Meigas flôres gentis, quem vos não ama ?

Modesto horticultor, dos teus desvelos
Este só galardão recebe ao menos ;
E paga-te sequer de ver mais bella,
Mais vaidosa, melhor, do sol na terra,
A flôr modesta, producção sublime
De estranhos climas transplantada ao nosso.

Rio, 29 de janeiro de 1849.

O QUE MAIS DÓE NA VIDA

I cannot but remember such things were ,
And were most dear to me.

SHAKESPEARE.

O que mais dóe na vida não é ver-se
Mal pago um beneficio,
Nem ouvir dura voz dos que nos devem
Agradecidos votos,
Nem ter as mãos mordidas pelo ingrato,
Que as devêra beijar !

Não! o que mais dóe não é do mundo
A sangrenta calumnia,
Nem ver como s'infama a acção mais nobre,
Os motivos mais justos,
Nem como se deslustra o melhor feito,
A mais alta façanha!

Não! o que mais dóe não é sentir-se
As mãos d'um ente amado
Nos espasmos da morte resfriadas,
E os olhos que se turvão,
E os membros que entorpecem pouco e pouco,
E o rosto que descora!

Não! não é o ouvir d'aquelles labios,
Doces, tristes, compassivas,
Sobre o funereo leito soluçadas
As palavras amigas,
Que tanto custa ouvir, que lembrão tanto,
Que não s'esquecem nunca!

Não! não são as queixas amargadas
No triumphar da morte;
Que, se se apaga a luz da vida escassa,
Mais viva a luz rutila;
Luz da fé que não morre, luz que espança
As trevas do sepulchro.

O que dóe, mas de dôr que não tem cura,
O que afflige, o que mata,
Mas de afflicção cruel, de morte amara,
É morrermos em vida
No peito da mulher que idolatramos,
No coração do amigo!

Amizade e amor! — laço de flôres,
Que prende um breve instante
O ligeiro batel á curva margem
De terra hospitaleira;
Com tanto amor se ennastra, e tão depressa,
E tão facil se rompe!

Á mais ligeira ondulação dos mares,
Ao mais ligeiro sopro
Da viração — destranção-se as grinaldas;
E o baixel se afasta,
Veleja, foge, até que em plaga estranha
Naufragado soçobre!

Talvez permitte Deos que tão depressa
Estes laços se rompão,
Porque nos peze o mundo, e os seus enganos
Mais sem custo deixemos:
Sem custo assim a brisa arrasta a planta,
Que jaz solta na terra!

FLÔR DE BELLEZA

Não vejas!... se a vires... — Eu sei porque o digo:
Tu morres de amor.

MACEDO.

Se fosse rainha aquella
Em cuja fronte singela,
Como em tela delicada
Luz da belleza o condão,
Fôras rainha adorada;
Mas rainha seductora,
Que exige preitos n'uma hora
E n'outra hora adoração.

Fòras rainha! e ditosos
Teus vassallos extremosos,
Que a renderem-te seus preitos
Beijárão-te a nivea mão.
Pedes amor e respeitos!
Quem não ama a formosura,
Quem não respeita a candura
D'um sincero coração?

Mas antes que nos curvemos
Ante a belleza que vemos,
Tua angelica bondade
Conquista a nossa affeição:
Não es mulher, mas deidade,
Uma fada seductora,
Que nos pede amor agora,
Logo mais — adoração.

Quando pois, cheia de graças,
Entre a turba alegre passas,
Entre a turba sequiosa
De beijar-te a nivea mão;
Dizem uns: quanto é formosa!
Eu porèm sei que es mais bella
Nos dotes da alma singela,
Nas prendas do coração.

Passa rapida a belleza,
Como flôr que a natureza
Cria em jardim melindroso,
Ou n'um agreste torrão;
Passa como um som queixoso,
Como felizes instantes.
Como as juras dos amantes,
Como extremos da paixão.

Mas d'alma a vida é mais fina,
Exhala essencia divina,
Que avigora e fortifica
O dorido coração;
Morto o corpo, ainda fica,
Como em rosal arrancado,
Leve aroma derramado
Dos espaços na extensão.

O ANJO DA HARMONIA

Respira tanta doçura
O teu canto, que por certo
Abranda a penha mais dura.

BOCAGE.

Revela tanto amor, tão branda sôa
A tua doce voz canora e pura,
Que o homem de a escutar sente no peito
Infiltrar-se-lhe um raio de ventura.

Solta-se a alma das prisões terrenas,
O mundo, a vida, o soffrimento esquece,
E embalada n'um ether deleitoso,
Como Alcyon nas aguas, adormece!

Da noite a placidez é menos grata
A quem sósinho e taciturno vela,
Quando, perdido n'outros mundos, nota
A meiga luz de fugitiva estrella.

Sensações menos doces, menos vagas,
Desperta o barco leve, que se avista
Ao pôr do sol, na extrema do horizonte,
Quando n'um mar de luz nos foge á vista.

Das aves o cantar é menos fresco,
É menos triste a fonte que serpeia,
Menos queixoso o mar, que enternecido
Beija na praia a scintillante areia.

Vagas na terra, suspiroso archanjo,
Derramando torrentes de harmonia
Sobre as chagas mortaes, — balsamo sancto
Que as mais profundas mágoas allivia.

Vagas na terra, merencoria e bella ;
Mas quando deste mundo ao céo tornares,
Juntarás teus ternissimos accentos
Aos puros sons dos mysticos altares.

E os anjos na mansão das harmonias,
Encostados ás harpas diamantinas,
Folgarão de te ouvir celestes carmes
Deduzidos em notas peregrinas.

E dirão : — Nunca ás plagas do infinito
Subio mais terna voz, mais fresca e pura !
Se o corpo é de mulher, sua alma é vaso
Onde o incenso de Deos se afina e apura.

A HISTORIA

The flow and ebb of each recurring age.
BYRON.

Triste lição de experiencia deixão
Os evos no passar, e os mesmos actos
Renovados sem fim por muitos povos,
Sob nomes diversos se encadeião :
Aqui, além, agora ou no passado,
Amor, dedicação, virtude e gloria,
Baixeza, crime, infamia se repetem,
Quer gravados no socco de uma estatua,
Quer em vil pelourinho memorados.
Eis a historia ! — rainha veneranda,
Trajando agora sedas e velludos,
Depois vestindo um sacco desprezivel,
D'immunda cinza apolvilhada a fronte.

Se as virtudes do pobre não tem preço,
Tambem dos vicios seus a nodoa exigua
Não conspurca as nações ; mas ai dos grandes,
Que trilhão senda errada, a cujo termo
Se levanta a barreira do sepulchro,
Onde se quebrà a adulação sem força.
Se virtuoso, as gerações passando
As cinzas lhe beijarão ; se malvado,
Cospem-lhe affrontas na vaidosa campa,
Jámais de amigas lagrimas molhada.
E qual do Egypto nos festins funereos,
Maldizem bons e máos sua memoria,
Lançando á face da real mumia
Dos crimes seus a lacrymosa historia.

Talvez, porêm, um infortunio grande,
Um exemplo sublime de virtude,
Cobre dourada pagina, que aos olhos
Pranto consolador sem custo arranca.

Eis a historia ! um espelho do passado,
Folhas do livro eterno desdobradas
Aos olhos dos mortaes ; — aqui sem mancha,
Além golfeja sangue e súa crimes.
Tal foi, tal é : retrato desbotado,
Onde se mira a geração que passa,
Sem côr, sem vida, — e ao mesmo tempo espelho,
Que ha de ser nova copia á gente nova,
Como os annos aos annos se succedão :
Ondas de mar sereno ou tormentoso,
As mesmas na apparencia, que se quebrão
Sobre as d'areia fluctantes praias.

A CONCHA E A VIRGEM

Linda concha que passava,
Boiando por sobre o mar,
Junto a uma rocha, onde estava
Triste donzella a pensar ;

Perguntou-lhe : — Virgem bella,
Que fazes no teu scismar ?
— E tu, pergunta a donzella,
Que fazes no teu vagar ?

Responde a concha : — Formada
Por estas aguas do mar,
Sou pelas aguas levada,
Nem sei onde vou parar !

Responde a virgem sentida,
Que estava triste a pensar :
— Eu tambem vago na vida,
Como tu vagas no mar !

— Vais d'uma a outra das vagas,
Eu d'um a outro scismar ;
Tu indolente divagas,
Eu soffro triste a cantar.

— Vais onde te leva a sorte,
Eu, onde me leva Deos :
Buscas a vida, — eu a morte ;
Buscas a terra, — eu os céos !

SEI AMAR

Amor amore.
Proverbio.

Sei amar com paixão ardente e fida,
Como o nauta ama a terra, como o cégo
A luz do sol, como o ditoso a vida.

Sim, sei amar ; porèm do immenso pégo
D'uma existencia misera e cançada,
Quero uma hora, um instante de socego.

Dera a vida a uma alma apaixonada,
A um peito de mulher que me entendesse,
Onde eu pousasse a fronte acabrunhada.

Porêm, que fosse minha, e que eu soubesse
Que os labios que beijei são meus sómente,
Nem pensa em outro, nem de mim se esquece ;

Nem vai de prompto derramar demente
N'outros ouvidos a palavra, o accento,
Que em extasis de amor criei fervente ;

Nem corre o seu volatil pensamento,
Quando fallo, a pensar n'outros amores,
N'outra voz, n'outros sons, n'outro momento.

Demais, acostumado a teus rigores,
Não me queixo, bem vês, mas despedaço
A prisão vil, embora occulta em flôres.

Se entro furtivo, onde outro mais de espaço
Como senhor campeia — ao mais querido
Cedo o ingresso, ao mais ditoso o passo.

Não me contenta um coração partido,
Um só amor que a dous pertence, — um peito,
Que bate por dous homens, fementido.

Se eu unico não sou, — vil, não aceito
Ser segundo em amor ; — inteiro é nobre,
Vale um throno ; — partido, é dom tão pobre,
Qu'eu pobre, como sou, de altivo engeito.

ÁMANHÃ

Ámanhã ! — é o sol que desponta,
É a aurora de roseo fulgor,
É a pomba que passa e que estampa
Leve sombra de um lago na flôr.

Amanhã ! — é a folha orvalhada,
É a rôla a carpir-se de dôr,
É da brisa o suspiro, — é das aves
Ledo canto, — é da fonte o frescor.

Ámanhã ! — são acasos da sorte ;
O queixume, o prazer, o amor,
O triumpho que a vida nos doura,
Ou a morte de baço pallor.

Ámanhã ! — é o vento que ruge,
A procella d'horrendo fragor ;
É a vida no peito mirrada,
Mal soltando um alento de dôr.

Ámanhã ! — é a folha pendida,
É a fonte sem meigo frescor,
São as aves sem canto, são bosques
Já sem folhas, e o sol sem calor.

Ámanhã ! — são acasos da sorte !
É a vida no seu amargor,
Ámanhã ! — o triumpho, ou a morte ;
Ámanhã ! — o prazer, ou a dôr !

Ámanhã ! — o que val', se hoje existes !
Folga e ri de prazer et de amor ;
Hoje o dia nos cabe e nos toca,
De ámanhã Deos sómente é Senhor !

POR UM AI

Se me queres ver rendido,
De joelhos, a teus pés,
Por um olhar que me deites,
Por um só ai que me dês;

Se queres ver o meu peito
Rugindo como um vulcão,
Estourar, arder em chammas,
Ferver de amor e paixão;

Se me queres ver sujeito,
Curvado e preso á tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei;

Meus olhos sobre os teus olhos,
Meu coração a teus pés;
Por um olhar que me deites,
Por um só ai que me dês:

Oiça, feliz, dos teus labios
Esta só palavra — amor! —
Estrella cortando os ares,
Abelha sobre uma flôr.

Então verás dos meus olhos,
Que o pezar me não cegou,
Rebentarem de alegria
Prantos, que a dôr estancou;

Então verás o meu peito
Como outra vez se incendia:
Era a folha verde e fresca,
Onde o sol se reflectia!

Murcha e triste pende agora;
Cahio, jaz solta, está só:
Exposta ao fogo, arde em chammas,
— Deixai-a, desfaz-se em pó!

Hei de sentir outra vida,
Outra vez meu coração
Escutarei palpitando
De amor, de fogo e paixão.

Lascado tronco sem graça,
Tal fui, tal me vês agora!
Mas venha o orvalho celeste,
Venha o bafejo da aurora;

Venha um raio de alegria
Dar-lhe ás raizes calor;
Revive de novo, e brota
Folhas, galhos e verdor.

Do cimo erguido e copado
Outra vez se dependurão
Mil flôres, — alli mil aves
Nos seus gorgeios se apurão.

Não quero palavras falsas,
Não quero um olhar que minta,
Nenhum suspiro fingido,
Nem voz que o peito não sinta.

Basta-me um gesto, um aceno,
Uma só prova, — e verás
Minha alma, presa em teus labios,
Como de amor se desfaz!

Ver-me-has rendido e sugeito,
Captivo e preso á tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei!

PROTESTO

IMITAÇÃO DE UMA POESIA JAVANEZA.

Ainda quando os homens te odiassem,
E anath'ma contra ti bradasse o mundo,
Por ti sentira amor, te amára sempre,
Te amára eternamente.

Este affecto jámais ha de alterar-se;
Embora gemeos sóes ardão no espaço,
Ou gemeas noites, em cegueira eterna,
Me roubem o prazer de ver teus olhos.

Entranha-te na terra, hei de afundar-me;
Passa ao travez do fogo, irei comtigo;
Aos céos remonta, hai de seguir te sempre.
Ver-me has sempre a teu lado.

De ti não póde a força desprender-me,
Nem separar-me o fado. Em ti só vivo;
E quem dos dias teus souber o termo,
Que a vida me deixou tambem conheça.

Quando nas azas da esperança corro,
Onde me acenas, onde amor me aguarda,
Parece-me que vôo aos ledos campos,
Onde a esperança mora.

Não ha que possa comparar-se aos extasis,
Que tanto ao vivo meu amor revelão ;
Um gesto, um som dos labios teus mimosos
Mil vezes na minha alma se repete.

Quer irritada contra mim te mostres,
Quer do teu seio irosa me repillas,
Teu rosto na minha alma se retrata,
E eu te amo sempre!

Quer durma, quer descance, ou vele ou soffra,
Em tudo quanto sinto, em quanto vejo,
Risonha tua imagem me apparece,
E eu julgo sempre que te fallo e escuto.

Seja eu longe da patria infindas legoas,
A distancia de um mundo entre nós corra,
Emquanto além divago, preso fica
Meu coração comtigo.

Se pois souberes que os meus dias findão,
Não creias que o destino inexoravel
M'os corta — antes me tem, antes me julga
Morto por ti de amores!

FADARIO

Procura o íman sempre
Do pólo a firme estrella,
De viva luz o insecto
Se deixa embellezar ;

E a nave contrastada
Das furias da procella,
Procura amigo porto,
No qual possa ancorar.

O íman sou constante,
A nave combatida,
O insecto encandeado
Com fulgido clarão;
E tu — a minha estrella,
A luz da minha vida,
O porto que me acena
Por entre a cerração.

Assim, por desgostar-me,
Severa no semblante,
No olhar, na voz — debalde
Me opprime o teu rigor;
Se fujo dos teus olhos,
Se mostro-me inconstante,
Na ausencia e no desterro
Me vai crescendo o amor!

Assim o insecto volta
Á luz que o já queimára,
E o íman na tormenta
Procura o norte seu;
Assim a nave rota,
Que o vento contrastára,
Entrando o porto, esquece
Que males já soffreu.

Debalde pois tua alma,
Que a minha dòr enxerga,

Se mostra aspera e dura
Á voz do meu penar ;
Aquelle verde ramo,
Que facilmente verga,
Resiste ao peso, emquanto
Não torna ao seu lugar.

Se, pois, te irrita e cança
De o ver revel comtigo,
Do tronco seu virente
Separa-o de uma vez :
Mais qu'elle venturoso
Me julgo, se consigo
Morrer vendo os teus olhos,
Cahir junto a teus pés.

Mas, inda assim, não creias,
Se finda o meu tormento,
Que nem lembrança minha
Terás de conservar ;
A nave, que não toca
No porto a salvamento,
Talvez os rotos mastros
Atira á beira-mar.

Assim, quando jazendo
Me achar na campa fria,
Talvez tenhas remorsos
Da tua ingratidão ;
Talvez que por mim sintas
Alguma sympathia ;
Que em lagrimas desfeita
Me dês amor então.

O ASSASSINO

Pero una sola lágrima, un gemido
Sobre sus restos á ofrecer no vau,
Que es sudario d'infames el olvido...
Bien con su nombre en su sepulcro están!

ZORRILLA.

Eil-o! seu rosto pallido se encova;
Incerto, mais que os vôos d'um morcego,
Seu andar, ora lento, ora apressado,
Profunda agitação revela aos olhos.

Crespos os cenhos, enrugada a fronte,
Semelha luz de tocha mortuaria
A luz que os olhos seus despedem torvos.
Ha momentos em que seo rosto fero
De tal arte s'enruga e se transtorna,
Que os seus proprios amigos o fugírão
E a propria mãe temêra unil-o ao seio!
Quando os labios descerra, só murmura
Frases, cujo sentido não se alcança,
Ou blasfemias a Deos, que o soffre em vida!
O que amou n'outro tempo, agora odeia;
Despreza o que estimou; evita, foge
Quanto afanoso procurava outr'ora;
Receia a luz do sol, da noite as trevas,
A voz do crime, da innocencia o grito!

A cholera de Deos cahio tremenda
Sobre o seu peito, e o coração lhe opprime,
De cuja interna chaga em jorros salta
O sangue e a podridão: horrendo e fero,
A victima das furias do remorso,

Terrivel e cobarde, e ao mesmo tempo
Rebelde contra a mão, que o vexa e pune,
Emquanto a Deos maldiz, blasfema, irrita,
D'uma voz, d'uma sombra se amedronta.

Não póde supportar seus pensamentos
A sós comsigo, e aborrecendo os homens,
De os ver e de os não ver soffre martyrios.
Na cidade, suspeita esposa, amigos,
A mãe e os filhos ; — um terror, um pasmo,
Cuja causa recondita se ignora,
Na voz, no rosto e gesto o denuncião
Como escravo do crime ou da miseria.

No ermo a propria voz o sobresalta!
O som dos passos, do seu corpo a sombra,
Das fontes o correr por entre as pedras
Da brisa o suspirar por entre as folhas,
Quanto vê, quanto escuta o intimida.
Minaz lhe brada a natureza inteira,
Soluça um nome, que lhe erriça a coma
E o frio do terror lh'immerge n'alma.

O mar nas ondas crespas, que se enrolão,
Batidas pelo açoite da procella,
Troveja o mesmo nome ; as vagas dizem-no,
Quando passão, cuspindo-lhe o semblante ;
E Deos, o proprio Deos no espaço o grava
Nos fuzis que os relampagos centelhão.

Tem pavor, quando sonha e quando vela.
Deixando o leito em seu suor banhado,
No silencio da noite — a horas mortas,
Levanta-se medonho á voz do crime !
Nas mãos convulsas um punhal aperta
E a lamina buida e os olhos torvos

Agoureiro clarão despedem juntos.
Soltando roucos sons com voz sumida,
Apalpa cauteloso as densas trevas,
E vai... caminha... attende... de repente
Apunhala um phantasma! — solta um grito,
Larga o punhal convulso e arrepiado!
N'um ferrete de sangue lê seu fado,
Um ferrete, que a dôr não desfaz nunca,
Nem lava o pranto, nem consome o tempo.

Miseravel, provando o fel da morte,
Ante o passo medonho se horroriza;
Odeia o mundo que fugir não póde
Regeita a religião que o não consola,
Odeia e teme a Deos, — teme a justiça
De quem na fronte vil do fratricida
Nodoa eterna gravou do crime infando.

A UNS ANNOS

14 — Janeiro.

No segredo da larva delicada
A borboleta mora,
Antes que veja a luz, que estenda as azas,
Que surja fóra!

A flôr, antes de abrir-se, se recata;
No botão se resume.
Antes que mostre o colorido esmalte,
Que espalhe o seu perfume.

E a flôr e a borboleta, após a aurora
Breve — da curta vida,
Encontrão nas manhãs da primavera
A luz do sol querida.

De graças cheia, a delicada virgem
Da vida no verdor,
Semelha a borboleta melindrosa,
Semelha a linda flôr.

Tudo se alegra e ri em torno della,
Tudo respira amor,
Que é a virgem formosa semelhante
Á borboleta e á flôr.

Mas p'ra estas o sol breve se esconde,
Passão prestes os dias ;
Emquanto a cada sol e nova quadra
Tu novas graças crias !

QUANDO NAS HORAS

And dost thou ask, what secret woe
I bear, corroding joy and youth ?
And wilt thou vainly seek to know
A pang e'en thou must fail to soothe

BYRON.

I

Quando nas horas que comtigo passo,
Do amor mais casto, do mais doce enlevo,
Sentindo um raio d'esperança amiga,
Que as densas trevas da minha alma aclara,

Teus meigos olhos sobre os meus se fitão,
Sorvo o perfume que tua alma exhala,
Gozo o sorriso que os teus labios vertem
E as doces notas que o prazer m'entranhão;

Tu me perguntas porque um riso amargo,
Funebre e triste me descora os labios;
Porque uma nuvem de pezares grávida
Tolda o meu rosto;

Porque um suspiro de abafada angustia,
Um ai do peito, que exhalar não ouso,
O meigo encanto dos teus sonhos quebra
N'um breve instante!

Raio de amor, que sobre mim resplendes,
Ou sol que bates n'um profundo abysmo,
E a verde-negra superficie tinges
De côr chumbada com reflexos d'oiro;

Se vês luzente a superficie amiga,
E á luz que espalhas aclarar-se o abysmo,
Sol bemfazejo, que te importão fezes,
Se lá no fundo adormecidas jazem?

Talvez se as viras, encobrindo os olhos,
De horror fugindo ao temeroso aspecto,
Os brandos lumes, d'onde amor distillas
Breve apagáras.

Não me perguntes porque soffro triste,
Porque da morte o negro espectro invoco,
Porque, cansado desta vida, almejo
A paz dos tumulos.

Nem ver procures a cratera hiante
Do peito meu, qu'inda fumega em cinzas,
Do peito meu, onde crueis travárão
Pleitos, não crimes, mas paixões que abrasão.

Dá que nas horas que comtigo passo
Do amor mais casto e do mais doce enlevo,
Durma o passado e do porvir m'esqueça,
E o meu presente de te amar se ameigue.

II

Se algum suspiro de abafada angustia,
Se um ai do peito que exhalar não ouso,
O meigo encanto dos teus sonhos quebra ;
Tu me perdôa.

Cansado e triste de viver soffrendo,
Da morte amiga o negro espectro invoco,
Affiz-me ás dôres, e só tôrva idéia
Me apraz agora.

Talvez na pedra d'um sepulchro frio
Melhor folgára de me ver deitado,
Sentir nos olhos estancado o pranto
E amodorrado o padecer no peito.

Talvez folgára minha sombra triste,
Vagando em torno d'uma campa lisa,
De vêr-te as fórmas, de contar teus passos,
E de escutar tua oração piedosa.

Talvez folgára, quando pranto amargo
Dos olhos teus me rorejasse a campa,
Dos meigos labios, onde amor temperas,
Meu nome ouvindo !

Oh! sim, folgára de sentir a brisa,
Correndo em torno ao moimento meu,
E tu sósinha no sepulchro humilde,
Guardando os tristes deslembrados ossos!

Junto ao meu corpo guardarei teu leito,
Onde os teus restos junto aos meus descancem;
E o mesmo sol, e a mesma lua e brisa
Juntos nos vejão.

E quando o anjo espedaçar as campas
Ao som da trompa de fragor horrendo,
Que ha de o lethargo despertar dos mortos
Na vida eterna;

Primeiro em ti se fitaráõ meus olhos:
Hei de alegrar-me de te ver commigo,
E as nossas almas subirão reunidas
Á eterna face do juiz superno.

E deste amor, por que ambos nós passamos,
O galardão lhe pediremos ambos:
Viver unidos na mansão dos justos,
Ou nos tormentos da eternal gehenna!

III

No emtanto a vida supportar já devo,
Soffrer o peso da existencia ingloria,
E revolvendo o coração chagado,
Nos seus estragos numerar meus dias.

Na terra existo, como um som queixoso,
Um echo surdo que entre as fragas dorme,
Ou como a fonte que entre as pedras corre,
Ou como a folha sob os pés calcada;

Uma alma em pena, que procura os restos
Não sepultados, — uma flôr que murcha,
D'uma harpa a corda que por fim rebenta,
Ou luz que morre.

Prazer não acho de avistar lua
Pallida e bella na soidão do espaço ;
Nem vivos astros, nem perfumes gratos
Me dão consolo.

Nada percebo nos confusos roncos
Do mar, que vate as solitarias praias ;
Nem nos gemidos da frondosa selva,
Que o sopro amigo de uma aragem move.

Conviva infausto d'um festim, que odeio,
Ás proprias galas que vaidosa ostenta
A natureza — não se ri minha alma,
Nem de as notar meu coração se alegra.

E sinto o mesmo que sentira o frio,
Mudo cadaver dos festins do Egypto,
Se ver pudesse, contemplando o nada
Das vãs grandezas.

Mas já que os olhos sobre mim pousaste,
Teus meigos olhos, donde o amor lampeja ;
Pois que os teus labios para mim se abrirão,
Teus meigos labios ;

Já que o perfume da tua alma d'anjo
Embalsamou-me o coração de aromas ;
Já que os prazeres da eternal morada
De longe, em sonhos, antevi comtigo :

Já posso a vida supportar, já devo
Soffrer o peso da existencia inutil ;
Já do passado e do porvir me esqueço,
E o meu presente de te amar se ameiga.

RETRACTAÇÃO

Son reo, non mi difendo
Puniscimi, se vuoi!
METASTASIO.

Perdôa as duras frases que me ouviste :
Vê que inda sangra o coração ferido,
Vê que inda luta moribundo em ancias
Entre as garras da morte.

Sim, eu devêra moderar meu pranto,
Soffrear minhas iras vingativas,
Deixar que as minhas lagrimas corressem
Dentro do peito em chaga.

Sim, eu devêra confranger meus labios,
Mordel-os té que o sangue espadanasse,
Afogar na garganta a ultriz sentença,
Apagal-a em meu sangue.

Sim, eu devêra comprimir meu peito,
Conter meu coração, que não pulsasse ;
Apagado volcão, que inda fumega,
Que faz, que jorra cinzas ?

Que m'importava a mim teu fingimento,
Se uma hora fui feliz quando te amava,
Se ideei breve sonho de venturas,
Dormido em teu regaço ;

Luz mimosa de amor, que te apagaste,
Ou gota pura de crystal luzente
Filtrando os poros de uma rocha a custo,
Cahida em negro abysmo!

Devêra pois meu pranto borrifar-te
Amigo e bemfazejo, como aljofar
De branco orvalho em perolas tornado
N'um calice de flôr;

Não converter-se em pedras de saraiva,
Em chuva de granizo fulminante,
Que em chão de morte as petalas viçosas
Desfolhasse entre-abertas.

Feliz o doce poeta,
Cuja lyra sonorosa
Resoa como a queixosa,
Trépida fonte a correr;
Que só tem palavras meigas,
Brandos ais, brandos accentos,
Cuja dôr, cujos tormentos
Sabe-os no peito esconder!

Feliz o doce poeta,
Que não andou em procura
De terrena formosura
Nem as graças lhe notou!
Que lhe não deu sua lyra,
Que lhe não deu seus cantares,
Que lhe não deu seus pezares,
Nem junto della quedou!

Antes na mente escaldada
Forma um composto divino
De algum ente peregrino,
De algum dos filhos dos céos ;
E ante essa imagem creada,
Que vê sempre noite e dia,
Dobra as leis da phantasia,
Acurva os desejos seus.

É d'ella quando se carpe,
É d'ella quando suspira,
É d'ella quando na lyra
Entoa um canto feliz :
D'ella acordado ou dormido,
D'ella na vida ou na morte,
Tenha alegre ou triste sorte,
Seja Laura ou Beatriz !

Que talvez a doce imagem,
A scismada fantasia
Ha de o poeta algum dia
Junto de Deos encontrar ;
E que havendo-a produzido
Antes do mundo formado,
Dê-lhe um sonhar acordado
Por um viver a sonhar.

ANHELO

No lago interior d'um peito virgem,
Que os ventos das paixões não agitárão,
Hei de em cifras de amor gravar meu nome,
Onde as nuvens do céo desenhão côres.

Nos meigos olhos, que embelleza o mundo,
De corrosivas lagrimas enxutos,
Meu pensamento gravarei n'um beijo,
Onde as luzes do céo reflectem brilhos.

Em sua alma, onde uma harpa melindrosa
Noite e dia seus canticos afina,
Hei de a vida entornar em doces carmes,
Onde imagens do céo sómente brilhão.

Que outra c'rôa melhor, que outra mais pura,
Que uma c'rôa d'amor em fronte virgem ? !
Não pesa sobre a fonte, não esmaga,
Não punge o coração, — é toda amores !

Que outra c'rôa melhor, que outra mais bella
Que a aureola, que Deos concede aos vates?
Com sorriso de amor, talvez com pranto,
Cede-a o vate á mulher que mais o inspira !

Eu t'a cedo, eu t'a dou ! C'rôo-te imagem
Resplendente, invejada entre as mulheres ;
Um beijo só de amor tu me concedas,
Um suspiro sequer do peito exhales.

QUE ME PEDES?

Tu pedes-me um canto na lyra de amores,
Um canto singelo de meigo trovar? !
Um canto fagueiro já — triste — não póde
Na lyra do triste fazer-se escutar.

Outr'ora, coberto meu leito de flôres,
Um canto singelo já soube trovar ;
Mas hoje na lyra, que o pranto humedece,
As notas d'outr'ora não posso encontrar !

Outr'ora os ardores que eu tinha no peito
Em cantos singelos podia trovar ;
Mas hoje, soffrendo, como hei de sorrir-me,
Mas hoje, trahido, como hei de cantar ?

Não peças ao bardo, que afflicto suspira,
Uns cantos alegres de meigo trovar ;
Á lyra quebrada só restão gemidos,
Ao bardo trahido só resta chorar.

9 de março de 1849.

O CIUME

Oh ! quanta graça e formosura adorna
Teu rosto eloquente e vivo !
Se a sombra de um sorrir te afrouxa os labios,
Prestes outro sorrir dos meus rebenta ;
Se vejo os olhos teus, que chorar tentão,
Debalde o pranto meu represso engulo ;
Se do teu rosto as rosas se esvaecem,
Eu sinto de temor bater meu peito ;
E quando os olhos teus nos meus se fitão,
Nem pezares, nem dôres me dominão ;
Mas sinto que o meu peito se enternece,
Sinto o meu coração bater mais livre,
Sinto o sorriso, que me ri nos labios,
Sinto o prazer, que me transluz no rosto.
Sinto delicias n'alma !

Quanta belleza tens! — quer dessas graças,
Que o amor inveja — n'um saráu brilhante
No meio de bellezas, que supplantas,
Prazer e galas de as mostrar ressumbres;
Quer estejas sósinha e pensativa,
Quer viva e folgazã prazer incites;

Ou n'um corsel em páramos extensos,
Correndo afoita e louca, e o pé mimoso
Da carreira no afan por sob as vestes
Transparecer deixando;

Ou balançada n'um ligeiro barco,
Que de um lago tranquillo as aguas frisa,
Soltando a voz ás brisas namoradas,
Que de te ouvir suspirão;

Ou n'uma bronca penha descalvada
O mar e os céos contemples pensativa,
E a redeas sôltas do pensar divagues
Nos campos do infinito;

Es sempre bella: já teus olhos brilhem
Luz que fascina, ou morbidos reflexos,
Teus labios entre-abertos sempre exhalão
Calor, que incendio ateia.

Oh! que bella tu es, quando assentada
No teu balcão, ao refulgir da lua,
Manso te apoias em coxins de seda,
E o bello azul dos céos triste encarando
Pensas em Deos, — talvez no teu futuro,
Talvez nos teus pezares, — que na fonte
De limpha pura, crystallina e fresca,
Aquatica serpente usa occultar-se!

Mas como es bella assim! co'a mão sem força
Tirando sons perdidos, sons que encantão,
Sons qu'infundem prazer, sons d'harpa tristes!
Mas como es bella assim! — quando o teu peito
Entre a gaza subtil de leve ondeia!
Como a onda do mar pausada e fraca
Se abaixa, e empola, e mais e mais se achega
Á doce praia, onde os seus ais se quebrão,
Assim teu peito bate, e nos teus labios
Do extremo palpitar morre um suspiro.
Como d'harpa afinada a corda sôa,
Mal desfere seus sons outro instrumento,
Assim tambem minha alma se entristece,
Assim tambem meu peito arqueja e pula!

Eis porque amor me liga aos teus destinos,
Porque sou teu escravo, — bem que saiba
    Que se a tua alma a belleza
    Tem de um anjo a formosura,
    Não tens de um anjo a candura,
    Nem tens delle a singeleza!

Eis porque ardo por ti, porque padeço
    Do inferno crus tormentos!
Porque dos zelos mancha o fel minha alma
    De negros pensamentos!

Mas que importa este amor que me consome?
    Eu quero sentir dòr;
Quero labios que entornem nos meus labios
    Alento escaldador!

Quero fogo sentir contra o meu peito,
Quero um corpo cingir que eu sinta arder,
Quero beijos só teus, caricias tuas,
    Que dão morrer!

Que importa ao edificio que scintilla,
De roaz fogo tomado,
Ser por um raio abrasado
Ou por ignobil favilla?
É sempre ardor, sempre fogo,
Sempre d'incendio o clarão,
Sempre o amor que estúa e ferve
Como um gigante vulcão.

A NUVEM DOIRADA

(N'UM ALBUM.)

A nuvem doirada se espraia no occaso,
Roçando co'as franjas o throno de Deos;
A aguia arrojada seus vôos levanta,
Traçando caminhos nos campos dos céos!

Exhala perfumes a flòr do deserto,
Embora dos ventos o sopro fatal
Embace-lhe as côres, — e o mar orgulhoso
Suspira queixoso — no extenso areal.

E os bardos mimosos nos cantos singelos
Imitão as nuvens no incerto vagar:
Vão sós como as aguias, — exhalão perfumes,
Suspirão queixumes — das vagas do mar.

Por isso quem ama, quem sente no peito
Cantar-lhe das lyras a lyra melhor,
Os carmes lhes ouve, que os bardos só cantão
Saudades, perfumes, enlevos e amor!

SONHO DE VIRGEM

A D. A. C. G. A.

I

Que sonha a donzella,
Tão vaga, tão linda,
Bemquista e bemvinda
Na terra e no céo?
Que seisma? que pensa?
Que faz? que medita,
Que o seio lhe agita
Tão bravo escarcéo?

Que faz a donzella,
Se lagrimas quentes
Das faces ardentes
Lhe queimão a tez?
Que sonha a donzella,
Se um riso fagueiro,
Donoso e ligeiro
Nos labios lhe vês?

Que faz a donzella,
Que seisma, ou medita?
Talvez lá cogita
Fruir algum bem;
Então porque chora?
Se curte agras dôres
D'ingratos amores,
O riso a que vem?

Semelha a donzella,
Que ri-se e que chora,
A limpida aurora,
Que orvalha dos céos;
Não luz mais brilhante,
Não chora mais prantos,
Não tem mais encantos,
Que um riso dos seus.

II

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,
Aventar teus angelicos desejos,
Saber de quantas ledas fantasias,
De quantos melindrosos pensamentos
Um suspiro se nutre, um ai se gera!
Virgem, virgem de amor, que vais boiando
Á flôr da vida, como rosea folha
Que aragem branda sacudio nas aguas;
Que genio bom a magica vergasta
Em troco de um sorriso te concede?
Que poderosa fada te embalsama
A vida e os sonhos? — que celeste archanjo
Embala, agita as creações que idéas,
Como em raio do sol dourados átomos
Com que invisivel ser brincar parece?
Virgem, virgem de amor, quaes são teus sonhos?

III

Talvez quando o sol nasce, lá divisas
Na liquida extensão do mar salgado
    Correr com mansas brisas
Um ligeiro batel aparelhado.

As velas de setim brancas de neve
Rutilão d'entre as flammulas e còres,
E o barco airoso e leve
Nos remos voga de gentis amores.

Não formão rijos sons celeuma dura,
Nem a companha entre bulcões desmaia ;
Aragem fresca e pura
Doces carmes de amor conduz á praia.

Sonhas talvez nas orlas do occidente,
De um regato sentada á branda margem,
Ver surgir de repente
De uma cidade a caprichosa imagem !

Soberbas construcções fantasiando,
Vês agulhas subtis cortando os céos,
E a luz do sol doirando
Rutilos tectos, altos coruchеos.

Sonhas talvez palacios encantados,
Espaçosos jardins, fontes de prata,
Vergeis de sombra grata,
Onde a alma folga, isenta de cuidados.

Sonhas talvez, mas innocente Armida,
Passar a facil quadra dos amores,
Tendo em laço de flòres
Preso de quem mais amas peito e vida !

IV

Quem me dera saber quaes são teus sonhos?
Aventar teus mais intimos desejos,
E ser o genio bom que t'os cumprisse !

V

Nem só prazeres medita,
Nem só pensa em bellas flôres ;
Muitas ha que almejão dòres,
Como outras buscão amor :
É que as punge atra amargura,
Que o peito anceia e fatiga ;
É sêde que só mitiga
Talvez afflicção maior.

Quasi gozão, quando vertem
Um pranto cançado e lento ;
Quando um comprido tormento
Lhes derrete o coração :
Não é martyrio de sangue,
Como nas eras passadas ;
Mas ha lagrimas choradas,
Que tambem martyrio são.

Ha dôres que melhor ralão
Que provas d'agua ou de fogo,
Que ver apinhado o povo
N'um banquete canibal ;
Que sentir no amphitheatro
As vivas carnes rasgadas
Pelas presas navalhadas
De um fero lobo cerval.

VI

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,
Aventar teus mais fundos pensamentos,
E ser o genio bom que t'os cumprisse,
Quando fossem de amor teus meigos sonhos !

VII

Mas donde mana essa fonte
De inexplicavel ternura,
Que os golpes da desventura
Não podem nunca estancar;
Essa vida toda extremos,
Esse ardor de todo o instante,
Esse amor sempre constante,
Que nunca se vê mingoar?

Quizera, virgem donosa,
Saber a origem divina
Dessa fonte peregrina
De tanta luz e calor;
Então pudera em meus cantos,
Tratar dos teus meigos sonhos,
Formar uns quadros risonhos
De quanto sentes de amor.

Roubando as côres do Iris,
Das estrellas os fulgores,
O aroma que tem as flôres,
O vago que tem o mar;
Talvez pudera os mysterios,
As douradas fantasias,
As singelas alegrias
D'um peito virgem cantar.

MEU ANJO, ESCUTA

> Le mal dont j'ai souffert s'est enfui comme un rêve,
> Je n'en puis comparer le lointain souvenir
> Qu'à ces brouillards légers que l'aurore soulève
> Et qu'avec la rosée on voit s'évanouir.
>
> MUSSET.

Meu anjo, escuta: quando junto á noite
Perpassa a brisa pelo rosto teu,
Como suspiro que um menino exhala;
Na voz da brisa quem murmura e falla
Brando queixume, que tão triste cala
No peito teu?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Quando tu sentes luctuosa imagem
D'afflicto pranto com sombrio véo,
Rasgado o peito por acerbas dôres;
Quem murcha as flôres
Do brando sonho? — Quem te pinta amores
D'um puro céo?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguem te acorda do celeste arroubo,
Na amenidade do silencio teu,
Quando tua alma n'outros mundos erra,
Se alguem descerra
Ao lado teu
Fraco suspiro que no peito encerra;
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguem se afflige de te ver chorosa,
Se alguem se alegra co'um sorriso teu,

Se alguem suspira de te ver formosa
O mar e a terra a enamorar e o céo;
Se alguem definha
Por amor teu,
Sou eu, sou eu, sou eu!

OS BEIJOS

Amo uns suspiros quebrados
Sobre uns labios nacarados
A gemer, a soluçar;
Como a onda bonançosa,
Que n'uma praia arenosa
Vem tristemente expirar!

Amo ouvir uma voz pura,
Uns accentos de ternura,
Que trazem vida e calor;
Que se derramão a medo,
Como temendo o segredo
Revelar do occulto amor!

Amo a lagrima que chora
Terna virgem que descora,
Presa d'interna afflicção;
Amo um riso, um gesto vivo,
Um olhar honesto, esquivo,
Que alvoroça o coração.

Porêm mais que o olhar honesto,
Mais que o riso e brando gesto,

Mais do que o pranto a correr,
Mais que a voz, quando amor jura,
Que um suspiro de ternura
Que vem aos labios morrer;

Amo o leve som de um beijo,
Quando rompe o véo do pejo,
Mal sentido a murmurar:
É viva flôr de esperança,
Que nos promette bonança,
Como a flôr do nenuphar.

Mente o olhar, mesmo em donzella,
Mente a voz que amor assella,
Mente o riso, mente a dôr;
Mente o cançado desejo;
Só não mente o som de um beijo,
Primicias de um longo amor!

Beijos que são? Duas vidas,
São duas almas unidas,
Que o mesmo fogo consume:
São laço estreito de amores;
Porque são os labios flôres
De que os beijos são perfume!

Beijos que são? — Ai do peito,
Sello breve, laço estreito
D'um cançado bem querer;
Saibo dos gozos divinos,
Que nos labios femininos
Quiz Deos bondoso verter.

Já por feliz me tivera,
Triste de mim! se eu pudera

Dizer o que os beijos são :
Sei que inspirão luz e calma,
Sei que dão remanso á alma,
Que trazem fogo á paixão.

Sei que são flôr de esperança ;
Que nos promettem bonança,
Como a flôr do nenuphar :
Quem fruio um ledo beijo,
Ter não póde outro desejo,
Nada já póde gozar.

Sei que delles não se esquece
Triste velho, que esmorece
Á mingoa de coração :
Viva estrella em noite escura,
Viva braza em cinza pura,
Em neve algente um vulcão.

Sei que fruil-os uma hora
De ventura seductora,
É subir em vida aos céos,
É fugir da vida escassa,
Roubar ao tempo que passa
Um dos momentos de Deos.

Sei que são flôr de esperança,
Que nos promettem bonança,
Como a flôr do nenuphar !
Quem os fruio, o que espera ?
Já gozou, já não tem era,
Já não tem mais que esperar.

DESESPERANÇA

> Antes d'espirar el dia,
> Vi morir á mi esperanza.
>
> ZARATE.

Que m'importa do mundo a inclemencia
E esta vida cruel, amargada?
Des'que os olhos abri á existencia
Um vislumbre de amor não achei!
Nem uma hora tranquilla e fadada,
Nem um gozo me foi lenitivo;
Mas no mundo maldicto, em que vivo,
Quantas ancias, meu Deos, não provei!

Já bastante lutei com meu fado!
Quando outr'ora corri descuidoso
Traz de um bem, não real, mas sonhado,
Transbordava de sonhos gentis:
Eu julgava que a um peito brioso
Ou que a uma alma, que facil s'inflamma
Por virtudes, por gloria, ou por fama,
Era facil aqui ser feliz.

Via o mundo ao travez dos meos prantos
A sorrir-se p'ra mim caroavel,
Reflectindo celestes encantos,
Que era visto d'um prisma ao travez:
Hoje trevas em manto palpavel
Me circundão, — nem já por acerto
Vejo triste nos prantos, que verto,
Luz do céo reflectida outra vez!

Que me resta na terra? — Estas flôres,
Afagadas do sopro da brisa,
Disputando do sol os fulgores,
Balançadas no debil hastil;
Estas fontes de prata, que frisa
Brando vento, — estas nuvens brilhantes,
Estas selvas sem fim, susurrantes,
Estes céos do gigante Brasil;

Nada já me renova a esperança,
Que jaz morta, qual flôr resequida;
Só me resta a querida lembrança
Que o martyrio se acaba nos céos:
Foge pois, ó minha alma, da vida;
Foge, foge da vida mesquinha,
Leva timida esp'rança, caminha,
Té parar na presença de Deos!

Qu'estes gozos de ethereos prazeres,
Que esta fonte de luz que illumina,
Que estes vagos phantasmas de seres
Que scismando só posso enxergar;
Que os amores de essencia divina
Que eu concebo e procuro e não vejo,
Que este fundo e cançado desejo,
Deos sómente t'os póde fartar.

Vai assim a medrosa donzella,
Pura e casta na ingenua belleza,
Buscar luz á remota capella,
Branca cera na pallida mão:
Tudo é sombra, silencio e tristeza!
Mas ao toque do fogo sagrado,
Arde em chammas o cirio apagado,
Já rutila brilhante clarão.

SE QUERES QUE EU SONHE

> Sur mon front, où peut-être s'achève
> Un songe noir qui trop longtemps dura,
> Que ton regard comme un astre se lève,
> Soudain mon rêve
> Rayonnera.
>
> V. Hugo.

Tu queres que eu sonhe! — que ao menos dormido
Conheça alegrias, desfructe prazeres,
Que nunca provei;
Que ao menos nas azas de um sonho mentido,
Perdido — arroubado, tambem diga: amei!

Tu queres que eu sonhe! — não sabes que a vida
Me corre penosa, — que amarga por vezes
A propria illusão!
No pallido riso d'uma alma affligida,
Qu'invida — ser leda, qué dòres não vão!

Se o pranto, que os olhos cançados inflamma,
Nos olhos de estranhos sympathico brilha;
Mais agro penar
Do triste o sorriso nos peitos derrama,
Se a chamma — revela, que almeja occultar.

Sonhando, percebo na mente agitada
Um mar sem limites, areias fundidas
Aos raios do sol;
E um marco não vejo perdido na estrada
Cançada, — náo vejo longinquo farol!

E queres qu'eu sonhe! — Nas aguas revoltas
O nauta, ludibrio d'horrenda procella,
Se póde dormir,

As vagas cruzadas, em sustos envoltas,
Ás soltas — escuta raivosas bramir.

Talvez porêm sonha que as ondas mendaces
O levão domadas á terra querida,
Qu'entrou em seus lares!...
E triste desperta, que os ventos fugaces
Nas faces — a espuma lhe atirão dos mares.

Se queres que eu sonhe, — que alguma alegria
Dormido conheça, — que frúa prazeres
D'um placido amor;
Vem tu como estrella da noite sombria,
Que enfia — seus raios das selvas no horror,

Brilhar nos meus sonhos. — Então socegado,
Seismando prazeres, que n'alma s'entranhão;
D'um riso dos teos
Coberto o meo rosto, — fugíra o meu fado
Quebrado — aos encantos de um anjo dos céos.

Vem junto ao meu leito, quando eu fôr dormido,
Que eu sinta os perfumes que exhalas passando;
Não soffro — direi:
E ao menos nas azas de um sonho mentido,
Perdido — arroubado, talvez diga: — amei! —

O BAILE

Sonemos gozando
Fortuna tan vana,
Y el sol de mañana
Que vea al salir
Que al son de la orquesta
Danzando en la fiesta,
No es carga funesta
La vida feliz.

ZORRILLA.

As salas vão-se enchendo, as luzes brilhão
Nos prismas de crystal repercutidas,
Emquanto as flôres
Dos bufetes nas jarras coloridas
Acres odores
Soltão ; ao mar de luzes misturando
D'innocente perfume outro mar brando.
Com requebros e amor gentis donzellas,
Em riso e festa,
Medindo os passos
Aos sons da orchestra,
Pendem dos braços
Do namorado, lepido galan !
Esta risonha, aquella pensativa,
Outra menos esquiva,
Attenta ás vozes, que o prazer lhe entranhão,
E á fraze corteză
Que lhe entorna a lisonja nos ouvidos ;
Vão descuidosas,
Nos labios risos,
Nas faces rosas,
Dando fé a protestos fementidos.

Triunfo ás bellas! o prazer começa :
Correm nas taças vinhos espumosos,
Gratos licores ;
Tangida pela mão dos Trovadores
Desfaz-se a lyra em sons melodiosos,
Em cantico de amores.
Soltão mais viva luz as brancas velas,
Melhor perfume as flôres.
Activa-se o prazer ; triunfo ás bellas!

Aqui, alli, álêm, mil rostos meigos,
Da walsa ao gyro rapido se mostrão,
De gemmas ennastrados os cabellos ;
E o peito que anhelante
Palpita entumecido
Nas ondas do prazer ebrifestante,
D'um leve colorido
Banha o semblante,
Que mais e mais co'a noite se enrubece :
Triunfo ás bellas, — o prazer recresce !

Perdido emtanto neste mar de luzes,
Mar de amor, de perfumes, que me inunda,
Contemplo indifferente
Quanto em redor diviso :
E entre tanto ruido e tanta gente,
Nem um sorriso
Verdadeiro, innocente !
Nem um sincero raio de alegria,
Nem um peito contente
Neste mar de perfumes e harmonia!

Então digo entre mim : — Talvez aquella,
Que tem melhores côres,
Que mais leda se mostra,
Que mais feliz no gesto se revela,

Sente mais finas dôres;
O intimo desgosto,
A febre que a devora
Lhe dá calor ao rosto,
E no silencio chora,
Pressa de uma afflicção devoradora.

Uma tristeza funda, inexprimivel
O coração me anceia;
E triste e solitario n'um recanto,
Nunca mais solitario, nem mais triste
Do que entre a multidão que me rodeia,
Não encontro maior, mais doce encanto
Que deixar-me arrastar por uma ideia,
Que me avassalla a mente.
Que m'importa esta gente,
Estes rostos que vejo e não conheço,
E o riso a que mil outros dão apreço?
Esta fingida alegria,
Esta ventura que mente,
Que será dellas ao romper do dia?
Destas virgens louçãs as mais mimosas
Mortas serão talvez antes que murchem
Do branco rosto as encarnadas rosas!
Grinaldas festivaes, que a morte espalha
No lugubre terreiro;
O pó as enxovalha,
Murchas aos pés do esqualido coveiro!

DESALENTO

Without a hope in life!

CRABBE.

Nascer, lutar, soffrer! — eis toda a vida:
D'esperança e de amor um raio breve
Se mistura e confunde
As cruas dôres d'um viver cançado,
Como raio fugaz que luz nas trevas
Para as tornar mais feias!

Da verde infancia os sonhos melindrosos,
Nobres aspirações da juventude,
Amor de gloria estulto,
Com que mais alto a mente se extasia;
São vãos phantasmas, que produz a febre,
São illusões que mentem!

São as folhas virentes arrancadas
D'um arbusto viçoso, antes que brotem
Da primavera as flôres;
A pennugem que nasce antes das azas,
Um esteril botão que não dá flôres,
Ou flôr que não dá fructos!

Foge, mancebo, lá te espreita o mundo!
Como areias d'um páramo deserto,
Resequido, abrasado,
Provoca o teo soffrer, teo pranto espreita,
Sedento almeja as lagrimas, qu'entornas
Nos areaes da vida.

S'inda tens coração, hão de esmagar-te ;
As setas da calumnia irão cravar-t'o
Na parte mais sensivel :
Se tens alma, se electrico palpitas
De patria e de virtude aos nomes sanctos,
Foge outra vez ao mundo.

Não queiras, n'um accesso doloroso,
Ás mãos ambas ferindo o peito credulo
Exclamar delirante :
« Minha patria onde está ? — Onde estes homens,
« Que a par de meos irmãos amar devêra,
« Da mesma patria filhos ?

« E a virtude tambem, onde hei de achal-a ?
« Se é mais que nome vão, onde é que existe ?
« Onde é que se pratica ?
« Se os modernos Catões a graça esmolão
« Do rei — ou, cortezãos da populaça,
« Rojão por terra ignobeis !

« Se a mão do poderoso, a mão dourada
« Do crime impune — esbofeteia as faces
« Do homem vil, que a beija !
« Oh ! meos irmãos não são, não são os filhos
« Desta patria que eu amo ; — torce o rosto
« De os vêr a humanidade. »

Despe-se a vida então dos seos encantos,
E o homem na lembrança revivendo
O percorrido estadio,
Tem por marcos de estrada o monumento,
Com que os mais fortes laços se desatão,
— A pyramide e a campa !

Do sonho juvenil murchas as côres,
Sem illusões, sem fé — nublado, escuro
O presente e o porvir,
No crepe d'abortadas esperanças
S'envolve — e os olhos tesos no sepulchro,
A tarda morte aguarda!

Mas eu, qual viajor, vago perdido
Pela face da terra! — amigo lume
Não me convida ao longe;
E ao sentar-me na mesa dos estranhos,
Digo: — longe serei antes do occaso; —
E a divagar prosigo.

Mal aceito conviva me despeço!...
As calumnias que soffro, a dôr que passo,
Não me ferem profundas;
Bem como a rôla, que das matas desce,
E nas azas recebe o pó da estrada,
Que voando sacode.

Minha hora derradeira sôe em breve,
A só esperança que aos mortaes não falha!
Eu morrerei tranquillo;
Bem como a ave, ao pôr do sol, deitando
Debaixo d'aza a timida cabeça,
Da noite o somno aguarda.

A QUEDA DE SATANAZ

(TRADUCÇÃO.)

Eis que tomba da abóbada celeste
O archanjo audaz, o seraphim manchado,
Desenrolando o corpo volumoso,
Despenhado precípite, — qual mundo
Dos eixos arrancado, — como um vivo
Dos céos fragmento enorme, eil-o cahindo!
Cahia lá d'aquelles céos brilhantes,
Donde inda os seos iguaes lançavão raios;
Cahia! — e a cerviz no espaço ardendo
As espheras dos sóes de côr de sangue,
Passando, avermelhava.

Eil-o, o maldicto, o archanjo da blasfemia,
Rival do Creador! — té o imo peito
Pelas frechas da anáthema varado,
Como n'um turbilhão, desce rodando;
Ondas d'um mar de fogo o vem cercando,
E elle occulta a cabeça,
Como que procurasse
Nas entranhas da noite
Esconder seu desdoiro.

Clamavão — longe — os mundos com voz forte:
« Que insensato! onde vae? Nesse arrojado,
Frenetico voar, que vento o impelle,
Que de astro em astro vae, d'um céo em outro?
Vêde como é sombrio!
Oh! quão outro que está d'aquelle archanjo
De tão bello semblante,
Lucifer radiante,

Cujo sopro era como o romper d'alva,
Que as portas da manhã nos céos abria,
Trazendo comsigo a aurora
Que o seo alento accendia!
Acaso o reconhecestes?
Era hontem brilhante, novo e bello;
E hoje é feio e nu e descalvado,
Nas azas da tormenta balouçado,
Nas azas dos bulcões;
E os seos olhos fulminados
Já sem pupillas fumegão,
Quaes crateras de vulcões! »

O archanjo os escutava, ameaçando-os
Co'o olhar fulminante;
Que cheio d'impio orgulho já sentia
Uma c'rôa de rei cingir-lhe a fronte.
Todos os astros que no espaço gyrão
Seos olhos d'irritados fascinavão:
E os astros todos de terror tremião,
Saudando a coruscante realeza.

E já os céos sem fim, estrellas, mundos
Traz delle se perdêrão;
E nas profundas solidões do espaço
O archanjo abandonado apenas via
A noite, e sempre a noite!
Tem medo, olha, procura...—Um astro! um astro
Transviado nos céos! — O archanjo o avista!
Estende a mão convulsa arrepellando-o:
Segura, arrasta-o, e d'um só pulo hardido
Tral-o potente ao limiar do inferno,
Alentando açodado.

O errante cometa duas vezes
Ao tetro boqueirão levou comsigo,
E duas vezes, como um negro abutre,
Lutando corpo a corpo, de cançaço
Sentio-se esmorecer.
Duas vezes tambem o astro victima,
Supplicando medroso, as igneas azas
Bateu, sublime grito aos céos mandando :
O nome do Senhor por duas vezes
O rebelde venceo, — elle sósinho
Cahio no fundo abysmo.

CANÇÃO DE BUG-JARGAL

(TRADUCÇÃO.

Maria, porque me foges,
Porque me foges, donzella ?
Minha voz ! o que tem ella,
Que te faz estremecer ?
Tão temivel sou acaso ?
Sei amar, cantar, soffrer.

E quando ao travez dos troncos
Descubro d'altos coqueiros,
Junto ás margens dos ribeiros,
A sombra tua a vagar ;
Julgo vêr passar um anjo,
Que os meos olhos faz cegar.

E dos labios teos se escuto
Deslisar-se a voz, Maria,

Cheio de estranha harmonia
Pulsa o peito meo queixoso,
Que mistura aos teos accentos,
Tenue suspiro afanoso.

Tua voz! eu quero ouvir-t'a
Mais do que as aves cantando,
Que vem da terra voando,
Em que eu a vida provei;
Da terra onde eu era livre,
Da terra onde eu era rei!

Liberdade e realeza,
Hei de perder da lembrança;
Familia, dever, vingança...
Té a vingança m'esquece,
Fructo amargo e deleitoso,
Que tão tarde amadurece!

Es, Maria, qual palmeira,
Altiva, esbelta, engraçada,
No tronco seo balançada
Por leve brisa fagüeira;
No teo amante a rever-te,
Como na fonte a palmeira.

Mas não sabes? — Do deserto
A tempestade valente
Corre as vezes de repente
Por acabar apressada
Com seo halito de fogo
A palmeira, a fonte amada!

E a fonte já mais não corre!
Sente a verdura sumir-se

A palmeira, e contrahir-se
A palma sua ao redor,
Que de cabellos dava ares,
De c'rôa tendo o 'splendor.

D'Hespaniola ó branca filha,
Teme por teo coração;
Teme a força do vulcão
Que vai breve rebentar!
Que, depois, amplo deserto
Só poderás contemplar!

Talvez que então te arrependas
De me haveres desdenhado,
Porque houveras encontrado
Salvação no meo amor;
Como o kathá leva á fonte
O sedento viajor.

Porque assim tu me desdenhas,
Não, Maria, não o sei;
Que d'entre as frontes humanas
Entre as frontes soberanas,
Levanto a fronte; sou rei.

Sou preto, sim, tu es branca;
Mas qu'importa? Junto ao dia
A noite o poente cria
E cria a aurora tambem,
Que mais luzentes bellezas,
Mais doces do que ambos tem.

AGAR NO DESERTO

> Et abiit, seditque e regione procul quantum potest arcus jacere : dixit enim : non videbo morientem puerum : et sedens contra, levavit vocem suam et flevit.
>
> *Genesis*, cap. 21, 16.

Pallido o rosto e queimado
Pelo sol do Egypto ardente,
Sahia a escrava innocente
Co' o filho innocente ao lado
Da tenda patriarchal.
A probresinha chorava!
Alguns pães e um frasco d'agoa
E um peito cheio de magoa!...
Vê, contempla, ó triste escrava,
Teo sepulchro no areal.

Abrahão se compadece;
Mas debalde o sollicita
Piedade sancta, — de afflicta
Sem queixar-se, lhe obedece
A triste escrava do amor.
Quizera talvez detel-a...
Porêm que? — Sarai lh'implora,
Deos lhe ordena : — vae-te embora,
Vae-te, escrava ; e a tua estrella
Te depare outro senhor.

O sol brilhante nascia
Sobre as tendas alvejantes ;
E n'outros pontos distantes
Combros d'areia feria,
Outr'ora leito d'um mar :

Esse caminho procura,
Que nas ondas do deserto
Talvez ache por acerto
Patria, abrigo, amor, ventura
A prole infausta d'Agar.

Vae, caminha ; mas ao passo
Que no deserto s'entranha,
Arde o sol com furia estranha,
Racha a areia o pé descalço,
Cresta o vento os labios seos ;
E ao lado o filho innocente
Soltava tristes gemidos,
Co'os olhos humedecidos
Fitando a mãe ternamente,
Que os olhos tinha nos céos !

Procura terras do Egypto ;
Porêm debalde as procura :
Vae a triste, sem ventura,
Lento o passo, o rosto afflicto,
Pela inculta Bersabé.
Seo Ismael desfallece ;
No deserto immenso, adusto,
Não enxerga um só arbusto :
Jehovah delles s'esquece !
Cresce a dôr, e mingúa a fé.

Pede sombra o triste infante ;
Não ha sombra : — agoa supplíca ;
Exhaurido o vaso fica,
Pede mais d'instante a instante...
Pobre escrava, oh ! quanto dó !
Pudesses rasgar as veias,
Tornar agoas innocentes

Tuas lagrimas ardentes;
Mas só vês d'um lado areias,
D'outro lado areias só.

Pois não ha quem o proteja,
Diz a escrava lá comsigo,
Vendo o fado seu imigo,
Meu filho morrer não veja,
Bem qu'eu tenha de morrer.
A um tiro d'arco distante
Se arrasta com lento passo,
Tomba o corpo enfermo e lasso,
E amargo pranto abundante
Deixa dos olhos correr.

Deos porêm ouvira a prece
Da escrava, da mãe coitada,
E da celeste morada
Librado um archanjo desce
Nas azas da compaixão.
Expira em torno ar de vida,
Um aroma deleitoso,
E n'um sonho aventuroso
Agar seus males olvida,
Olvida a sua afflicção.

Dorme e sonha, ó triste escrava,
Deos senhor sobre ti vela!
Dorme e sonha: — a tua estrella
Nasce como um romper d'alva
Sobre os netos d'Ismael.
Esquece a sorte mesquinha,
Que te vexa, — esquece tudo;

Deos senhor é teu escudo ;
Já não es serva, es rainha
D'outro reino d'Israel.

Como quando elevados nas alturas
Descobrimos incognitas paisagens,
Densas florestas, aridas planuras
E de rios caudaes virentes margens ;

Assim da vida o sonho te arrebata,
Rasgando o véo do tempo e do infinito,
E uma scena vistosa te retrata,
Que vai da Arabia ao portentoso Egypto.

Vê como o filho teu, feroz guerreiro,
Nos prainos do deserto eleva as tendas,
E, posto a seus irmãos sempre fronteiro,
Provoca e trama asperrimas contendas !

São doze os filhos — doze reis potentes —
Com elles Ismael tudo avassalla ;
Sua espada é a lei das outras gentes,
Seus decretos os campos da batalha.

A sorte seus designios favoneia,
Segue seus passos a benção divina,
Povôa-se Faran, surge d'areia
De Meca o templo, os paços de Médina.

Crescem, dominão ; largo reino ingente
Mesquinha habitação presta a seus netos,
Convertida em nação a grei potente,
Que opprime a cerviz mobil dos desertos.

Mas entre os filhos seus de nomeada,
Sup'rior dos heroes á grande altura,
Na sinistra o alkorão, na dextra a espada,
A effigie tôrva de Mahomet fulgura.

Curva-se a Arabia emtanto, a Palestina
Á sua lei, da Persia o reino antigo ;
Escutão Asia e Africa a doutrina
Do embusteiro que em Meca achou jazigo :

Mensageiro divino se declara
Aquelle que illudido o mundo adora ;
Agar é mãe, — pela vergontea cara,
Entre orgulhosa e triste, a Deos implora.

Peccou ; porêm da gloria que o circunda
A roxa luz, que o meteoro imita,
De vivo resplendor a fronte inunda,
Commove o peito á misera proscripta.

Curvado ao jugo seu todo o oriente,
Inda cubiça a Europa o Ismaelita ;
E em frente á cruz, o pallido crescente
Apparece nas torres da mesquita.

Oh ! quanto humano sangue derramado !
Que de prantos e lagrimas vertidas !
Entre irmãos o combate é porfiado,
A raiva intensa, as lutas mal feridas.

De avistar esse quadro tão medonho,
Embora no porvir todo escondido,
A escrava tenta orar ; porêm no sonho
Resume a prece em languido gemido.

Geme de vêr em furia carniceira
A espoza de Mahomet desrespeitada,
E do seu genro a dynastia inteira
Por duro azar de guerra contrastada.

Succedem-se os Omíades valentes!
Do seu ultimo rei, oh dôr! se coalha
O sangue na mesquita; entre essas gentes
Vinga o punhal a sorte da batalha.

O vencedor então, não poucas vezes,
Chegando á bocca a taça corrompida,
Exp'rimenta os tristissimos revezes
De quem sobre os trophéos exhala a vida!

Tudo é silencio e luto: — um só evita
O negro olvido, — ao templo da memoria
Vôa Al-Reschid, — unindo á gloria avita
O louro da sciencia e o da victoria.

Com seu vizir á noite, pelas ruas
Escuta dos estranhos mercadores
A gloria d'outros reis, menor que as suas,
E espreita do seu povo occultas dôres!

Se ouvio a narração d'uma desgraça,
Se o pobre vê curvado á prepotencia,
Se o convidão a entrar, quando elle passa,
No abrigo do infortunio e da innocencia,

Entrou e vio! mas o fulgor crastino
Ri-se mais brando aos peitos soffredores;
Passa o rei, como orvalho matutino,
E, por onde passou, rescendem flôres!

Mudado o sonho, a fugitiva escrava
Estranhos povos nota, estranhas terras,
Que o Darro ensopa e o Guadalete lava,
Nadando em sangue de cruentas guerras.

Quem foi que as altas portas
Abrio d'Hespanha aos mouros;
Que poz os verdes louros,
Dos reis godos conquista,
Ás plantas do infiel?
De tantos males causa
Tu foste, ó rei Rodrigo,
Tornando infesto, imigo,
O nobre conde, outr'ora
Vassallo teo fiel.

Debalde o affecto encobres
Do refalsado peito,
Se vais furtivo ao leito
Da virgem, que se mostra
Rebelde ao teo amor:
Qu'es godo e rei t'esqueces!
E o nobre resentido
Da offensa que ha soffrido,
No teu exemplo aprende
A ser tambem traidor.

Emquanto pois devassas,
Com torpes pensamentos,
Os regios aposentos
Da nobre moça, — a c'rôa
Te cáe da fronte ao chão;

E o pae, que a affronta punge,
Turbado, ardendo em ira,
Aos pés do mouro a atira.
O rei, que planta crimes,
Recolha vil traição.

Ah! sus, ó rei, ás armas!
Empunha a larga espada,
E a fronte sombreada
Co'o negro elmo — deixa
Tingir-se em nobre pó:
D'encontro ás alas densas
Do barbaro inimigo
Debalde, ó rei Rodrigo,
Te arrojas! — vence a força,
Foges vencido e só!

Vai só; mas occultando
No manto d'um soldado
O rosto demudado,
Emquanto passo o campo,
Escasso leito aos seos:
Ai! triste rei cahido!
Na solitaria ermida,
Que abriga a inutil vida,
No pó collada a fronte,
Lembra-te emfim de Deos.

Lembrem-te os muitos erros
E o crime grave, emquanto
As mães godas em pranto
O nome teu maldizem,
E ao céo clamando estão;

Emquanto pela Iberia
O arabe audaz e forte
Espalha o susto, a morte,
Por onde quer que solta
Ao vento o seu pendão.

Passão avante, calcão
Dos Pyrenêos as serras,
Levando cruas guerras
Ao dilatado imperio
Do intrepido gaulez.
Debalde o grande Carlos
Oppõe-se-lhes, — que a historia
Nos traz inda á memoria
Dos tristes Roncesvalles
O misero revez.

Porèm do largo imperio
De Cordova e Granada
A c'rôa cahe pesada
Na fronte amollecida
Do moço Boabdil.
O fraco teme os echos
Ouvir da accesa guerra,
E perde a nobre terra,
Ganhada em mil batalhas,
Com pranto feminil.

Depois, inda outros quadros
Enxerga no futuro;
Mais é um ponto escuro,
São fórmas vagas, postas
Em duvidosa luz.

Já naves são, já hostes,
Tropel de varia gente,
Que parte do occidente,
Em cujos peitos brilha
De Christo a roxa cruz.

Agar emfim acorda!
Sustendo o filho caro,
Pelo deserto avaro
S'entranha novamente,
Mais solto o coração.
Parece que já sente
No rosto ao bello infante
A gloria radiante,
Que espera os descendentes
Da forte geração.

E como Deos lhe ha dito,
Seus filhos são guerreiros,
Que a seus irmãos fronteiros
Cruentos prelios movem:
Temidos são; porèm
As filhas desses bravos,
Da vida sequestradas,
Escravas são coitadas,
Que da materna origem
Recordão-se no Harem.

Vai, caminha, oh triste escrava,
Deos Senhor sobre ti vela;
Vai, caminha: a tua estrella
Nasce como um romper d'alva
Sobre os netos d'Ismael.

Esquece a sorte mesquinha
Que te vexa, esquece tudo;
Deos Senhor é teu escudo:
— Já não es serva, es rainha
D'outro reino d'Israel.

HYMNO

O MEU SEPULCHRO

> Éléve-toi, mon âme, au-dessus de toi-même,
> Voici l'épreuve de ta foi!
> Que l'impie, assistant à ton heure suprême,
> Ne dise pas : Voyez, il tremble comme moi!
>
> LAMARTINE. — *Harmonies.*

Quando, os olhos cerrando á luz da vida,
O extremo adeus soltar ás esperanças,
Que na terra nos guião, nos confortão
E espação do porvir a senda estreita ;
Quando, isento de miseros cuidados,
Disser adeus ás illusões douradas,
Mas com ellas tambem ás dôres cruas
Da existencia — aos espinhos ponteagudos,
Com que a verdade o coração nos roça ;
Quando tocada não sentir minha alma
Da luz, dos sons, das côres, das magias,
Que a natureza prodiga derrama
No regaço da terra — mais ditoso
Serei acaso então? — Quando o meu corpo
Á terra, mãe commum, pedindo abrigo
Dos sepulchros no valle em paz descance ;
Hei de ser mais feliz porque m'o cobre
Pomposo mausoléu, em vez da pedra
Sem nome, em vez do tumulo de céspedes,

Que s'ergue junto á estrada, e ao viandante,
Ao que alli passa, uma oração supplíca?
Oh! não! — ao encalmado é grata a sombra;
Grato descanço aos membros fatigados
Presta igualmente a relva das campinas
E os torrões pelo sol enrijecidos.
Como o trabalhador que a sésta aguarda,
O meu termo fatal sem medo espero!
Eu então pedirei silencio á morte,
E fresca sombra á sepultura humilde,
Que me receba, — e a cuja superficie
Morrão sem echo da existencia as vagas.

Humilde seja embora! Que m'importa
Que a mão d'habil artista me não talhe
Mentiroso epitaphio em preto marmor!
O moimento faustoso, que se erige,
Arranco da vaidade, sobre a campa
De um corpo transitorio, acaso empece
Aos que alli pascem, vermes esfaimados,
De roerem-lhe as visceras?! — Solemnes
São da campa os mysterios; mas terrivel
É da morte a rasoura, que nivela
O rico ao pobre, e os berços differentes
Torna um féretro, um leito de Procusto,
Capaz de quanta dôr os homens soffrem:
Tão depressa o cadaver se corrompe
Nas amplas dobras do velludo envolto,
Como embrulhado na mortalha exígua,
Que a religiosa caridade amiga,
O pudor dos sepulchros venerando,
Lança do pobre aos restos desprezados.

Os felizes do mundo, acobardados
Ante a imagem da morte, que os assalta,

Temem deixar a terra, onde tranquilla,
Quasi livre de dòr, entre delicias,
Como um rio caudal lhes corre a vida.
Horrorisão-se timidos, — supplicão
Á cruel, que os não leve, que os não roube
Á senda matizada, onde os seus passos
Deslisão-se macios — ás caricias
D'um seio, que lhes presta brando encosto.
O fio da esperança os liga forte
A um corpo que declina, como os lios
De enrediça tenaz prendida á copa
D'uma arvore comida: amedrontados,
Como das fauces negras d'um abysmo,
Do pavoroso tumulo recuão.

Mas eu, que vago sòlto, como a folha,
Como o fumo subtil; que não limito
Nos terminos da terra os meus desejos,
Folgo de vêr os renques dos sepulchros
No chão da morte largamente esparsos!
Quasi me alegra vel-os. Tal no exilio
Contempla á beira-mar o degradado
Devolverem-se as vagas, — e saudoso
Da patria sua tão distante — as conta;
Uma por uma as interroga, e pensa
Qual d'aquellas será que o leve e atire,
Naufrago embora e semimorto, ás praias,
Por que chorão seus olhos. — No desterro
Me contemplo tambem, — como elle, choro
A patria, o íman dos meus sonhos gratos.
Abra-se funda a cova ante os meus passos:
Um só delles da morte me separe!...
E esse passo andarei, como quem pisa,

Depois de viajar remotos climas,
O patrio solo, e as auras perfumadas
Do bosque, amigo seu na leda infancia,
Bebe de novo, e de as gozar se applaude.
Hora do passamento! es da existencia
O momento mais sancto, o mais solemne:
Assim o rubro sol, quando no occaso
Em turbilhões de purpura se afunda,
Nos morredouros, despontados raios
Saudoso, extremo adeos á terra envia.
Tal o esposo se aparta suspiroso
E nas azas da brisa manda um beijo
Á esposa, que de o ver partir se enluta,
Rôla que vaga na amplidão das selvas.

Cheio de melancholica incerteza,
Dir-te-hei: bem vinda,—ô morte! quando os olhos
Voltar atraz na percorrida estrada;
E chorarei talvez, como quem deixa
O carcere medonho, onde engastada
Nas escarnas da dôr gemeu sua alma
Largos annos de antigo soffrimento;
O carcer qu'inda as lagrimas lhe verte
Das humidas paredes, cujos echos
Inda parecem, na soidão da noite,
Repetir seus tristissimos accentos.

Oh! quão formosa a vida se revela
A quem já bate ás portas do infinito,
Encostado aos umbraes da eternidade,
A vez extrema contemplando o mundo!
A folha já myrrada, a pedra sôlta,
A flôr agreste, a fonte que murmura
E as cantoras do céo, as ledas aves
De variado esmalte, e as suspirosas

Brisas da noite e as do romper da aurora,
A estrella, o sol, o mar, o céo, a terra,
A planta, os animaes, tudo então vive,
Tudo comnosco sympathisa, — tudo,
Como orchestra afinada por nossa alma,
Acorde aos nossos sentimentos vibra,
Revelando ao que morre os fins da vida.
Dalli melhor compr'hende-se a existencia,
Mais vasta perspectiva se desdobra
Ante os olhos, que a extrema vez lampejão :
E as scenas que a illusão junca de flôres,
Que o desejo nos mostra, que nos pinta
Cubiçoso, irisante, — que a esperança
Fugaz de varios modos nos matiza ;
Gloria, ambição, prazer, fallaz ventura,
Tudo se olvida e apaga — semelhante
Á fugitiva estrella ou clarão breve
D'um relampago estivo, que um momento
Se mostra e fulge, logo immerso em trevas.

Que importa que eu não tenha uma só c'rôa,
Um myrrado laurel, uma só folha,
Que ás novas gerações diga o meu nome
E sollicite as attenções futuras ?
Sou como o passarinho, quando passa
Á flôr de um lago e a sombra vacillante
No liquido crystal debalde estampa.
Ou semelhante ao viajor que bate
Da vida a estrada pulvurenta, e nota
Como os seus rastos mal impressos cobre
O pó que de seus passos se levanta.
Ah ! que dos louros me não dóe a ausencia
Mas de lagrimas, sim, que me orvalhassem
A sepultura humilde, — a cujas gotas

Meus ossos de prazer estremecidos
De as sentir se alegrassem... — mas em troco
Dessa pia oblação, que tantas vezes
Mente ao finado, que as espera eterno,
As lagrimas terei da noite fria,
O fresco humor da chuva, que me eduquem
A agreste flôr, que a natureza obriga
A despontar na solitaria campa.

Ninguem virá com titubantes passos
E os olhos lacrimosos, procurando
O meu jazigo ; e em falta de epitaphio,
« Elle aqui jaz ! » o coração lhe diga,
E alli se curve então, fundos suspiros
Dando aos echos do funebre recinto,
Envoltos na oração que alegra os mortos.
Certo, ninguem virá ; porêm tão pouco
Ouvirei maldições, onde escondido,
Já pasto aos vermes, jazerá meu corpo.
Se deixo sobre a terra alguma offensa,
Se alguma vida exacerbei, se acaso
Alguma simples flôr trilhei passando ;
Essas, depois d'eu morto, convertidos
Os odios em piedade — « Em paz descança »
Dirão ante o meu tumulo, e voltando
A um lado o rosto, — deixarão dos olhos
Compassiva uma lagrima fugir-lhes !

Tu, Senhor, tu, meu Deos, tu me recebe
Na tua sancta gloria : alarga as azas
Do teu sancto perdão, que ao teu conspecto
Humilhado me sinto, como a grama,
Que o pé do viajor sem custo abate.
A ti volvo, ó Senhor, — bem como o filho,

Que ao sopro de paixões soltando as velas
Da juventude ardente, foge ao tecto
E ao lar paterno, onde por fim se acolhe,
Consumido o thesouro da innocencia,
Com rubor dos andrajos da pobreza,
Que o vexa, — para ver do páe o rosto,
Para escutar-lhe a voz, embora tenha
Sobre a cabeça a maldição pendente.

SAUDADES

A MINHA IRMÃ

J. A. DE M.

I

Eras criança ainda ; mas teu rosto
De ver-me ao lado teu se espanejava
Á luz fugaz de um infantil sorriso!
Eras criança ainda ; mas teus olhos
De uma brandura angelica, indizivel,
De sympathicas lagrimas turbavão-se
Ao ver-me o aspecto merencorio e triste ;
E amigo refrigerio me sopravão,
Um balsamo divino sobre as chagas
Do coração, que a dòr me espedaçava !
A luz de uma razão que desabrocha,
As leves graças, que a innocencia adornão,
Os infantís requebros, as meiguices
De uma alma ingenua e pura — em ti brilhavão.
Eu, gasto pela dòr antes de tempo,
Conhecendo por ti o que era a infancia,
Remoçava de ver teu rosto bello.
Pouco era vel-o ! — em ti me transformava ;

Bebendo a tua vida em longos tragos,
Todo o teu ser em mim se transfundia :
Meu era o teu viver, sem que o soubesses,
Tua innocencia, tuas graças minhas :
Não, não era ditoso em taes momentos,
Mas de que era infeliz me deslembrava !

E tinhas sobre mim poder immenso,
Indizivel condão, e o não sabias !
Assim da tarde a brisa corre á terra,
Embalsamando o ar e o céo de aromas :
Enreda-se entre flôres suspirosa,
Geme entre as flôres que o luar prateia,
E não sabe, e não vê, quantos queixumes
Apaga — quantas magoas alivia !
Assim, durante a noite, o passarinho
Em moita de jasmins derrama occulto
Merencorias canções nos mansos ares ;
E não sabe, o feliz, de quantos olhos
Tristes, mas doces lagrimas, arranca !

II

Perderão-te os meus olhos um momento !
E na volta o meu rosto transtornado,
As vestes luctuosas, que eu trajava,
O mudo, amargo pranto que eu vertia,
Annuncio triste foi de uma desdita,
Qual jámais sentirás : teus tenros annos
Pouparão-te essa dôr, que não tem nome,
De quando sobre as bordas de um sepulchro
Anceia um filho, e nas feições queridas
D'um pai, d'um conselheiro, d'um amigo
O sello eterno vae gravando a morte !
Escutei suas ultimas palavras,

Repassado de dôr! — junto ao seu leito,
De joelhos, em lagrimas banhado,
Recebi os seus ultimos suspiros.
E a luz funerea e triste que lançarão
Seus olhos turvos, ao partir da vida,
De pallido clarão cobrio meu rosto,
No meu amargo pranto reflectindo
O cançado porvir que me aguardava!

Tu nada viste, não; mas só de vêr-me,
Flôr que sorrias ao nascer da aurora
No denso musgo dos teus verdes annos,
A procella imminente presentiste,
Curvaste o leve hastil, e sobre a terra
Da noite o puro aljofar derramaste.

III

O encanto se quebrára! — duros fados
Inda outra vez de ti me separavão.
Assim dois ramos verdes juntos crescem
N'um mesmo tronco; mas se o raio os toca,
Lascado o mais robusto cahe sem graça
De rojo sobre o chão, emquanto o outro
Da primavera as galas pavoneia!
Já não ha quem de novo unil-os possa,
Quem os force a vingar e a florir juntos!

Parti, dizendo adeus á minha infancia,
Aos sitios que eu amei, aos rostos caros,
Que eu já no berço conheci, — áquelles
De quem, máo grado a ausencia, o tempo, a morte

E a incerteza cruel do meu destino,
Não me posso lembrar sem ter saudades,
Sem que aos meus olhos lagrimas despontem.
Parti! sulquei as vagas do oceano;
Nas horas melancolicas da tarde,
Volvendo atraz o coração e o rosto,
Onde o sol, onde a esp'rança me ficava,
Misturei meus tristissimos gemidos
Aos sibilos dos ventos nas enxarcias!

Revolvido e cavado o negro abysmo,
Rugia indomito a meus pés: sorvia
No fragor da procella os meus soluços.
Vago triste e sósinho sobre os mares,
— Dizia eu entre mim, — na companhia
De crestados, de rispidos marujos,
Mais duros que o seu concavo madeiro!
Ave educada nas floridas selvas,
Vim da praia beijar a fina areia.
Subitaneo tufão arrebatou-me,
Perdi a verde relva, o brando ninho,
Nem jámais casarei doces gorgeios
Ao saudoso rugir dos meus palmares;
Porêm a branca angelica mimosa,
Com seu candor enamorando as aguas,
Florece ás margens do meu patrio rio.

IV

Largo espaço de terras estrangeiras
E de climas inhospitos e duros

Interpoz-se entre nós! — Ao ver nublado
Um céo d'inverno e as arvores sem folhas,
De neve as altas serras branqueadas,
E entre esta natureza fria e morta
A espaços derramadas pelos valles
Triste oliveira, ou funebre cypreste,
O coração se me apertou no peito.
Arrasados de lagrimas os olhos,
Segui no pensamento as andorinhas,
Nos invejados vôos! — procuravão,
Como eu tambem nos sonhos que mentião,
A terra que um sol calido vigora,
E em frouxa languidez estende os nervos.
Patria da luz, das flôres! — nunca eu veja
O sol, que adoro tanto, ir afundar-se
Nestes da Europa revoltosos mares;
Nem tibia lua, envolta em nuvens densas,
Luzindo mortuaria sobre os campos
De frios sues queimados. — Ai! dizia,
Ai d'aquelle que um fado aventureiro,
Qual destroço de misero naufragio,
A longinqua e remota plaga arroja!
Ai d'aquelle que em terras estrangeiras
Corta nas azas do desejo o espaço,
Emquanto a realidade o vexa entorno
E oppresso o coração de dôr estala!
Onde a pedra, onde o seio em que descance?
Que arbusto ha de prestar-lhe grata sombra
E olentes flôres derramar co'a brisa
Na fronte encandecida? Peregrino,
Em toda a parte forasteiro o chamão!
Insensivel á dôr, na sua marcha,
Não, não attende ao termo da jornada;
Mas volta atraz o rosto, — e entre as sombras

Confusas do horizonte — enxerga apenas
O debil fio da esperança teso,
E da ingrata distancia adelgaçado !

E todavia amei ! pude um momento
Vêr perto a doce imagem debruçada
Nas aguas do Mondego, — ouvir-lhe um terno
Suspiro do imo peito, mais ameno,
Mais saudoso que as auras encantadas,
Que entre os seus salgueiraes morão loquaces !
Foi um momento só ! — talvez agora
Nas mesmas aguas se repete imagem
Dos meus sonhos de então ! — talvez a brisa,
Nas folhas dos salgueiros murmurando,
Meu nome junto ao seu repete aos echos,
Que eu, triste et longe della, escuto ainda !

Sim, amei ; fosse embora um só momento !
Meu sangue, requeimado ao sol dos tropicos,
Em vivas labaredas conflagrou-se.
Feliz n'aquelle incendio ardeo minha alma,
Um anno, talvez mais ! Qual foi primeiro
A soltar, a romper tão doces laços,
Não pudera dizel-o, em que o quizesse.
Tão louco estava então, — dôres tão cruas,
Magoas tantas depois me acabrunharão,
Que desse meu passado extincta a idéa,
Deixou-me apenas um soffrer confuso,
Como quem de um máo sonho se recorda !

Assim, depois de arder um denso bosque
Dos ventos á mercê revôa a cinza
N'um páramo deserto! Nada resta;
Nem sequer a vereda solitaria,
A cuja extremidade o amor velava!

V

Rôtos na infancia os laços de familia,
Os fados me vedavão reatal-os,
Ter a meu lado uma consorte amada,
Rever-me na affeição dos filhos caros,
Viver nelles, curar do seu futuro
E neste empenho consumir meus dias;
Mas ao menos, pensava, — ser-me-ha dado
Amimar e suster nos meus joelhos
Da minha irmã querida a tenra prole,
Inclinal-a á piedade, e ao relatar-lhe
Os successos da minha vida errante,
Inocular-lhe o dom fatal das lagrimas!
Essa mesma esperança não me illude;
Ave educada nas floridas selvas,
Um tufão me expellio do patrio ninho.
As tardes dos meus dias borrascosos
Não terei de passar, sentado á porta
Do abrigo de meus paes, — nem longe delle,
Verei tranquillo aproximar-se o inverno,
E pôr do sol dos meus cançados annos!

NOTA

Á POESIA « RETRACTAÇÃO. »

(Pag. 116.)

Indesculpavel descuido seria, deixar de mencionar o nome do Sr. D. Carlos Guido, a quem devo ter composto a poesia que tem por titulo : « Retractação. » Foi este o ensejo. Poucos dias depois de publicados os « Segundos Cantos, » recebi uma carta do Sr. Guido : era uma critica, mas critica benevola, cheia de enthusiasmo, escripta sem pretenção alguma e ao correr da penna. Agradou-me, porque me agrada sempre conversar com os meus amigos, e era um amigo que me escrevia, um poeta talentoso, que então pela primeira vez se me revelava como tal, — joven enthusiasta, e cujo coração é como uma pedra de toque da mais exquisita sensibilidade.

Tendo percorrido com a sua analyse algumas das composições do meu 2° volume, accrescentava elle :

« Dir-se-hia que a sua *palinodia* é um chuveiro de pedras crystallizadas, agradaveis de se vêr, porque são prismas, que reflectem as mais pronunciadas, fortes e soberbas côres ; porêm que devião converter-se em instrumentos terriveis de vingança, quando chegassem até á mesquinha mulher, a quem fossem dirigidos, como um anathema fulminante.

« Se eu não tivesse tanta confiança nos instinctos do coração, que o levão a exhalar o seu amor só onde acha fogo, fidelidade

e caricias, pensaria talvez que aquella mulher existe, e então eu faria ao poeta amargas reflexões sobre a crueldade de que usou para com ella. »

Aceitei a censura, e dirigindo-me ao Sr. Guido escrevi a Retractação, versos filhos d'aquelle momento, e inspirados pela leitura recente da sua carta. Se algum apreço delles faço na actualidade, é por ter feito vibrar a lyra doirada do poeta argentino. *Consuelo* foi o titulo que deu aos seus versos, e era effectivamente um canto de consolação e de esperança : perdi ha muito o autographo dos versos do Sr. Guido; mas o sentido, a suavidade, a sentida sympathia do seu canto, esses me ficárão no coração. — Consolações e esperanças! — Doces são, por certo, as lagrimas, que sobre nós derramão os olhos de um amigo, ainda que não acreditemos no raio de esperança, que elle s'esforça por entranhar em nossa alma. Efficazes forão as suas consolações ; mas ainda mal que os seus votos não tenhão de ser realizados nunca !

(1851.)

POESIAS

PUBLICADAS NOS TRES VOLUMES DA PRIMEIRA EDIÇÃO

E OMITTIDAS NA EDIÇÃO ALLEMAN.

O MÔRRO DO ALECRIM[1]

Que monte álèm se eleva negrejante!
Na areia a base enterra, e o dorso ingente
De rija pedra mosqueado amostra;
Esteril como elle é, dizer parece
Que a ira do Senhor ardendo em raios
A seve d'hartos troncos — de mil annos
Apagou, consumio n'um breve instante.

Mas não; a rubra côr que ahi se enxerga
É sangue que correu;
Cada pedra que hi jaz encerra a historia
D'um bravo que morreu.
E raios mil de guerra em morte envoltos
Já lá do cimo agreste da montanha
Sibilando e gemendo á funda base
Baixárão susurrando.

[1] São estes os versos a que se reporta a nota da pag. 58, t. I, da presente edição.

É do povo o Sinai, que o nobre sangue
Independente e forte — em lide accesa
Na arena derramou ;
E o filho inda lá vai cheio de orgulho,
Do pai beijando o sangue em largos traços
Que a pedra conservou.

VISÕES

PHANTASMAS

> There are more things in heaven and earth, Horatio,
> Than are dreamt of in your philosophy.
>
> SHAKESPEARE. — *Hamlet.*

Já a lua pelos ares
Docemente equilibrada,
Qual linda concha embalada
Pela corrente dos mares.

Era tudo amor; — dormente
Era a mesta solidão :
Porêm eis que de repente
Corre de vento um pegão.

Morrendo a luz feiticeira
Morre o brilhante do céo,
Que da lua a face inteira
Cobre denso, opaco véo.

Das trevas o véo rasgando
Fuzila breve clarão,
No escuro espaço rolando
Rouqueja horrivel trovão.

Ruje ao longe o mar raivoso,
Perto — o vento no arvoredo;
No cemiterio medroso
Surgem phantasmas de medo.

Passando ao travez dos muros,
Que do mundo os separava,
Penetrão no templo escuro:
Mudo e triste o templo estava.

Do templo nas paredes caminhavão
As mestas sombras dos que forão; outros,
Como que da vigilia se pezassem,
Nos ossos mal seguros se arrastavão.

Como sobre as couceiras se revolvem
As portas emperradas, tal do templo
As frias pedras sepulchraes se dobrão.
Finados mil e mil das campas surgem,
Incertas sombras pelos ares vôão,
Amalgama-se o pó formando nuvens,
E as nuvens pairão n'amplidão sagrada.
Só um sepulchro permanece inteiro,
E um espectro ao pé delle; os longos dedos
Correndo pela testa, tremebundo
Carrega sobre a turba o rosto irado.
« Não poder descansar! » — dizia o triste —
« Não poder descansar! » — Era este um grito
D'interno soffrimento amargo e duro.
« Ó Morte enganadora, — que eu julgava
« O infinito visão, — àlèm dos mundos
« Outro mundo não via, àlèm da vida
« Minha alma apenas descobria... o nada —
« De que nos serve o teu poder, traidora?

« Se a vida tiras, mais penosa a tornas ;
« Se tiras o soffrer, mais delicado,
« Mais apurado, mais subtil, mais fundo
« Fazes, cruel, brotar do horror da campa.
« Estólido que fui ! — da terra filho,
« Julguei-me preso á terra, preso ao nada ;
« Julguei-me sem porvir álêm da vida,
« Sem acerbo penar na campa acerba ! »

Como sentisse a sepultura intacta,
Raivoso empurra a pedra, que serena
Sobre outras pedras se deslisa facil,
Como o barco veloz cortando as ondas,
Que a mão callosa do barqueiro impelle.

Ah ! certo eu vi ! — um putrido cadaver,
Amarellento, ensanguentado e feio,
Pávido erguer-se no sudario envolto.
Volveu pasmado em torno os olhos turvos,
E as pupillas sem luz, que extranhão, sentem
Agudissima dôr da luz mal vista
Da alampada velada[1]. — Nos ouvidos
Mesmo dos mortos o bulicio incerto
Com hórrido fragor rimbomba, estoura !

— Não julguei acordar ! — disse affligido.
Mas do finado, que o chamára á vida,
Correu nos labios mofador sorriso :
« Não julgaste acordar, insano ? ! — a mente
« Perdida não sentiste álêm dos ares
« Voar álêm dos céos, álêm das nuvens ? »

[1] É o participio passivo com significção activa. Um dos nossos classicos diz :

Rumo e norte dos seus *velados* olhos.

Dizia o espectro ; « Insano, tu cobriste-a
« De lodo terreal, cortaste as azas
« Desse amigo adejar, de prece amiga
« Que vai, que sóbe, perfumado incenso,
« Beijar do eterno ser o throno excelso. »

Eis do recem-finado a voz rebrama
No recinto do templo ; estoura e ferve
No estreito espaço da garganta, como
Neve que o sol derrete, que nas orlas
Do raso leito de regato humilde
Rebenta em borbulhões de argentea espuma.

« Nas trevas, Senhor Deus, direi teu nome,
« Cantarei teus louvores do sepulchro,
« Cantarei teu poder d'entre a gelada
« Mortalha funeral, e sempre e eterno.
« Senhor Deus, Senhor Deus, quando os meus labios
« Se resequirem teu louvôr cantando,
« Quando rouco meu peito arfar cansado,
« Minha alma, álêm dos sóes voando afoita,
« Irá, senhor meu Deus, beijar-te as plantas,
« Nutrir-se palpitante da tua gloria
« E á luz do teu fulgor, do teu conspecto
« Derramar-se queixosa e afflicta... »

— É tarde !
O espectro lhe bradou. — Misericordia !
Clamava a triste sombra, que aterrada
Procurava juntar as mãos rebeldes.
Foi debalde o querer ; debalde as forças
Concentra o miserando por juntal-as ;
Debalde intenta orar ! — a voz lhe falta ;
Do mutilado tronco os braços fogem

Fogem do templo na amplidão perdidos.
Mutua força os attrahe, mutua os repelle,
Fatidico poder os leva a ambos,
E alonga o templo mais e mais com elles!

Dos ares a soidão quebrando irado
Da torre sôa o sino ; o som d'agoiros
Estoura — ruge — vibra — mingoa e morre.

Rápida foge a multidão dos méstos,
Sem arruido, sem rumor, — qual fumo
Levissimo e subtil que se desenha
Ao reflexo da luz nos brancos muros.

O BARDO

> Must all the finer thoughts, the thrilling sense,
> The electric blood with which their arteries run,
> Their body's self-tuned soul with the intense
> Feeling of that which is, and fancy of
> That which should be, to such a recompense
> Conduct? Shall their bright plumage on the rough
> Storm be still scatter'd : — Yes, and it must be!
>
> BYRON.

Era uma sala real comprida e larga
De primores vestida. — Nos tapetes
Habil artista desenhára a historia
Dos annos decorridos; — das janellas
Pendia a seda multi-côr ; — rojavão
No liso pavimento as franjas d'oiro
Do brilhante espaldar. — Sentado nella
O rei, já velho, em roda de ministros
N'um canto do salão retinha os olhos.

Segui-lhe a vista, e vi... Era um mancebo
Modesto e bello; tinha um quê nos olhos
De pudor virginal, de meigo encanto,
Que prendia a attenção. — Em pé, cruzadas
Sobre uma harpa singela as mãos nevadas
Em voz segura e baixa ao rei fallava.

« Por isto, senhor rei, vim ter comvosco!... »

Isto apenas lhe ouvi; subtil sorriso
Do monarcha passou nos rôxos labios,
Que hypocrita e sarcastico dizia:

— Que vos posso eu fazer? — Sois bardo! — Ás vezes
Quando este encargo de reinar me deixa
Mais livre respirar, — sobre mil praças
Deste palacio meo lançando os olhos,
O doce canto da vossa harpa escuto,
E o longo applauso palpitante, e os echos
Do forte sussurrar de amor, de enlevos,
Que a turba eleva com prazer... Auxilios
Não vos posso prestar, que o erario tenho
Exhausto e pobre! —

« Oh! nem de mim vos fallo,
Nem por mim, rei senhor! — Que vos hei dito?
Que a moral, crença, e fé, e amor dos povos
São altos fustes, que têm mão do throno.
Sois deste o creador, porém d'aquelles
Incumbe o lustre a nós. Se a nossa vida
Nisto gastamos, se mais crente o povo
Depois de nós a nosso exemplo fica,
É justo, senhor rei, que o throno cure
De quem sobre elle de continuo vela.

Somos do mundo sem saber do mundo;
Aprouve ao Senhor Deos lançar-nos nelle,
Sem vida para nós, com tanta vida,
Com tanta força de querer p'ra os outros.
Não sabemos ganhar! — Com fome ou frio,
Lemos o nome do Senhor nos astros;
Sonhamos illusões, lançando os olhos
Sobre a terra florida, ou sobre o campo
Liso, immenso dos céos, — vagando sempre
Do passado ao futuro! — Somos loucos,
Bem loucos, senhor rei! — Emquanto a vida
Em procelloso mar corre sem termo,
Até que a morte um dia nos afunde,
Cantamos sempre; nem de auxilio extranho
Havemos de mister, que o melhor canto
De soluços e lagrimas se embebe! —
Mas se hospicios haveis para os que soffrem,
Nós soffremos tambem, — tambem mendigos,
Trocamos, como outrora o velho Homero,
Celestes carmes por um pão de azyma! »

— Fallais do mundo sem saber do mundo,
E do vosso mister sem saber delle;
Tornou-lhe o rei com rosto carregado.
— Sou injusto e cruel!... vós o dissestes!
Mas quem sois? — que fazeis? — Ao povo estulto
Co'a branda lyra effeminais: no canto
Vil peçonha entornais em nescias mentes;
De perversa moral licções na scena
Dais em verso pomposo; loucos, cegos,
Prophetas vos dizeis... — Meo throno acaso
Sustentas tu co'a lyra? — Se o sustentas,
Retira o braço, quero-o ver por terra,

Quero crêr na tua crença ; e se és propheta,
Eu t'o supplico, do porvir me falla ! —

Como de sob os pés vos foge o bando
De sussurrantes passarinhos, quando
Pensativo calcais na densa mata
As secas folhas, rugidoras, sôltas ;
Como sobem confusas, pipilantes,
Ouvindo o extranho som que as amedronta ;
Da Harpa as notas sôão, vibrão, fogem :
Lá se perdem nos ares, lá renascem,
Já de novo resôão, como abelhas
Que sobre vivas flôres descançadas;
Quasi filhas do sol, se erguem ruidosas.

« Reis da terra, o que sois ? Oh ! quasi um nada,
Em mãos de infantes caprichosos — brinco,
Automatos de orgulho, actores tristes
        Em publico tablado :
Um em dia aziago entre os clamores
Da multidão fallaz entrou no templo;
Era o templo adornado, — alli soldados,
        Alli densos convivas,
Resplandecentes d'oiro, e seda, e joias ;
Alli morno silencio qual precede
Da batalha o fragor; — troava o sino,
        E foi c'roado... escravo !

« Mas quando o Senhor um bardo cria,
Funde-lhe a mente de trovões, de raios,
De nobre fogo lh'incendia o peito
        De cholera e de amor !
E o manda sobre a terra ingrata e nua,
Que vôe sobre os astros, que a sentença,

Que Balthasar temeo, grave nos muros
D'impudico festim!
Que suspire, que gema, que soluce,
Que se lembre dos céos cantando a terra,
Que um amigo não tenha, que a sua vida
É soffrer e cantar!

« Mas ai do triste que não sente enlevos
De ouvir um doce canto ao som da lyra:
Mas ai do rei que não suspira afflicto
De afflicto suspirar!
Mas ai do triste rei! que nunca o bardo
Nos versos divinaes dirá seus feitos,
Nem o seu nome se lerá na pedra
De gelado sepulcro.
Vai com elle a lisonja á sepultura,
Com elle o seo palacio irá por terra,
Não será pedra sobre pedra, — inteira
A mole cahirá! »

Calou-se; mas cumprio-se o vaticinio:
Morreo sem nome o rei, — a mole inteira
Por terra jaz — uma columna attesta
Seu primeiro esplendor.

Que é do bardo porém? — Ninguem pergunta:
O modesto pastor que a dura calma
Passou á sombra da frondosa copa,
Quando sem graça a vê, pergunta acaso
Que impiedoso tufão levou-lhe as folhas!
A virgem que em passeios solitarios
Respira o aroma de uma flôr singela
Pergunta acaso no verão torrado

Se a melindrosa flôr ainda existe,
Ou existindo, em que logar se esconde?
— Assim do bardo os feiticeiros versos!
Resôão, como nota harmoniosa,
Como suspiro d'innocente virgem
Na placidez da noite adormecida;
Resôão, mas tambem se extinguem prestes,
Como nota de uma harpa vaporosa,
Como o perfume que uma flôr exhala,
Como o suspiro que uma virgem sólta!

HYMNOS

A HARMONIA

I

Os cantos cantados
Na eterna cidade
A só potestade
Da terra e dos céos ;
São ledos concertos
D'infinda alegria ;
Mas essa harmonia
Dos filhos de Deos
  — Quem ouve? — Os archanjos,
  Que ao Rei dos senhores
  Entôão louvores,
  Que vivem de amar.

II

E o gyro perenne
Dos astros, dos mundos
Dos eixos profundos
No eterno volver ;
Do cháos medonho
A triste harmonia,
Da noite sombria
No eterno jazer,

— Quem ouve? — Os archanjos
Que os astros regulão,
Que as notas modulão
Do eterno gyrar.

III

E as aves trinando,
E as féras rugindo,
E os ventos zunindo
Da noite no horror,
Tambem são concertos;
Mas esses rugidos
E tristes gemidos
E incerto rumor;
— Quem ouve? — O poeta
Que imita e suspira
Nas cordas da lyra
Mais doce cantar.

IV

E as iras medonhas
Do mar alterado,
Ou manso e quebrado,
Sem rumo a vagar,
Tambem são concertos;
Mas essa harmonia
De tanta poesia,
Quem sabe escutar!
— Quem sabe? — O poeta
Que os tristes gemidos
Concerta aos rugidos
Das vagas do mar.

V

E os meigos accentos
D'uma alma afinada
E a voz repassada
D'interno chorar,
Tambem são concertos;
Mas essa harmonia,
Que Deos nos envia
No alheio penar,
  Quem sente? — O que soffre,
  Que a dòr embriaga,
  Que triste se paga
  D'interno pezar.

VI

Se a meiga harmonia
Do céo vem á terra,
Um cantico encerra
De gloria e de amor;
Mas quando remonta,
Dos homens, das aves,
Das brisas suaves,
Do mar em furor,
  São timidas queixas,
  Que afflictas murmurão,
  Que o throno procurão,
  Do seu creador.

A TEMPESTADE

Quem porfiar comtigo... ousára
Da gloria o poderio;
Tu que fazes gemer pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?

A. Herculano.

Um raio
Fulgura
No espaço,
Esparso
De luz;
E tremulo
E puro
Se aviva,
S'esquiva,
Rutila,
Seduz!

Vem a aurora
Pressurosa,
Côr de rosa,
Que se córa
De carmim;
A seus raios
As estrellas,
Que erão bellas,
Tem desmaios,
Já por fim.

O sol desponta
Lá no horizonte,

Doirando a fonte,
E o prado e o monte
E o céo e o mar;
E um manto bello
De vivas côres
Adorna as flôres,
Que entre verdores
Se vê brilhar.
Um ponto apparece,
Que o dia entristece,
O céo, onde cresce,
De negro a tingir;
Oh! vêde a procella
Infrene, mas bella,
No ar s'encapella
Já prompta a rugir!

Não sólta a voz canora
No bosque o vate alado,
Que um canto d'inspirado
Tem sempre a cada aurora;
É mudo quanto habita
Da terra n'amplidão.
A coma então luzente
Se agita do arvorêdo,
E o vate um canto a mêdo
Desfere lentamente,
Sentindo oppresso o peito
De tanta inspiração.

Fogem do vento que ruge
As nuvens auri-nevadas,
Como ovelhas assustadas
D'um fero lobo cerval;

Estilhão-se como as velas
Que no alto mar apanha,
Ardendo na usada sanha,
Subitaneo vendaval.

Bem como serpentes que o frio
Em nós emmaranha, — salgadas
As ondas s'estanhão, pesadas
Batendo no frouxo areal.
Disseras que viras vagando
Nas furnas do céo entre-abertas,
Que mudas fuzilão, — incertas
Fantasmas do genio do mal!

E no turgido occaso se avista
Entre a cinza que o céo apolvilha,
Um clarão momentaneo que brilha,
Sem das nuvens o seio rasgar;
Logo um raio scintilla e mais outro,
Ainda outro veloz, fascinante,
Qual centelha que em rapido instante
Se converte d'incendios em mar.

Um som longinquo cavernoso e ouco
Rouqueja, e n'amplidão do espaço morre;
Eis outro inda mais perto, inda mais rouco,
Que alpestres cimos mais veloz percorre,
Troveja, estoura, atrôa; e dentro em pouco
Do Norte ao Sul, — d'um ponto a outro corre:
Devorador incendio alastra os ares,
Emquanto a noite pesa sobre os mares.

Nos ultimos cimos dos montes erguidos
Já silva, já ruge do vento o pegão;

Estorcem-se os leques dos verdes palmares,
Volteião, rebramão, doudejão nos ares,
Até que lascados baqueião no chão.

Remeche-se a copa dos troncos altivos,
Transtorna-se, douda, baqueia tambem ;
E o vento, que as rochas abala no cerro,
Os troncos enlaça nas azas de ferro,
E atira-os raivoso dos montes além.

Da nuvem densa, que no espaço ondeia,
Rasga-se o negro bojo carregado,
E emquanto a luz do raio o sol roxeia,
Onde parece á terra estar collado,
Da chuva, que os sentidos nos enleia,
O forte peso em turbilhão mudado,
Das ruinas completa o grande estrago,
Parecendo mudar a terra em lago.

Inda ronca o trovão retumbante,
Inda o raio fuzila no espaço,
E o corisco n'um rapido instante
Brilha, fulge, rutila, e fugio.
Mas se á terra desceu, mirra o tronco,
Cega o triste que iroso ameaça,
E o penedo, que as nuvens devassa,
Como tronco sem viço partio.

Deixando a palhoça singela,
Humilde labor da pobreza,
Da nossa vaidossa grandeza,
Nivela os fastigios sem dó ;
E os templos e as grimpas soberbas,
Palacio ou mesquita preclara,
Que a foice do tempo poupára,
Em breves momentos é pó.

Cresce a chuva, os rios crescem,
Pobres regatos s'empolão,
E nas turvas ondas rolão
Grossos troncos a boiar!
O corrego, qu'inda ha pouco
No torrado leito ardia,
É já torrente bravia,
Que da praia arreda o mar.

Mas ai do desditoso,
Que vio crescer a enchente
E desce descuidoso
Ao valle, quando sente
Crescer d'um lado e d'outro
O mar da alluvião!
Os troncos arrancados
Sem rumo vão boiantes;
E os tectos arrasados,
Inteiros, fluctuantes,
Dão antes crua morte,
Que asylo e protecção!

Porém no occidente
S'ergueu de repente
O arco luzente,
De Deos o pharol;
Succedem-se as côres,
Qu'imitão as flôres,
Que sembrão primores
D'um novo arrebol.

Nas aguas pousa;
E a base viva
De luz esquiva,
E a curva altiva

Sublima ao céo;
Inda outro arqueia,
Mais desbotado
Quasi apagado,
Como embotado
De tenue véo.

Tal a chuva
Transparece,
Quando desce
E ainda vè-se
O sol luzir;
Como a virgem,
Que n'uma hora
Ri-se e cora,
Depois chora
E torna a rir.

A folha
Luzente
Do orvalho
Nitente
A gota
Retrae:
Vacilla,
Palpita;
Mais grossa,
Hesita,
E treme
E cáe.

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

LENDA DE SAM GONÇALO

Agora de hum grande Sancto
Embora lhe cabe a vez;
Bom Sancto foy Sam Gonçalo,
Pezar que foy Portuguez,
Que sanctos ditos que disse!
Que sanctas obras que fez!

Bom tempo foy o d'outrora!
Não lhe quero outra rezão:
Criava a terra gigantes,
Havia sanctos então,
Havia paz e liança
Nos reys do reyno christão.

He coisa de maravilha
E de louvar o Senhor,
Ver na terra homens d'aquelles
De tanto esforço e valor,
Como Gonçalo da Maya
Ou Gyraldes sem pavor!

Mas destes tratar não quero,
Que são mui perto de nós;

D'outros digo tam pujantes
E de aspecto tam feroz,
Que hum sancto martyr trincavão,
Como quem trinca huma noz.

Quando a fé 'stava mais pura
Melhor se mostrava Deos;
Rezão disto as Escrituras,
Escusa pois ditos meos:
Começa do fim ditoso
Dos sete irmãos Machabeos.

Nada conta o livro sancto
Do rey que se houve assi,
O corpo nos não descreve;
Mas eu tenho pera mi,
Que devia ser taludo.
Como huns cafres que já vi!

Que sete irmãos como aquelles,
Cada qual como hum Sansão,
Não he coisa que por brinco
Se frite n'hum cangirão;
Que se retalhe em fatias
Delgadas, como de pão.

Mas Deos que lhes deparava
Em sua alta providencia
Tal fereza nos algozes,
Dava-lhes tal paciencia,
Que havião em pouco o trato,
Havendo o trato em clemencia.

Hoje d'aquella virtude
Só a licção nos ficou;

O tempo nos foy comendo
O corpo, que assi leixou,
E té no esprito roído
De vez a fé desbotou.

Não pasmo disto, mas antes
De ver em povo d'increos,
Quem tema o fogo divino,
Quem torne á caza de Deos,
Quando o pasmoso cometa
Alarga as azas nos céos.

Cegos! se todos vós fosseis
Criados na escuridade,
Que farieis lobrigando
Deste sol a claridade,
Deste sol que sempre luze,
E pera vos luze embalde?

Como insectos esmagados,
Alastrando longe o chão,
Tontos de pasmo e de medo
Ficarieis võs então,
Os olhos do corpo cegos,
Mas dentro d'alma o clarão.

E ainda mais — ¿que farieis
Vendo aquelle sol divino,
Que cega os olhos do esprito,
Como de corpo franzino,
Se vendo este, qu'inda he terra,
Ficades tontos, sem tino?

Antes, Senhor, que me esqueça
Quanto fizestes por mi,

Lavai-me dos meos peccados,
Que eu como galas vesti
Levai-me desta amargura,
Levai-me, Senhor, daqui!

Levai-me, si, que eu não veja,
Mal de mi! com tanta dôr
Vossos preceitos divinos,
Vossa doutrina d'amor
Trocada em usos de feros,
Na religião do terror!

Mas se isto vos não mereço,
Já vos não peço, senão
Que eu veja da minha vida
Extincto e cego o clarão,
Antes que eu veja maldicta
Esta mesma religião.

Antes que eu veja crianças
Prégarem ás cans nevadas,
A correr de noite as ruas
Com folias e toadas,
Por ver azas de cometa
Immensamente alongadas.

Cant'eu, de mi o confesso,
São veloces caminheiros,
Que por ordem lá de cima,
De más novas mensageiros,
Vão batendo d'astro em astro,
Como divinos romeyros.

Se comtudo hum Portuguez
Al dos cometas sentir,

Se esta desgraça presente
Nelles não vio reluzir,
Dir-lhe-hei que elle não sente
O dó de Alcácer-quibir.

Dir-lhe-hei... mas nada digo!
Eu alquebrado ancião
Hei mister sancto descanço
Pera a minha devação :
Sei que ser Portuguez hoje
He crime d'alta treicão.

Agora torno ao meo Sancto;
A lenda aqui principia :
Dai-me, ó Sancto milagroso,
Ajuda em tenção tam pia.
Que um Sancto, mesmo por ende,
Deve de usar cortezia.

Frei Sam Gonçalo era Abbade
De Sam Payo na Abbadia ;
Era mancebo nos annos,
Mas como sancto vivia ;
Com toda a renda que tinha
Aos pobres seos acudia.

Era pingue o beneficio,
Bons benesses que elle tinha !
Bons portuguezes antigos,
Boa prata comezinha !
Já disso não vejo ha muito...
Deve ser cegueira minha.

Cegueira, si ; que se o reyno
Era rico de pobreza,
Cavados tantos thesoiros
Em cada huma fortaleza,
Tanto arcaz de feição moura
Cheio de tanta riqueza ;

Porque então não vejo agora
Senão grosseiros ceitis,
E esses mesmos não tantos
Que se midão por candis,
Ou então pesos d'Hespanha,
Só bem acceitos por vis?

Mas he tal nossa mofina
Que na minha sacristia,
Sommados todos no cabo
Os fruitos de cada dia,
Não dão pera o oleo sancto,
Que a mãy de Deos alumia !

He certo miseria grande
E muito grande extranheza,
Que o povo leixe que os frades
Corrão com toda a despeza,
Elles coitados que vivem
Em mais que parca estreiteza !

Mas Deos he o sancto dos sanctos,
Elle nos ha de acudir ;
Assi fòra eu Sam Gonçalo,
Que logo faria vir
Brocados d'altos recamos
Pera a Senhora vestir.

E huns paramentos ricos,
Como nunca os vio ninguem;
E lampada como aquella
Que em Bemfica os Padres têm,
Huns castiçais de pé alto,
Humas galhetas tambem.

Mas do Sancto Sam Gonçalo
Era outra a devação;
Todolo próe dava aos pobres
Com tam largo coração,
Que não tomava um adarme
De quanto tinha na mão.

Vivia como se fôra
Dos seos pobres dispenseiro,
Tudo com elles gastava,
Que não sómente dinheiro;
Fiava que Deos iria
Compondo o seo mealheiro.

Trazia guerra travada
Co'o Demo, que o não deixava,
Os acicates da carne
Com jejuns os despontava;
E tinha tam sancta vida,
Que Deos o communicava.

Isto não he coiza nova,
Antes coiza mui provada,
Que Deos não quer ser vencido
Em cortezia extremada;
Seja a prova aquelles Monges
Do deserto da Thebaida;

Que se forão commettidos
Do inimigo malino,
Vestido em pel'd'alimaria,
Como de um urso ferino
Tambem do céo, como orvalho,
Lhes vinha o favor divino.

Mas se hum incréo me pergunta
Porque hoje disso não ha :
Pergunto : — porque o deserto
Flôres, nem fructos não dá ?
Porque não corre a corrente,
Se a fonte exhaurida está ?

O céo he sempre benino,
Agua não leixa de haver ;
Se a terra pois não produze,
Se a fonte não quer correr,
He terra, he fonte damnada :
Penso que al não póde ser.

Ora huma noite que o Sancto
Rezava as suas matinas,
Ouvio huns doces acordes
Como das harpas divinas,
Que os anjos tangem cantando
Louvor ás pessoas trinas.

D'aquelle mar d'harmonia
Voz que não era daqui,

Despega-se, e diz ao Sancto :
— Gonçalo, que fazes hy?
« Oro, Senhor, lhe responde,
« Por todos e mais por mi ! »

« He muito, a voz lhe tornava,
He muito, mas tudo não ;
Faze-te prestes romeyro,
Toma a vieira, o bordão,
Esmola polas estradas,
Caminho recto a Sião.

« Pascem no monte Oliveto
As cabras do Galaath ;
Retumba no templo augusto
A voz medonha de — Allah ; —
Ferve aly muita aravía,
Muito homizío vai lá.

« Se entre os máos hum bom existe,
Poupa Deos a quantos são ;
Porém carreira arrepia :
Caminho vai de Sião,
Na boca o nome divino,
Minguada esmola na mão. »

O bom sancto alvoroçado
Apresta-se com trigança :
Cumpre divino preceito,
Só nelle tem confiança,
Que vagar por longes terras
Prazer não he, mas provança.

He nada o trem d'hum romeyro ;
O Sancto se apresta azinha,

Chama hum parente lidimo,
Portas a dentro o mantinha ;
E entrega-lhe o seo rebanho
Com as ovelhas que tinha.

Dá-lhe a prebenda avultada,
E os mais benesses tambem,
Tudo com termos polidos,
Ou só de hum sancto, ou de quem
Só quer da vida o marteyro
E os premios que Deos lá tem.

E mui leal lhe encomenda
Seos pobres por derradeiro :
Ora lá vai caminhando
Aquelle sancto romeyro,
Pedindo a Deos em sua alma
Que lhe depare o marteyro !

Que acção que trescala a graça !
Que façanha peregrina !
Deixar o esposo prelado
A sua esposa divina,
E andar caminho da vida,
Vivendo vida mofina !

Áquelles pobres, seos filhos,
Em vida seos bens legou !
Que mais fez aquelle Padre,
Que o livro sancto louvou,
Que ao filho dá bondadoso
De quanto, em bem, lhe ficou?

Quem ha hy que hoje se arrisque
A perfazer tal empreza ?

Aquelle ardor atrevido,
Aquella sancta affoiteza
Foy timbre d'homens antigos,
Homens de lhana rudeza.

Não hoje, que o homem nasce
Franzino e fraco, inda mal!
Sem forças pera a virtude;
Só com valor infernal,
Pera as torpezas do crime
E pera o vicio carnal.

Não hoje, quando o peccado
Usa de tanto disfraz,
Que só por artes malinas
E manhas de Satanaz,
Póde o homem fazer tanto,
Como hoje em dia se faz!

Já vi em caza de hum rico
Tal meza com tal guizado,
Com cheiro tam penetrante
E adubo tam concertado...
Eu creio que só da vista
Ficava o jejum quebrado.

E vi tambem humas camas...
Dellas não quero tratar:
Cahi na conta que o Demo
Foy só quem n'as pòde armar;
Senti vertigens de somno,
Sem o poder dominar.

Fugi do engodo malino
Clamando por Deos Jezus,

Na bocca o sancto exorcismo,
Na fronte o signal da cruz,
Braços cruzados no peito,
Fronte mettida em capuz.

Então acabei commigo
De crer no que disse Deos
Ao bando dos seos descip'los
E á turba dos phariseos.
Não ser azado que hum rico
Possua o reyno dos céos.

E entrando na minha cella,
Vista a penuria que eu vi,
Clamei que Deos fôra grande
E muito bom pera mi;
Qu'esta pobreza em que vivo,
Certo, lh'a não mereci.

Partira pois Sam Gonçalo,
Partira, mas não sem dôr:
No seo amado rebanho
Leixando. em vez de pastor,
Aquelle falso parente,
Que foy hum lobo tredor.

Olhos outrora do falso
Baixados humildemente;
Ditos e fallas de sancto,
Meneyo e gesto consente,
Fizerão-no ter por sancto:
Julgava assi toda a gente.

Aleive não ha que dure,
Sem que se descubra alfim;
Logo de posse do bôlo
Mostrou-se o villão ruim;
Mostrou-se, qual sempre fôra,
Padre não já, mas chatim.

Intruso que não rezava
Nem siquer seo breviairo;
Gastava dos bens dos pobres
Com boa sombra e doairo,
Pera si com mãos de rico,
Pera os outros — de usurairo.

Gastava em mulas possantes,
Em caça de altaneria,
Em ter matilha adextrada
E bem provida ucharia,
Em ter vestidos mui finos
Barrados de pedraria.

Trem real como elle tinha,
Por certo não vio ninguem:
Cavallos de boa raça,
Falcões, açores tambem,
Criados e meza larga,
Como hoje aqui poucos têm!

Quando sahia a passeio
Todo garboso e luzido,
Ninguem diria ser Padre,
Senão duque esclarecido,
Ou senhor d'altos estados,
Ou infanção destemido.

Que o seo ginete mandava
Com tal arte e bizarria,
Que ao passar no povoado
Donas de muita valia,
Lindos olhos concertavão
Nas grades da gelozia.

E muitas vezes passando
Junto á mourisca seteira,
Morrer aos pés do ginete
Vinha a seta mui certeira,
Com letra e primor de amores,
De amores máos mensageira.

Assi vivia este abbade,
Em tanto que o verdadeiro,
Sem lar, sem tecto, sem meza,
Como pobre forasteiro,
Vagava por longes terras,
Vivendo como hum romeyro.

Muitos annos são passados,
(Diz catorze a tradição)
Quando o divino romeyro,
Feita a sua devação,
Torna do bento sepulcro,
Gasto e quebrado ancião.

Alva e rara cabelleira,
Como prata, reluzia;

Rosto de rugas cortado,
Barba que ao peito descia :
Homem de carne não era,
Senão pura notomia.

Dos annos e da molestia
O corpo todo alquebrado,
Nos trajes pouco luzido,
Ou roto ou mal concertado ;
Á porta do novo abbade
Batia o velho prelado.

Ergueo em voz já sumida
Hum triste e piedoso brado,
Pedindo magra pitança
Com modesto gazalhado,
Que vem o pobre romeyro
Morto de fome e cançado.

Áquelle pio reclamo
Acode medonho cão,
A cauda enrosca, e d'hum salto
Investe ao sancto ancião ;
Rompe-lhe os rotos andrajos,
E arranca-lhe o seo bordão.

Acode o dono soberbo
Dizendo : Vai-te, mendigo !
« Senhor, retrucava o Sancto,
« Primeiro ouvide o que digo :
« Morro de fome e cansaço,
« Não tenho lar, nem abrigo ! »

— Não me praz ouvir-te agora,.
Tornava o abbade indino,

Mais que depressa esquecido
Que a opa do peregrino
Ou que a murça do romeyro
Esconde hum ente divino.

— Sei, dizia, que na capa
De piedoso romeyro,
Vem gente de feio trato
E muito vil calaceiro :
Bem he de crer, como eu creio,
Que és delles — por derradeiro.

— Desse teo rosto medonho,
Que boas novas não traz,
Digo que o vi nos milhanos
Das serras de Monsarraz;
És predador das estradas :
Juro por Sam Satanaz ! —

Ouvido que foy tal nome,
Como de sancto christão,
Ao sancto abbade romeyro
Cahio-lhe o rosto nó chão !
Dôr que lh'entrára no peito,
Ficou-lhe no coração.

Que se elle era assi tratado,
Elle, vigairo e senhor,
Que não seria dos pobres,
Que em vez de terem pastor,
Tinhão por guarda e vigia
Faminto lobo tredor.

O sancto ficou penado
E cheio da contricção,

Que ao seo parente talvez
Foy meio de perdição,
E ao seo rebanho de mágoa,
E a si de muita afflicção.

Alfim tornado do espanto,
Disse severo de si,
Com voz e tom d'agastado :
« Gonçalo sou, eis-me aqui!
« Venho ora tomar-vos contas
« Do que fizestes por mi ! »

As frias mãos escarnadas
No seo bordão ajuntou :
Espera resposta delle,
Rosto nas mãos inclinou :
Prosegue ; fundo suspiro
Do peito o velho arrancou :

« Certo que as vossas palavras
« Mal dizem com o que dissestes,
« Quando de vós me apartei ;
« Co'o que vós me promettestes,
« Co'as licções que vos eu dei,
« Com a fé que me vós déstes !

« Dissestes : na tua ausencia,
« (Disseste-lo em hora má)
« Qualquer das tuas ovelhas
« Em mi abrigo achará ;
« Qualquer dos pobres que leixas
« Aqui mantido será.

« Ora eis-me aqui !... e a mim proprio
« Negas hum pouco de pão,

« Que só he de ser negado
« Ou a precito ou a cão;
« Negas-me té gazalhado,
« E o fogo do meo fogão!

« Levar daqui! sou Gonçalo;
« Dá-me pois o meu logar,
« Dá-me as ovelhas coitadas,
« Que eu não devêra leixar,
« Dá-me... » — Ai! não pôde o Sancto,
Não pôde, não, rematar!

Sobre a fronte, calva e núa
Vio descer grave pancada;
A testa de romania
Ficou em sangue lavada;
Aquelle sangue bemdito
Regou a terra damnada.

———

Certo que os anjos no inferno
Sentirão muito prazer,
Vendo aquelle máo prelado
Acção tam vil commetter,
E Sancto tal affrontado,
Sem Deos lhe poder valer.

Mas o Sancto milagroso
Que pôde tornar do pão,
Já não digo azyma feia,
Senão massa de carvão,
Triste, negro e inficionado,
Que nem era pera cão;

Que moveo rochedo enorme
Junto á ponte d'Amarante,
Chegando-lhe hum dedo apenas,
Como se fôra gigante ;
Rocha que esforços baldára
De muita gente possante :

Que fez elle?... oh! nada fez!
Disse : « Deos o quer assi;
Sou eu creatura sua,
Bem he que elle mande em mi;
Não seja feito o que eu quero,
Mas o seo talante — si.

« É vossa a força que eu tenho,
Disse elle : em uzo a não puz,
Que tambem sobre o calvario,
Vós, Senhor meo, bom Jezus,
Nem o calvario afundastes,
Nem sovertestes a cruz.

« Porque se eu, filho do barro,
Ser mesquinho, ou verme, ou nada,
Tenho em mi força divina
He pera ser empregada
No que he mister, porque seja
A gloria vossa exaltada. »

Assi discorria o Sancto
No seo profundo juizo;
Ora descança no meio
Das glorias do paraizo :
Louvor a Deos! — e com isto
A lenda aqui finalizo.

Conto as coizas como forão,
Não como devião ser;
Hum Sancto, mesmo porende,
Merece menos soffrer:
Julgo assi; digão-n'os sabios
Qual he o seo parecer.

Cant'eu — sabença da terra
Tenho por coiza ruim,
Que serve só pera gloria,
Que he só vangloria; e assi
Que como he coiza de orgulho,
No fundo inferno tem fim!

O homem que fôr prudente
Só pelos frades se reja;
Creia no Papa e nas Bullas,
E na sancta Madre Igreja:
O mais he coiza de fumo,
Não sei de que valor seja.

Que reze o sancto rozairo,
Dou de conselho tambem;
Que assi viverá na gloria,
E vive-se lá mui bem,
Cantando hosannas eternos
Por tempos sem fim: *amen*.

NOTAS

Esta lenda foi extrahida da *Historia de S. Domingos*, por Fr. Luiz de Souza.

Bom sancto foy Sam Gonçalo
Pezar que foi portuguez!
(Pag. 201.)

Nãs escrevo satyras: quer isto dizer que foi tão grande sancto S. Gonçalo, que, apezar da sua nacionalidade, mesmo os seos, comquanto desprezem tudo que lhes pertence, o apregôão e celebrão. É frase de todas as suas chronicas, ou antes imitação d'aquelle muito celebrado conceito de um dos seos classicos:

— « por natureza
E constellação do clima,
Esta gente portugueza
O nada estrangeiro estima,
O muito dos seos despreza. »

Bons portuguezes antigos.
(Pag. 205.)

Portuguez — moeda antiga de Portugal, do valôr, creio eu, de quinhentos réis.

POESIAS DIVERSAS

LAGRIMAS SEM DÔR — E DÔR COM LAGRIMAS

Sumio-se álèm o sol envolto em raios,
E do lado fronteiro a branca lua
Levanta a fronte pallida entre montes,
E nas aguas do limpido regato
        Estampa a face inteira.

E eu irei sentar-me junto ás margens
        Do limpido regato;
Irei scismar sósinho, a sós co'a noite,
        Nas minhas penas crúas.

Quero sentir da tarde o fresco orvalho
        Nos meus cabellos;
Quero escutar nas folhas o susurro
        Da mansa brisa;

Quero escutar o som da lympha clara
        Por sobre as pedras;
Quero escutar do passaro o gemido
        De sob as ramas;

Quero vêl-a tambem, que ha tempos ando
Scismando n'ella,
Que ha tempos sempre a encontro triste e muda
Junto á ribeira.

Eil-a sentada alli entre os salgueiros,
Pallida a fronte,
Loiros cabellos sobre testa eburnea,
Candida a veste.

Anjo — encanto — mulher, que es tu na terra?
Quem n'alma te gravou scismar tão triste,
Tão triste pallidez quem te ha gravado
No semblante formoso?

Oh! se minha alma afflicta inda prazeres
Sentir pudesse — se inda amar amasse,
Se os meus olhos pisados não vertessem
A fio agra corrente;

Anjo — encanto — mulher, fôras meu nume,
Fôras meu sangue, meu prazer, minha alma,
Minha estrella d'amor, meu anjo e vida,
Pensamento e querer.

Na flôr da mocidade, quando a vida
Por entre flôres, recendendo aromas,
Risonha e festival, sem medo corre
D'agoireiro futuro;

Porque em vez de nutrir brandos amores
Definhas sem brilhar em festa, em jogos,
Sem um meigo sorrir nos curtos labios,
Sem côr nas alvas faces?

Anjo — encanto — mulher, porque o teu pranto
Corre agora espontaneo sobre as aguas
Do limpido regato, como lagrimas
De Náyade gentil?

Porque choras assim? — Trahida amante,
Vens de enganado amor as penas crúas
Curtir na soledade?
Mas quem tão negro feito perpetrára?
Quem ha que, se os teus olhos lhe sorrissem,
Não morrêra de amores?

Não o fizera, não, — que tal façanha
Não a faz coração d'homem, que sente,
Que vê taes graças;
Que visse uma só vez, qual vejo agora,
Co'as estrellas do céo pleitear brilho
Teus olhos tão mimosos.

Morreu-te acaso a mãe? — Erma e sósinha,
Vens d'amor filial durante a noite
Pagar tributo amargo?
Mas eil-a que alli vem, terna, anciada
Por te vêr, por te ouvir, por esse pranto
Seccar co'um doce beijo.

Ah! chora sempre e sempre; — corre o pranto
Espontaneo e fagueiro néssa idade,
Como orvalho da noite;
Emquanto o máu blasfema, o bom soluça,
Alma do céo, folga em chorar sósinha
N'este exilio da terra.

Ah! chora sempre e sempre, que esse pranto
No seio maternel hoje se entorna,
Que não em serra sáfara;

Doido por muito amar, por ser amado,
Gentil mancebo ha de ámanhan sorver-t'o
N'um osculo de amor.

Mas eu quando em silencio as fontes abro
D'este meu coração, embalde os labios
— Donzella ou mãe — solução ;
Pelo meu rosto em fio se deslisa
Meu triste pranto, e alvissimo se expande
Na pedra d'um sepulchro.

MISERRIMUS

Quando o inverno chegou, — por sobre a terra
O robre secular espalha a coma,
Que o rábido tufão cortou de morte.
Despida e núa jaz a flôr mimosa,
Agora hástea sómente; e o sol brilhante
Despede a custo a luz que mal penetra
As nuvens trovejadas que o circumdão.

Mas o inverno passou ! — De novo assume
Vivente rama o robre gigantesco,
A flôr formosa e bella vem brotando,
E o sol, rei do horizonte, já rutila
Em céo de puro azul auri-brilhante.

Mas quando o desengano, qual tormenta
Que por desertos só valente reina,
Do quente coração arranca, esmaga
Esp'ranças que o amor enfeitiçava,
Em vão a natureza ufana brilha,

Em vão de puro orvalho a flôr se arreia,
Em vão dardeja o sol seus quentes raios,
Em vão!... que o coração jaz frio e murcho,
E não mais viverá! — que a alma sentida
Conhece que o amor é só mentira,
Que é mentira o prazer, mentira tudo!

Um dia appareceu um recem-nado,
Como a concha que o mar á praia arroja;
Cresceu, qual cresce a planta em terra inculta,
Que ninguem educou — a chuva apenas.
Infante, vio de roda sepulturas,
Em que não attentou; — sonhos mimosos,
Acordado ou dormindo, lhe doiravão
A infancia leve, d'innocencia rica.
Vio bello o ar, e terra, e céos, e mares,
Vio bella a natureza, como a noiva
Sorrindo em breve dia de noivado!
Então sentio brotarem na sua alma
Sonhos de puro amor, sonhos de gloria;
Sentio no peito um mundo d'esperanças,
Sentio a força em si — patente o mundo.

Forte se levantou! correu fogoso;
Qual aguia que nas azas se equilibra,
Começou a trilhar da vida a senda.
Um monte álêm topou; mais vagaroso
Subio, vingou mais lento! — Inda mais outro,
Colossal, descalvado, ingreme e liso,
Costeou; mas cansou, que era sósinho!
Sentou-se, mudo, e fraco, e pensativo,

A borda do caminho, e sobre o peito
A cabeça inclinou, cruzando os braços.
Minha mãe! — soluçou; e um echo ao longe
Minha mãe! — respondeu. Sentio que a fome
Dolorosa as entranhas lhe apertava,
E sêde intensa a resequir-lhe as fauces;
Fome e sêde curtio como n'um sonho.
Do rosto nas maçãs descoloridas
— Filtro do coração — sentio que o pranto
Ardente escorregava a tez queimando.
Muda era a sua dôr, — d'homem que soffre,
Que chora isento de vergonha ou crime.

Encontrou mais álêm no seu caminho,
Bella na sua dôr, sósinha e fraca,
Figura virginal que alli jazia.
Esqueceu-se de si pensando n'ella;
Nova força creou, — novo incentivo,
Coragem nova o seu amor creou-lhe.
Lavou-lhe os curtos pés, contra o seu peito
Do frio a protegeu, tomou nos braços
A carga tão mimosa! — E ella co'os olhos,
Que o amor vendava um pouco, agradecia.
E ella pôde viver: — disse que o amava,
Que era o seu coração d'elle — e só d'elle:
Disse, e mais de uma vez, com peito e labios
No peito e labios d'elle; — era mentira!

E elle o conheceu! — por precipicios
Descrido se arrojou, sentindo a morte,
Seu berço entre sepulchros procurando.

Aqui — alli — álêm erão sepulchros;
E o nome de sua mãe sequer não pôde
Dos nomes conhecer de tantos mortos!

E só no seu morrer, qual só na vida,
Na terra se estendeu ; nem dôr, nem pranto
Tinha no coração que era já morto !

E alguem que alli passou, vendo um cadaver
De sanie e podridão comido e sujo,
Co'o pé n'um fosso o revolveu — e terra
Cahida acaso o sepultou p'ra sempre.

Amizade ! — illusão que os annos somem ;
Amor ! — um nome só, bem como o nada,
A dôr no coração, delicias n'alma,
Nos labios o prazer, nos olhos pranto
— Tudo é vão, tudo é vão, excepto a morte !

O DONZEL

> Onde vais, ó cavalleiro?
> — Vêr quem de amor me matou.
> — Vês este cadaver? — Vejo.
> — E vais á entrevista ? — Vou.
>
> FREIRE DE SERPA.

I

Já tremúla sobre o occaso
Do sol o disco fulgente :
Já se ergueo a lua inteira
Lá das partes do oriente ;
Ergueo-se a brisa fagueira,
Ergueo-se a voz da corrente.

Ergueo-se tenue e macío
Perfume de linda flôr ;

Erguêrão as densas matas
O seo leve arfar de amor;
Ergueo a voz do oceano
O seo hymno ao Creador.

II

Eis que donoso mancebo
Que brancas telas vestia,
Por senda patente e clara
Em seo ginete corria.

Não vê no trepido occaso
Do sol o disco fulgente,
Nem da lua alvi-nitente
O deleitoso fulgor;
Não escuta o arfar dos bosques,
Nem das aves o carpido,
Nem das vagas o rugido;
Nem da tarde almo frescor
Sentir póde! — Corre a brisa,
Ouve-se extranha harmonia;
Mas na accesa fantasia
Ferve inquieto, immenso amor!

III

Praticando n'outros tempos
Alguns velhos encontrou:
Louco! louco! — murmurárão.
Sorrio-se o moço e passou.

Velhos que a vida vivêrão,
Que já não sabem viver,
Que sobre a terra dos vivos
Não têm de que ter prazer

Uns aos outros se perguntão,
  Quando em paz descançarão!
Já vivestes vossa vida,
  Já não tendes coração!

Tendes o corpo alquebrado,
  Tendes morto o coração,
Tendes a alma desmaiada,
  Nem sentis uma affeição.

Affeição, ledice, amores...
  Sobre as cans não vinga o amor,
Como sobre a rocha dura
  Não cresce mimosa flôr.

IV

Mais álêm — gentis donzellas
  Brincando se divertião,
Embebidas nos folgares
  Lubricas danças tecião.

— Onde vais, gentil mancebo,
  — Nesse correr afanoso?
— Onde vais? detem-te, espera,
  — Não nos fujas pressuroso!

« Vou-me longe inda esta noite,
  « Vou revêr os meus amores;
« Já de mais hei sopeado
  « Meo desejo e meos ardores.

« A vossa vida é ventura,
  « Vosso sorriso innocencia,
« Vossa alma formosa e pura
  « Não soffre de crúa ausencia!

« Vosso amor, e só desejo
  « É o sorriso da aurora,
« O arbusto, e a flôr do prado,
  « E a corrente sonora. »

Disse e passou : eis renascem
  Leves danças na clareira,
Ledos gritos pelo bosque,
  Leda scena feiticeira !

V

E não pára, e prosegue, e devora
Toda a senda o fogoso corsel ;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se o vulto do nobre Donzel.

Entrevêm-se os vestidos luzentes,
Entrevê-se o corsel a fugir ;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se a pluma da gorra luzir !

Que lh'importa que a noite o convide
A sereno e tranquillo pensar?
Que lh'importa o frondoso arvorêdo,
Que lh'importa agoureiro piar?

Que lh'importa a belleza da terra,
Que lh'importão estrellas ou mar?
Que lh'importa? — o mançebo não póde
Mais que a ella no mundo enxergar.

Ella é pura, é celeste, é mimosa,
É feitiço do nobre Donzel ;
Ella o ama, assim disse, ella o espera...
Ledo o moço esporeia o corsel !

— Temerario, onde vais pressuroso,
Porque buscas na terra prazer?
Insensato, prazer n'este mundo...
Só no triste que almeja morrer!

Porque affectos, ledice e ventura,
Porque extremos de accesa paixão,
São delirios que o tempo consome,
São caprichos de amarga illusão!

É veneno de flôr que não cheira,
Que a existencia amargúra cruel!...
— Esta vida é festejo de amores,
É de flôres — clamava o Donzel!

E não pára, e prosegue, e devora,
Toda a senda, e se apeia, — inda mal!
Eis um vulto, eil-o corre — já sente
Penetrar-lhe no peito um punhal!

Nesse instante de acerba agonia,
Nesse instante de louca paixão,
Nesse instante... pezou-se de extremos
Tão mal pagos, de tanta traição.

VI

Virgem! virgem! que o amor recompensas
Por tal arte, tão dura e cruel,
Nunca sintas amor em tua vida,
Nunca extremos de nobre Donzel!

Nunca escutes a meiga lingoagem
De sincera, infinita paixão;
E nas vascas da morte impiedosa
Do que estimas te colha a traição!

HARMONIAS

PRIMEIRA VOZ.

Quando da noite o denso véo se estende,
E a lua pallida entre nuvens gira,
E d'entre as folhas uma voz suspira
Que diz prazer e doce amor accende;

Ao par amante, que innocente vaga,
Sou eu quem prendo em derretido enleio :
— Seccura ou fogo, ardente devaneio
Que dá morte á paixão, que sempre afaga.

Sou eu que ás folhas dou verter frescura,
Que fallo amores no correr da brisa,
Que deslustro a paixão sincera e lisa
Aos torpes beijos da lascivia impura.

SEGUNDA VOZ.

Eu porém no peito amante
Sou quem fomento a paixão,
Amor na virgem mimosa,
No joven dedicação.

Quem lhes ponho risos n'alma,
Quem fallo nos sonhos seos,
Prazeres envergonhados
— Tão puros, como nos céos.

Dou-lhes palavras sublimes
Nunca ouvidas por ninguem,
E gozos nunca fruidos,
E prantos que fazem bem.

Dou-lhes extremos e arrojos,
Talvez subida amargura,
Donde sabe o amor provado
Á prova da desventura.

PRIMEIRA VOZ.

E eu dessa paixão nobre e singela,
Ao meigo joven, que de amor doudeja,
Dou-lhe fastio, que nem mais deseja
Que apagar seo amor nos braços della.

Eu os conduzo mais fallaz que humano,
Ella adornada de belleza e flôres,
Elle mal suffocando seus ardores,
Ao templo, onde os espera o desengano!

Satisfeita a paixão, vem logo o frio,
O gelo que lhes lavra em todo o peito;
Já se nota um defeito, e outro defeito,
Já cresce em ambos o pezar tardio!

SEGUNDA VOZ.

Talvez ambos se arrependem,
Talvez se nota o defeito,
Tardo pezar que não dura
Talvez lavra em todo o peito;
Mas soando a desventura
Dar-lhes-hei nova paixão,
— Centelha viva, não cinza
Na frágoa do coração.

Sou eu que o somno afugento
Quando vela a casta esposa
Junto ao leito, onde repousa
O esposo que mal padece;

Quizera ser em vez delle,
Quando a morte o ameaça;
Té de si mesma se esquece,
Té de quanto soffre e passa.

PRIMEIRA VOZ.

Vela meigo-sorrindo a casta esposa,
Vela no leito onde a afflicção descança;
Mas talvez lhe suggiro uma lembrança
Triste, importuna que expulsar não ousa.

Se compõe um sorriso honesto e brando,
Se ameiga a voz, a doce coma esparsa,
Sorriso e voz fino punhal disfarça,
Que vai no peito incauto a furto entrando.

Ah! quantas vezes! quantas! não transuda
O leito conjugal banhado em sangue,
E elle ou ella, atraiçoado, exangue,
Já quasi morto, a traição vil desnuda?!

SEGUNDA VOZ.

Talvez ciumenta esposa,
Talvez cioso marido,
Irado, o punhal buido
Levanta... mas n'esse instante
Mostro-lhe o meigo semblante
Do filho seo que descança,
Como que o somno lhe traga
Sonhos que traz na lembrança.

A tal vista se enternece,
A supposta injuria esquece,
A coragem lhe fallece,
E o punhal lhe cahe da mão;

E onde o ferro traiçoeiro
Devêra d'entrar primeiro,
Beijando por derradeiro
Pede chorando o perdão.

Á DESORDEM DE CACHIAS

(Anno de 1839.)

— Le crime est immortel ! —
— Ainsi que le remord.
A. Barbier.

Que feios sons de surda e rouca trompa !
Echôa a bronzea tuba as duras vozes,
Que hão de os valles cobrir de miserandos,
Insepultos guerreiros !

Sobre as cordas da tua Harpa
Pousa, ó Musa, a nivea mão,
Que com taes sons se não casão
Os sons do teo coração !

Que triste soluçar, que triste pranto,
Que amargas queixas, que doridas preces !
Penosas vascas de sangrenta morte
No extremo agonizar !

Musa minha desditosa,
Dos cabellos despe o loiro,
Da tua Harpa malfadada
Despedaça as cordas d'oiro !

Ó Musa, Musa minha! os sons que ouviste
Foi perpassar dos teos, — dos teos que amavas,
Agora sombras vãs, que inultas vagão
A deshoras na terra!
Do misero cantor que elles amárão,
Talvez em vida, — possa agora ao menos
O triste canto, a suspirada nenia,
Sympathico applacal-as!

Foste até qui lympha pura
Que mansamente serpeia,
Entre flôres e verdura,
Por sobre um leito d'areia.

E o sol do inverno derreteo-lhe a neve
Lá da nascente;
Eis o regato que já corre undoso,
Como a torrente!

Acorda, acorda, ó Musa! assaz cantaste
Teo doce amor,
Serena, em ocio, como ao pé da fonte
Descança a flôr.

II

Como, quando o vulcão prepara a lava
Nas entranhas da terra, e á noite lança,
Pela sangrenta rúbida cratéra,
Mais viva chamma em turbilhão de fumo,
Encandece-se o ar, cala-se a terra,
Nem gyra a brisa, ou só tufão de vento
Com horrido fragor sacode os troncos;
Assim tambem, quando abafadas rosnão
Sanhas do povo, antes que em furias rompão,
Propaga-se confuso borborinho,

Cresce a agitação n'aquelle e neste,
E um quê de febre lhes transtorna o siso.
Tremulos todos, homens e mulheres,
Infantes e anciãos -- de mãos travadas,
Turvado o rosto, os olhos lacrimosos,
Lá vão terras do exilio demandando!
Um passo apenas dão, que os alumia
Do vulcão popular a lava ardente.
Sob os trépidos pés soluça a terra,
Sobre as cabeças pávidas volteia
Ou rocha em brasa, ou condensada nuvem
De pó desfeito, que reseca os ares.
E d'entre aquelle fumo e aquellas chammas,
N'aquelle horror e mêdo, estatuas vivas,
Sinistro lampejar d'armas descobrem :
Descobrem longe os tectos abrasados,
A pouco e pouco esmorecendo em cinzas ;
Escutão gritos de uma voz querida,
De um ser que expira, e que em soccorro os chama!
E alli pregados no terreno ingrato
Nem da morte impiedosa fugir sabem,
Nem força tem que lhes escude a vida.
São alli sem acção, sem voz, sem força,
Como que má sezão lhes tolhe os membros,
Ou os suffoca horrivel pesadêlo.
Mudos, fracos, sem luta os colhe a morte;
E nús, sangrentos, insepultos jazem!

III

Turbida reina a bacchanal de sangue!
E rei do atroz festim, brinco do vulgo,
Um só campeia! um só, que mal se achega
Á lauta meza, onde se enfrasca o vulgo

De carniça e ralé, tocando apenas
O sangue e o vinho, que alimenta o brodio;
Derruba-o logo a popular vindicta,
E fólga ultriz em torno aos vis despojos,
Que nem de amigas lagrimas se molhão,
Nem de talhadas lápidas se cobrem.

IV

Maldictos sejais vós! maldictos sempre
Na terra, inferno e céos! — No altar de Christo,
Outra vez a paixões sacrificado,
Impios sem crença e precisando têl-a,
Assentastes um idolo doirado
Em pedestal de movediça areia;
Uma estatua incensastes — culto infame! —
Da politica, sordida manceba
Que aos vestidos, outr'ora reluzentes,
Os andrajos cerzio da vil miseria!
No antropophago altar, madido, impuro
Em holocausto correo d'hostia innocente
Humano sangue, fumegante e rubro.
Insensivel á dor, ao pranto, ás preces,
Insensivel ás cans, á verde infancia
Tudo sorveo a rábida quadrilha!
A treda mente maquinou supplicios,
Torpe vingança! meditou cruenta
Nos requintes da dôr ébria fartar-se,
E lascivia immoral dos labios d'elles
Em frontes virginaes cuspio veneno.
Affrontas cáião sobre tanta infamia!
E se a vergonha vos não tinge o rosto,
Tinja o rosto do ancião, do infante
Que em qualquer parte vos roçar fugindo
Da consciencia a voz dentro vos punja,

Timorato pavor vos encha o peito,
E farpado punhal a cada instante
Sintais no coração fundo morder-vos.
Dos que matastes se vos mostre em sonhos
A chusma triste, supplicante, inerme...
Sereis clementes... mas que a mão rebelde
Brandindo mil punhaes lhes córte a vida:
E que então vossos labios confrangidos
Se descerrem sorrindo — crú sorriso
Entre dòr e prazer, — qu'então vos prendão
A póste vergonhoso, e que a mentira
O vosso instante derradeiro infame!
Bradem : Não fomos nós! — e a turba exclame :
Covardes, fostes vós! — e no seo póste
De vaias e baldões cobertos morrão.

V

Mas cantar tão cruel e tão feio,
Donde párte soando ruidoso :
Da minha Harpa nas cordas quem veio
Sons tão rudes, tão roucos tirar?
Póde acaso o christão impiedoso
Do que soffre avivar o tormento,
Póde acaso dizer-lhe cruento :
Teo supplicio não quero acabar?

Póde acaso com torva alegria
Sobre os restos do triste finado
Levantar a cruel voz impia :
Homicida feroz, maldicção?
Não tem elle sequer um peccado?
Como pois poderá penitente
Exclamar n'outra vida : Ó clemente
Senhor Deos, tem de mim compaixão?

Réo não sou da cruel impiedade,
Bem que o sangue por elles vertido
Fosse meo; bem que amarga saudade
Sinta eu desses, que a morte ceifou!
Não irei ao sepulchro esquecido
Insultar o mesquinho finado;
Miserando! foi duro o seo fado,
Que um amigo sequer não deixou!

Mas as victimas tristes, cruentas,
Que hoje dormem na campa florida
Nas funéreas mortalhas sangrentas
Envolvidas, irei visitar:
Lindas flôres na aurora da vida!
Murchas flôres p'ra terra inclinadas!
Ah! por todas no pó desfolhadas
Ao Senhor compassivo hei de orar!

VI

E como apparecem n'um sonho ditoso
Phantasticas fórmas, composto formoso
Da noite que morre e do sol a raiar;
Eu vi muitas sombras, com ar magoado
Chorando e passando: eu estava acordado,
i; mas par'ceo-me que estava a sonhar!

Passavão mostrando no peito a ferida;
Celeste ventura no rosto envolvida
Se lia da morte ao cruel padecer!
E d'esta e d'aquella, de quantas eu via
O nome, as feições e a voz conhecia!...
Meo peito arquejava co'o interno soffrer.

Com triste sorriso nos labios pousado,
Chamavão-me todas ao tum'lo gelado,

E á paz dos sepulchros, e á vida do céo!
O anjos, soffrestes martyrio anciado;
Ao céo remontastes, ficastes ao lado
Do martyr divino que á terra desceo;

Como hei de seguir-vos no ethéreo caminho,
Se preso a esta vida, cançado e mesquinho,
Meo longo martyrio não posso acabar?
Não posso seguir-vos; mas vós, meos amores,
Da noite nas sombras, do sol nos fulgores
Ah! vinde meos sonhos de flôres juncar.

AO ANNIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DE CACHIAS

(1 de Agosto.)

Cachias, bella flôr, lyrio dos valles,
Gentil senhora de mimosos campos,
Como por tantos annos foste escrava,
Como a indocil cerviz curvaste ao jugo?
Oh! como longos annos insoffriveis,
Rainha altiva, destoucada e bella,
Trajando negro dó em negras vestes,
Rojaste aos pés de um régulo soberbo?
Á mingoa definhaste em negro carcer,
Onde um raio de sol não penetrava;
Em masmorra cruel, donde não vias
Scintillar o clarão d'amiga estrella...
Oh! não, que a luz da esp'rança tinhas n'alma,
E o sol da liberdade um dia viste,
De gloria e de fulgor resplandecente,
Em céo sem nuvens no horizonte erguido.
Eis o som do tambor atrôa os valles,

O clangor da trombeta, os sons das armas,
A terra abalão, despertando os échos.
— Eia ! oh bravos, erguei-vos, — á peléja,
Á fome, á sêde, ás privações, — erguei-vos !
Tu, Cachias, acorda, — tu, rainha,
Lamina d'aço puro, envolta em ferro,
Ao sol refulgirás ; — flôr que esmoreces,
Á mingoa d'ar, em carcere de vidro,
Em ar mais livre cobrarás alento,
Graça, vida e frescor da liberdade.

Antemural do lusitano arrojo,
Ultimo abrigo seu, — feros soldados,
Veteranas cohortes nos teus montes
Cravão bellicas tendas ! — Um guerreiro,
O nobre Fidié, que a antiga espada
Do valor portuguez empunha hardido,
No seu mando as retem : debalde, oh forte,
Expões teus dias ! teu esforço inutil
Não susta o sol no rapido declive,
Que immerge áquem dos Andes orgulhosos
D'Africa e d'Asia os desbotados louros !

Eia ! — o bronzeo canhão rouqueja, estoura,
Ribomba o ferreo som d'um écho em outro,
Nuvens de fumo e pó lá se condensão...
Correi, bravos, correi !... mas tu és livre,
És livre como o arbusto dos teus prados,
Livre como o condor que aos céos se arroja ;
És livre ! — mas na accesa phantasia
Debuxava-me o espirito exaltado
Frágoas cruas de morte, o horror da guerra
Descobrir, contemplar. — Oh ! fôra bello
Arriscar a existencia em pró da patria,

Regar de rubro sangue o patrio solo,
E sangue e vida abandonar por ella!

Longe, delirios vãos, longe phantasmas
De ardor febricitante!
A gloria deste dia comparar-se
Póde acaso visão, delirio, ou sonho?
Ao fausto anniversario
Da nossa independencia?
Acclamações altisonas
Corrão nos ares da immortal Cachias:
Seja padrão de gloria entre nós outros
Sanctificada aurora,
Que os vis grilhões de escravos vio partidos.

1845.

ANALIA

POEMETO.

CANTO PRIMEIRO

A vida do homem com todos os seus projectos se eleva como uma torre cuja corôa é a morte.

Saint Pierre.

Noite propicia aos timidos amantes,
Consolação dos tristes que suspirão,
Que não podem soffrer do sol os raios,
Esse manto de estrellas não recolhas,
Que os olhos chama aos céos, e a Deos a mente
E em placido remanso a dôr abranda
De quem maior allivio não procura
Que sentir sempre aberta a chaga antiga!...

Noite não era já, não era dia
Porém a fresca, matutina brisa
Começava a correr, prenhe de aromas,
Por entre as verdes folhas dos olmeiros,
Como o suspiro que remata o somno
De uma virgem que dorme. D'entre as ramas
Em desafio as aves entornavão
As notas varias do seu hymno eterno,
A cujos sons a natureza acorda
E o coração se alegra ; da neblina
Os densos rôlos — dos profundos valles
E dos cimos erguidos — procuravão,
Attrahidos do sol, mais alta esphera!

Analia, oh bella filha dos amores,
Porque tremes assim? porque t'encobres?
Porque essa pallidez? esse agitado
Pulsar do seio, esses modestos olhos,
Perlustrando em redor té onde alcanção?
Ninguem te espreita ou vê ; ninguem te segue :
Sob o avito solar descanção todos,
Teu nobre e velho pae te crê dormida!
E tu do leito virginal te ergueste,
Quando a nocturna alampada brilhava
Incerta, frouxa luz nas brancas telas,
Como nos brancos muros de um mosteiro
Estampa a lua os pallidos reflexos.

Analia! occulta voz entre suspiros
Duvidosa murmura : volta o rosto
A donzella gentil, descora, treme,
Vacilla, cáe nos braços de um mancebo,
Qual palha sobre o alambre, ou como fibra
De magnetica força commovida!

Não têm voz, não tem côr, — pallida rosa
Semelha n'um jardim cortada ha pouco!

Quem pudesse acabar entre os deliquios
De um puro e doce amor! — fazer pedaços
Desta vida miserrima as cadeias,
Morrer primeiro que se esgote a fonte
D'uma illusão doirada, — e entre suspiros,
Entre as notas de um ai mal rematado,
Chegar de Deos ao throno, como um canto,
Que a brisa leva ao céo entre perfumes!

Mal distinctas palavras murmurarão :
Não voz, porém accentos mal formados,
Quasi grito e rugidos, que passavão
De um peito a outro sem roçar nos labios ;
Frases do coração que ao destacar-se
Levavão após si o melhor delle.
Aquella tempestade emfim se amaina ;
Já menos fortes sensações tão vivas,
Podem termos achar com que s'exprimão.

« Não sentes, doce bem, quanto é penoso
Lutar em vão co'a sorte? — quanto punge
O prazer que fruir nos fôra dado,
E não fruido se converte em penas!
Pensar que a minha vida, á sós comtigo,
Decorrèra feliz, tranquilla e pura!
Sentir que este desejo assim nutrido
Ha de esvaii-se, e não mui tarde, um dia,
Como ao romper do sol se esváe a sombra!
É vida de martyrios que enlouquecem,
D'anciedade que mata! — Oh muito amada,
Luz desta alma, que a dôr me vai gastando,
Como viver sem ti n'um ermo triste,

Sem qu'eu te escute a voz, sem que os teus olhos
Me fallem da tua alma a cada instante?
Nunca t'eu vira, nem me viras nunca,
Menos agra talvez nos fosse a vida. »

Com voz que os seios d'alma penetrava
Respondia a donzella : « O fado ás vezes
Cança de ser cruel ! — Quem sabe ! — Um dia
Este pezar será, que ora passamos,
Grato de ser lembrado : espera ainda. »
« Espero, — oh ! inda espero; mas a esp'rança,
Ao passo que meus dias se devolvem,
De tanto se alongar me vai fugindo.
Rico e nobre é teu pai; seus feitos vôão
De bocca em bocca — em longa serie illustre,
Não denegrida, não cortada : o orgulho
De rico e d'infanção, que tanto o exalta,
Ergueu alta barreira entre nós ambos. »

« Qu'importa ! o nosso amor é mais valente :
Iremos ambos a seus pés lançar-nos,
Dizer que a nossa vida pende agora
Do nosso amor. — Ha de escutar-me affavel,
A mim que mais que a vida estima e préza,
Ultimo alivio dos seus curtos dias. »

Eis nisto sobrevém o pai turbado,
A quem roaz suspeita rouba o somno;
Mal vê o arrojo do mancebo, e a filha,
Que mancha os seus brasões, prorompe irado :

« Mal haja o vil, o seductor corrupto,
Que tantos annos de honradez deslustra,
Cobrindo a virgem de vergonha; e ao velho
D'opprobrio e negra infamia ! » Assim dizendo,

Leva a tremula mão da clara espada.
Lampeja o aço aos olhos do mancebo,
Que sobre o peito inerme cruza os braços,
E não descora, nem recúa. A virgem,
Que um amavel terror empallidece,
Cobrindo com seu corpo o corpo delle,
Não teme a folha tremula, que oscilla
Na mão que os muitos annos já cansárão :
A vida off'rece a quem lhe dera a vida,
Que a amava tanto! — seu amor confessa,
Finezas delle, que a vencêra amando,
Extremos de ambos que viver não podem,
Não sabem desunidos. Rude o velho
Medita e scisma, e conhecer intenta
O amor do joven ; quer talvez proval-o,
Talvez do extranho arrojo quer punil-o
Ergue-se perto um monte de granito
Altivo, colossal, — no cimo erguido
Nenhuma flôr brotou, nenhum arbusto
Prestou-lhe grata sombra, onde asylado
Canoro rouxinol soltasse o canto.
Com gesto brusco e breve o mostra ao joven,
E diz-lhe em voz, d'onde o furor transpira :
« Se deste monte o pincaro vingares,
Tendo nos braços a mulher que adoras,
Sem que descanses... » — Se o vingar ?... « É tua;
Mas ai de ti, ai della, se esmoreces,
Se a offerta illudes, se tua alma fraca
Aos teus desejos inferior se mostra !... »

É tua ! — Estas palavras no mancebo
Coárão grato enleio ; — gota amiga
D'orvalho no Sahrá, clarão nas trevas,
Brando calor nos pólos. — Minha ! minha !

Como louco bradava, e nos seus braços
Tomou, correndo, a virgem delicada!

CANTO II

Oh! que ditoso par! os corpos de ambos,
Que o amor ligára, estreitamente unidos,
Lá vão, como um só vulto, indivisiveis.
Prende o mancebo nos nervosos braços
O leve corpo della, doce, eburneo,
Elastico e tão meigo!... Oh! que não possa
Linguagem d'homem retratar ao vivo
O arroubo estreme, os extasis divinos,
De quando a vez primeira, entre deliquios,
Unimos contra o peito, arfando ardente,
Uns peitos que se elevão, que se abatem,
Que suspirão por nós! — Os olhos d'ambos
Scintillavão de amor! halito ardente
Crestava os labios d'ambos, derramando
Mais do que vida, do que amor, nas faces
Que em vivo fogo ardião. Amorosa,
Porque mais leve se tornasse, a virgem,
Lançando ao collo delle os niveos braços,
Meia suspensa lhe dizia :

« Amado,
Não tenhas nimio ardor; sê mais prudente,
Calcula os passos, mede-os; ouço as pedras
Rolar-te sob os pés : mais vagaroso
Caminha; a queda é morte, o afan, a pressa
Quebra o arrojo, enfraquece : alcantilado

É deste monte o cume, — falta muito,
E do rosto o suor te corre em fios. »

« Não sabes! por te amar daria a vida,
Até a gota extrema, que em meu peito,
Qu'inda em meu coração gyrar sentisse;
E quando a propria vida me faltára,
Minha alma, e o que me espera além da morte,
Daria por te amar. — É fraca a prova
De soffrer doce peso algumas horas
Por viver em delicias longos annos. »

Anima-se, prosegue mais brioso,
Sorvendo sob os pés a senda ingrata.
Immensa multidão, a quem tal caso
Alli reune, e tem como suspensa,
Applaude enthusiasta, brada, clama,
Da base da montanha... infindos rogos
Eleva, exalta ao céo : — coragem! grita ;
Gentil mancebo, alento ! — Fraca, incerta,
Chegava ao par amante a voz ruidosa.
O mancebo feliz todo se embebe
No futuro gozar dos seus amores.
Bagas e bagas de suór cresciāo
Na fronte afogueada ; o rosto acceso
Ao desejado fim dos seus trabalhos
Volvia : a casta virgem, desprendendo
A loura trança, avelutada e longa,
Tentou limpar-lhe o rosto : mal sentira
A fragancia, o contacto, o sangue em ondas
Correu-lhe ao coração, a côr das faces
Sumio-se de relance. — Soffres ! soffres !
Inquieta a virgem perguntava. O triste
Começou de çorrer com novo alento.

« A trança, a loura trança me electrisa,
Requeima o sangue e a pelle, inflamma e cega!
Querida, amada, mais que tudo amada,
Luz da minha alma, norte meu, feitiço
Desta existencia, que sem ti é morte,
Oh! não queiras, por Deos, tirar-me as forças! »

Bradava assim, correndo; já mais fraco,
Inda mais fraco sente-se; caminha.
« Ouves? a bella virgem lhe dizia:
Quando assentares que vencer não podes
Esta ingreme costeira, não m'o digas;
Porém ao fundo abysmo negrejante,
Que a nossos pés terrifico se cava,
Ah! leva-me, por Deos, presa em teus braços,
E esta vida comtigo alli se acabe. »

« Que fallas em morrer, tão nova ainda!
Soluçava o mancebo: oh! não, mais dias
Nos restão, mais felizes, — outros annos,
Outros tempos de amor, que estes não sejão. »

Já se apressa, já corre! — O povo amigo
— Coragem! com mais força lhe gritava.
Açodado correu por longo espaço,
Salvando d'asp'ra senda as pedras soltas;
Porém, do afan, por fim, quasi vencido,
Com voz, louca de amor, bradava o triste:

« Oh! como é doce este romper da aurora!
A brisa da manhã, como é suave!
Séca-me as bagas de suór do rosto,
Humedece-me os labios resequidos,
E outra vida melhor m'influe no peito. »

E após instantes, proseguio mais baixo :
« Quebrou-me este lutar co'a sorte ingrata,
Quasi vencido arquejo, os membros lassos
Movo a custo arrastados ; mas espero...
Oh ! inda espero de chamar-te minha,
De haver-te em premio deste afan penoso ! »

Volvendo ao cimo da montanha os olhos,
Murmurava a donzella : — Oh ! Deos, tão alta !

« Bem alta, sim, porém vingal-a é força :
O amor é forte e compassivo : os brios,
De que preciso, m'os dará ; mas dize,
Dize-me tu que serás minha, tudo
Que eu perderei, que eu lucrarei comtigo,
E certo vencerei ; — dize-me as doces,
Meigas phrases de amor com que eu sohia
Esquecer-me da vida agra e pesada,
Qu'hei passado sem ti : que em te escutando
Esta fadiga esquecerei, lembrado
Do que me resta de prazer, de enlevos,
D'almas venturas a fruir ditoso.
Assim, assim ; crava nos meus teus olhos,
Teus lindos olhos de um azul tão puro,
Como a cerulea côr do céo, das ondas,
Por noite estiva e bella. Da tua alma
Leio nelles a tímida esperança,
E como elles espero. — Um beijo, um beijo !...
Esse macio dos teus labios causão
Frenesi que transporta, que enlouquece !
Guarda-os por ora ; elles suffocão, roubão
O alento, a razão ; como um cauterio
De fogo, inflammão ; o ardor, a vida,
Que prestão, são delirio, raiva insana,

E nutrem como a febre! »
Eis que o mancebo
Os passos multiplica nessa estrada,
Que mais se estreita, mais se empina e cresce.
Emfim despareceu! não toda, resta
Curta distancia, que vencer é facil;
Facil, porêm a membros não cansados,
Não exhauridos de vigor, em luta
Perigosa e vital. — Meu Deos, não posso!
Murmurava entre si, a medo, e quasi
Reflexo interior do pensamento.

« Um passo mais! » bradava-lhe a donzella,
Em ancias de transido desespero.
« Hesitas! desfalleces! pois morramos!
Placido asylo a campa nos off'rece,
Da morte o estreito umbral passemos juntos. »

Frequentes sons, agudos, nos ouvidos
Sente o mancebo; — transtornado o rosto,
Mal firme sobre os pés, semelha o tronco
Nutante, cerceado, que procura
O cimo undoso equilibrar nos ares.
Nada ouvio, nada vio, — nem mesmo o pranto.
O adeos extremo soluçado á vida
Risonha e bella e subito cortada,
Qnasi ao romper da aurora. O pranto ardente
Cahio no peito do mancebo: « Choras!
Tenho os olhos vendados, mas sentido
Hei sobre o peito um requeimar de fogo;
Choras, tu choras! »
Delirante o moço
De um pulo hardido vinga o resto infando
Da senda malfadada: « És minha! és minha! »

Clama en delirio; mas a morte o colhe,
E d'entre os braços da que amava, o arranca!
Cahio gemendo; a misera donzella,
— Oh! vinde! soccorrei-me! repetia,
Oh! vinde, que elle expira! — A turba entanto
Enchia os ares de applaudir ruidoso.
— Soccorrei-me! bradava enlouquecida;
Bradava a turba: — A noiva, a bella noiva!
Oh! como os seus cabellos esparzidos
C'o resplendor do sol pleiteião brilho?!
É bella, hardido o noivo, ambos felizes! —

Lindas capellas de mimosas flôres
Fabricavão no entanto: um padre chamão,
Porque em laço de amor juntasse a ambos;
Mas as capellas definhárão tristes
Em luctuoso esquife: a mesma campa
Sorveu — leito nefasto — os dois amantes!

Sómente o velho pae do nobre orgulho
No enterro filial o arranco extremo
Soltar medita, transformado em pompa.
Não querendo feliz a filha em vida,
Ao menos quer no marmore brunido
Mostrar poder, nobreza, e o esquartelado
Luctuoso brasão em campo negro[1].

[1] Diz uma tradição da Normandia que um senhor feudal do valle d'Andelle, do tempo do Carlos Magno, tinha uma formosa filha, a qual foi amada e apaixonou-se por um bello mancebo servo do solar. Descobrindo isto o pai, e querendo cortar toda esperança de união dos dois amantes, prometteu ao mancebo dar-lhe a filha, si elle a carregasse sem parar até ao alto do monte que dominava a habitação senhorial e o valle, e que se considerava inaccessivel. Sujeitou-se o mancebo á dura condição, e por um esforço incrivel conseguio chegar ao cimo com a preciosa carga; mas ahi cahio morto de can-

saço, e de dôr morreu a anciosa amante. O nobre senhor, tarde arrependido, mandou encerrar os dois corpos n'uma mesma tumba, e mandou erigir no alto do monte uma capella; acrescenta a tradição que morreu de pezar pela morte da filha. O lugar ficou desde então conhecido pelo nome de : Monte ou Encosta dos dois amantes.

Foi sem dúvida esta tradição que deo origem ao poemeto « Analia », o qual, publicado na primeira edição dos « Ultimos cantos », foi todavia omittido na edição alleman. Sobre a mesma tradição tinha composto o poeta francez Ducis uma poesia, a que dera por titulo o proprio nome da encosta, e de que talvez o poeta brazileiro não tivesse conhecimento ao compôr o seu poemeto. Como quer que seja, houve-se este tão diversamente daquelle no tratar o assumpto, que a sua composição não desmerece, nem por isso deve excluir-se.

J. M.

POESIAS

INSERTAS NO « PARNASO MARANHENSE »

(PUBLICADO NO MARANHÃO EM 1861)

SOBOLOS RIOS

(TRAD. DO HESPANHOL DE LOPE DA VEGA.

Junto ás margens dos rios
De Babilonia — a descantar sentados
Passados desvarios,
Escravos, affligidos e cansados,
Choramos ternamente
Com a memoria de Sião ausente.

Os doces instrumentos
Que o senhor das batalhas já louvarão
Em tempos mais contentes
E que nossas victorias celebrarão;
Quando presos ficámos,
Aos salgueiros extranhos pendurámos.

Nossos donos por dita,
Ou por curiosidade ou por vingança
Ou porque em tal desdita
Tambem piedade ao vencedor alcança,
« Cantai, cantai » disserão:
Com que mais nossas lagrimas crescerão.

E os que conduzião
Captivos — nossos filhos e mulheres,
Os hymnos nos pedíão,
Que augmentavão por lá nossos prazeres;
E em casos tão adversos,
Os cantos de Sião, — os tristes versos!

Mas, em resposta, nós
A seos rogos, chorando, respondemos:
« Como pretendeis vós
Que, a rojar ferros, miseros cantemos
Nesta infeliz cadeia
Versos da patria amada em terra alheia?

« Se de ti me olvidar,
Doce Jerusalèm e agora ou logo
Longe de ti cantar,
Myrre-se, pois cedeo á força ou rôgo
A mão que as cordas toca,
Quando tal sorte lagrimas provoca.

« E se, cantando, der
Signal de que perdi toda a memoria;
Emquanto assim viver,
Cidade sancta, ausente dessa gloria
A lingua se me apegue
Em a garganta, e respirar me negue.

« Nem justo é que se diga
Que eu possa haver jamais contentamento
Entre gente inimiga;
Antes prefiro a todo o sentimento
E até á vida cara,
Ver-te feliz, Jerusalèm preclara!

« No entanto, ó rei divino,
O castigo prepara ao Idumêo,
Que sendo-nos visinho,
Não acudio-nos, — antes ao Chaldêo
Auxiliou — no dia
Em que a triste cidade nos rendia.

« E com voz arrogante,
Mostrando em nosso mal seo odio injusto,
Ia a bradar diante :
— Arrasai, destruí, sem dó, sem susto :
Nem deixe vossa espada
Pedra, que torne a ser edificada !

« Tu, Babilonia, agora
Triumpha !... Deos marcará teo dia !
Abençoada a hora
Em que pagues tão barbara ousadia !
Ditoso quem viver
E o capitão que tal vingança houver !

« E qual já nos fizestes,
Das mães os tenros filhos arrancando,
Hão de fazer a estes,
Que tendes caros ; hão de, os paes olhando,
Travar das louras tranças
Para arrojal-os contra agudas lanças ! »

ESTANCIAS

Tu não queres ligar-te commigo,
Que me fosses mulher t'infamára !...
É tua casa no sangue tão clara,
Que eu me honrasse de unir-me comtigo ?!...

És acaso tão pura lindeza,
Que eu não possa tua mão apertar?...
Mas teos olhos com menos pureza
Outros olhos já vi afagar!

E esses labios que a jura de esposa
Para mim não darião no altar,
Nesses labios alguem já não ousa
Algum beijo de amor estampar?

Pobre louca, que o orgulho atormenta,
Despe a bronca vaidade que tens;
Nem a mim teo amor me contenta,
Nem me ferem teos falsos desdens.

Sei amar; mas a ti... não soubera;
Sei soffrer; mas por ti... tambem não;
De te amar nenhum gosto tivera,
De perder-te — nenhuma afflição.

O meo nome, que engeitas vaidosa,
Que de illustres avós não herdei;
Cobre ao menos pobreza orgulhosa,
Que eu comtigo jamais partirei!

Não te assuste esse fado tristonho,
Não te deixes vencer de afflicção;
Vive em paz!... que eu não quero, não sonho,
Ter a posse do teo coração.

Mas se acaso uma sorte medonha,
Violentar-me por ti a dar ais,
Possa ao menos morrer de vergonha,
Quem de amor não morrêra jamais!

Bahia, Maio de...

CANÇÃO

(TRAD. DO ALLEMÃO DE HEINE.)

Tens joias e diamantes,
Quaes não tem tuas rivaes;
Tens os mais bellos dos olhos...
Amor, que desejas mais?

E sobre esses olhos bellos
Já de carmes immortaes
Tenho composto volumes...
Amor, que desejas mais?

E com esses olhos bellos,
Até não quereres mais,
Tens-me posto á dependura...
Amor, que desejas mais?

SONETO

Baixel veloz, que ao tumido elemento
A voz do nauta experto, afoito entrega,
Demora o curso teo, perto navega
Da terra, onde me fica o pensamento.

Emquanto vais cortando o salso argento,
Desta praia feliz não se despega,
Meos olhos, não, que amargo pranto os rega,
Minha alma, sim, e o amor que é meo tormento.

Baixel, que vais fugindo despiedado,
Sem temor dos contrastes da procella,
Volta ao menos qual vais, tão apressado;
Encontre-a eu gentil, mimosa e bella,
E o pranto que ora verto amargurado,
Possa eu verter feliz no seio della.

1848.

A MINHA FILHA

I

O nosso indio errante vaga;
Mas por onde quer que vá,
Os ossos dos seus carrega:
Por isso, onde quer que chega,
Da vida n'amplo deserto,
Como que a patria tem perto,
Nunca dos seus longe está!

II

Tem para si que a poeira
D'aquelle que chorão morto,
Quando a alma já descança
Da eternidade no porto:
Nenhures está melhor
Do que na urna grosseira,
Que a cada momento enxergão,
Que de instante a instante regão
Com seu prantear d'amor!

III

Ando, como elle, incessante,
Forasteiro, vago, errante,

Sem proprio abrigo, sem lar,
Sem ter uma voz amiga,
Que em minha afflicção me diga
Dessas palavras que fazem
A dôr no peito abrandar!

E sei que morreste, filha!
Sei que a dôr de te perder
Emquanto eu fôr vivo, nunca,
Nunca se ha de esvaecer!

Mas qual teu jazigo, e onde
Jazem teus restos mortaes...
Esse logar que te esconde,
Não vi, não verei já mais!

IV

Não sei se ahi nasce a relva,
Se algum arbusto s'inflora
A cada nova estação;
Se a cada nascer da aurora,
O orvalho lagrimas chora
Sobre esse humilde torrão!
Se ahi nasce o triste goivo,
Ou só espinhos e abrolhos;
Ou se tambem de alguns olhos
Recebes pia oblação!

V

Sei que o pranto que se verte
Longe do morto, não basta!
E pranto que a dôr não gasta,

Que nenhum allivio traz!
Sei que ao partir-me da vida,
Minha alma andará perdida
Para saber onde estás!

VI

Irei beijar teu sepulchro,
Chorar meu ultimo adeos;
Depois, remontando aos céos,
Direi a Deos: « Aqui estou! »
Tu, d'entre o côro dos anjos,
Dos seraphins resplendentes,
Então as azas candentes,
Que a vida não maculou,
Desprega! — e meiga e humilhada
Ao throno do Eterno vai
E na linguaguem dos anjos,
Dize a Jesus: « É meu pae! »

VII

Elle humanou-se! — quiz ser
Filho tambem de mulher;
Mas d'homem, não; porque os céos
Não tinhão bastante espaço
Para um homem pae de Deos!

VIII

Bem sabe elle quanta gloria
Sente o pae que um anjo tem!
Julgará que, pois perdida
Teve uma filha na vida,
Não a perca lá tambem!

Manáus, 1 de Maio de 1861.

OS TYMBIRAS

POEMA AMERICANO

ANTOS I - IV

Ã MAGESTADE

DO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO

PRINCIPE O SENHOR

D. PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO
DO BRAZIL

OS TYMBIRAS

INTRODUCÇÃO

Os ritos semibarbaros dos Piágas,
Cultores de Tupan, e a terra virgem
Donde, como d'um throno, emfim se abrirão
Da cruz de Christo os piedosos braços;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extincto,
Hei de cantar na lyra. — Evóco a sombra
Do selvagem guerreiro!... Torvo o aspecto,
Severo e quasi mudo, a lentos passos,
Caminha incerto, — o bipartido arco
Nas mão sustenta, e dos despidos hombros
Pende-lhe a rota aljava... as entornadas,
Agora inuteis setas, vão mostrando
A marcha triste e os passos mal seguros
De quem, na terra de seos paes, embalde
Procura asylo, e foge o humano trato.

Quem pudera, guerreiro, nos seos cantos
A voz dos piágas teos um só momento
Repetir ; essa voz que nas montanhas
Valente retumbava, e dentro d'alma
Vos ia derramando arrojo e brios,
Melhor que taças de cauim fortissimo?!
Outra vez a chapada e o bosque ouvirão
Dos filhos de Tupan a voz e os feitos
E as pocemas de morte, levantadas
Dentro do circo, onde o fatal delicto
Expia o malfadado prisioneiro,
Qu'enxerga a maça e sente a mussurana
Cingir-lhe os rins a ennodoar-lhe o corpo :
E só de os escutar mais forte accento
Haverião de achar nos seos refolhos
O monte e a selva e novamente os échos.

Como os sons do boré, sôa o meo canto
Sagrado ao rudo povo americano :
Quem quer que a natureza estima e préza
E gósta ouvir as empoladas vagas
Bater gemendo as cavas penedias,
E o negro bosque susurrando ao longe —
Escute-me. — Cantor modesto e humilde,
A fronte não cingi de mirto e louro,
Antes de verde rama engrinaldei-a,
D'agrestes flôres enfeitando a lyra ;
Não me assentei nos cimos do Parnaso,
Nem vi correr a lympha da Castalia.
Cantor das selvas, entre bravas mattas
Aspero tronco da palmeira escolho.
Unido a elle soltarei meo canto,
Emquanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes :
As lagrimas do orvalho por ventura
Da minha lyra distendendo as cordas,
Hão-de em parte ameigar e embrandecel-as.
Talvez o lenhador quando acommette
O tronco d'alto cedro corpulento,
Vem-lhe tingido o fio da segure
De puro mel, que abelhas fabricárão,
Talvez tambem nas folhas que engrinaldo,
A acacia branca o seo candor derrame
E a flôr do sassafraz se estrelle amiga.

CANTO PRIMEIRO

Sentado em sitio escuso descansava
Dos Tymbiras o chefe em tronco annoso,
Itajuba, o valente, o destemido
Acoçador das feras, o guerreiro
Fabricador das incansaveis lutas.
Seo pae, chefe tambem, tambem Tymbira,
Chamava-se o Jaguar : delle era fama
Que os musculosos membros repellião
A frecha sibilante, e que o seo craneo
Da maça aos tesos golpes não cedia.
Cria-se... e em que não crê o povo estulto ?
Que um velho piága na espelunca horrenda
Aquelle encanto, inutil n'um cadaver,
Tirára ao pae defuncto, e ao filho vivo
Inteiro o transmittíra ; é certo ao menos
Que durante uma noite juntos forão
O moço e o velho e o pallido cadaver.

Mas, acertando um dia estar occulto
N'um denso tabocal, onde perdêra
Traços de fera, que revêr cuidava,

Seta ligeira atravessou-lhe um braço.
Mão d'imigo traidor a disparára,
Ou fôra algum dos seos, que receioso
Do mal causado, emmudeceo prudente.

Relata o caso, irreflectido, o chefe.
Mal crido foi! — por abonar seo dito,
Redobra d'imprudencia, — mostra aos olhos
A traiçoeira frecha, o braço e o sangue.
A fama vôa, as tribus inimigas
Adunão-se, amotinão-se os guerreiros
E as boccas dizem : o Tymbira é morto!
Outras emendão : Mal ferido sangra!
Do nome do Itajuba se despega
O medo, — um só desastre venha, e logo
Esse encanto vae prestes converter-se
Em riso e farça das nações vizinhas!
Os Manitôs, que morão pendurados
Nas tabas d'Itajuba, que as protejão ;
O terror do seo nome já não vale,
Já defensão não é dos seos guerreiros!

Dos Gamellas um chefe destemido,
Cioso d'alcançar renome e gloria,
Vencendo a fama que os sertões enchia,
Sahio primeiro a campo, armado e forte;
Guedelha e ronco dos sertões immensos,
Guerreiros mil e mil vinhão traz elle,
Cobrindo os montes e juncando as mattas.
Com pejado carcaz de ervadas setas
Tingidas d'urucú, segundo a usança
Barbara e fera, desgarrados gritos
Davão no meio das canções de guerra.

Chegou, e fez saber que era chegado
O rei das selvas a propôr combate
Dos Tymbiras ao chefe. — « A nós só caiba
(Disse elle) a honra e a gloria ; entre nós ambos
Decida-se a questão do esforço e brios.
Estes, que vês, impavidos guerreiros,
São meos, que me obedecem ; se me vences,
São teos ; se és o vencido, os teos me sigão :
Aceita ou foge, que a victoria é minha. »

— Não fugirei, responde-lhe Itajuba :
Que os homens, meos iguaes, encarão fito
O sol brilhante, e os não deslumbra o raio. —

« Serás, poisque me affrontas, torna o barbaro,
Do meo valor trophéo, — e da victoria,
Qu'hei-de certo alcançar, despojo opimo.
Nas tabas em que habito ora as mulheres
Tecem da sapucaya as longas cordas,
Que os pulsos teos hão-de arrochar-te em breve ;
E tu vil, e tu preso, e tu coberto
D'escarneo e d'irrisão ! — Cheio de gloria,
Alèm dos Andes voará meo nome ! »

O filho de Jaguar surrio-se a furto :
Assim o pae sorri ao filho imberbe,
Que desprezado o arco seo pequeno,
Talhado para aquellas mãos sem forças,
Tenta d'outro maior curvar as pontas
Que vezes tres o mede em toda a altura !

Travárão luta fera os dois guerreiros.
Primeiro ambos de longe as setas vibrão ;
Amigos manitòs, que ambos protegem,
Nos ares as desgarrão. Do Gamella

Entrou a frecha tremula n'um tronco
E só parou no cerne ; a do Tymbira,
Ciciando veloz, fugio mais longe,
Roçando apenas os frondosos cimos.
Encontrão-se os tacápes, lá se partem ;
Ambos o punho inutil regeitando,
Estreitão-se valentes : braço a braço,
Alentando açodados, peito a peito,
Revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe
Rouqueja o peito arfado um som confuso.

Scena vistosa ! quadro apparatoso !
Guerreiros velhos, á victoria affeitos,
Tamanhos campeões vendo n'arena,
E a luta horrivel e o combate acceso,
Mudos quedárão de terror transidos.
Qual d'aquelles heróes ha-de primeiro
Sentir o egregio esforço abandonal-o ?
Perguntão ; mas não ha quem lhes responda.

São ambos fortes : o Tymbira hardido,
Esbelto como o tronco da palmeira,
Flexivel como a frecha bem talhada.
Ostenta-se robusto o rei das selvas ;
Seo corpo musculoso, immenso e forte
É como rocha enorme, que desaba
De serra altiva, e cáe no valle inteira.
Não vale humana força desprendel-a
D'alli, onde ella está ; fugaz corisco
Bate-lhe a calva fronte sem partil-a.

Separão-se os guerreiros um do outro,
Foi d'um o pensamento, — a acção foi d'ambos
Ambos arquejão ; descoberto o peito
Arfa, estúa, eleva-se, comprime-se,

E o ar em ondas sofregos respirão.
Cada qual, mais pasmado que medroso,
Se estranha a força que no outro encontra,
A mal cuidada resistencia o irrita.
Itajuba! Itajuba! — os seos exclamão.
Guerreiro, tal como elle, se descora
Um só momento, é dar-se por vencido.
O filho de Jaguar voltou-se rapido.
Donde essa voz partio? quem n'o aguilhôa?
Raiva de tigre anuviou-lhe o rosto
E os olhos côr de sangue irados pulão.

« A tua vida a minha gloria insulta! »
Grita ao rival; « e já de mais viveste. »
Disse, e como o condor, descendo a prumo
Dos astros, sobre o lhama descuidoso,
Pávido o prende nas torcidas garras,
E sóbe audaz onde não chega o raio...
Vôa Itajuba sobre o rei das selvas,
Cinge-o nos braços, contra si o aperta
Com força incrivel: o colosso vérga,
Inclina-se, desaba, cáe de chofre,
E o pó levanta e atrôa forte os echos.
Assim cáe na floresta um tronco annoso,
E o som da queda se propaga ao longe!

O fero vencedor um pé alçando,
Morre! — lhe brada — e o nome teo comtigo!
O pé desceo, batendo a arca do peito
Do exanime vencido: os olhos turvos,
Levou, a extrema vez, o desditoso
Áquelles céos d'azul, áquellas mattas,
Doce cobertas de verdura e flôres!

Depois, erguendo o esqualido cadaver
Sobre a cabeça, horrivelmente bello,
Aos seos o mostra ensanguentado e torpe :
Então por vezes tres o horrendo grito
Do triumpho soltou ; e os seos tres vezes
O mesmo grito em côro repetirão.
Aquella massa emfim vôa nos ares;
Porém na dextra do feliz guerreiro
Dividem-se entre os dedos as melenas,
De cujo craneo marejava o sangue!

Transbordando ufania do successo
Inda recente, recordava as phases
Orgulhoso o guerreiro! Ainda escuta
A dura voz, inda a figura avista
D'esse, que ousou atravessar-lhe as sanhas :
Lembra-se! e da lembrança grato enlevo
Lhe côa n'alma em fogo : longos olhos,
Emquanto assim medita, vae levando
Por onde o céo e as selvas se confundem,
Por onde o rio, em tortuosos gyros,
Queixoso lambe as empedradas margens.
Assim o jugo seo não escorjassem
Trédos Gamellas c'o a nocturna fuga!
Perfidos! o heróe jurou vingar-se!
Tremei! qu'ha-de o valente debellar-vos!
E emquanto segue o céo, e o rio, e as selvas,
Crescem-lhe brios, força, — alteia o collo,
Fita orgulhoso a terra, onde não acha,
Nem crê achar quem lhe resista ; eis n'isto
Reconhece um dos seos, que pressuroso
Corre a encontral-o, — rapido caminha ;
Porém d'instante a instante, d'enfiado

Vólta o pavido rosto, onde se pinta
O susto vil, que denuncia o fraco.

« Ó filho de Jaguar » de longe brada,
« N'este aperto nos vale, — eil-os se avanção
Pujante contra nós, tão bastos, tantos,
Como enredados troncos na floresta. »

« Tu sempres tremes, Jurucey, » tornou-lhe
Com voz tranquilla e magestosa o chefe,
« O mel, que em fallas sem cessar distillas,
Tolhe-te o esforço e te enfranquece a vista :
Amigos são talvez, amigas tribus,
Algum chefe, que tem comnosco as armas,
Em signal d'alliança, espedaçado :
Vem talvez festejar o meo triumpho,
E os seos cantores celebrar meo nome, »

« Não! não! ouvi o som triste e sonoro
Das ygaras, rompendo a custo as aguas,
Dos remos manejados a compasso,
E os sons guerreiros do boré, e os cantos
Do combate; parece, d'irritado,
Tão grande peso agora a flôr lhe corta,
Que o rio vae sorver as altas margens. »

— E são Gamellas? — perguntou-lhe o chefe.
« Vi-os, tornou-lhe Jurucey, — são elles! »
O chefe dos Tymbiras dentro d'alma
Sentio odio e vingança remordel-o.
Rugio a tempestade, mas lá dentro;
Cá fóra retumbou, mas quasi extincta.
Começa então com voz cavada e surda :

« Irás tu, Juracey, por mim dizer-lhes :
Itajuba, o valente, o rei da guerra,
Fabricador das incansaveis lutas,
Emquanto a maça não sopesa, emquanto
Dormem-lhe as setas no carcaz immoveis,
Off'rece-vos liança e paz ; — não ama,
Tigre repleto, espedaçar mais prezas,
Nem quer dos vossos derramar mais sangue.
Tres grandes tabas, onde heróes pullulão,
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
Cahidas a seos pés, a voz lhe escutão.
Vós outros, attendei, — cortai nas mattas
Troncos robustos e frondosas palmas,
E construí cabanas, — onde o corpo
Cahio do rei das selvas, — onde o sangue
D'aquelle heróe vossa perfidia attesta.
Aquella briga emfim de dois, tamanhos,
Signalai ; porque estranho caminheiro,
Amigas vendo e juntas nossas tabas,
E a fé, que usais guardar, sabendo, exclamem :
Vejo um povo de heróes e um grande chefe ! »

Disse ; e vingando o cimo d'alto monte,
Que em roda largo espaço dominava,
O atroador memby soprou com força.
O tronco, o arbusto, a moita, a rocha, a pedra,
Convertem-se em guerreiros ; mais depressa,
Quando sôa o clarim, nuncio de guerra,
Não sopra, e escava a terra, e o ar divide
Co' as crinas fluctuantes, o ginete,
Impavido, orgulhoso, em campo aberto.

Da montanha Itajuba os vê sorrindo,
Galgando valles, combros, serranias,

Coalhando o ar e o céo de feios gritos,
E folga porque os vê correr tão prestes
Aos sons do cavo buzio conhecido,
Já tantas vezes repetidos antes
Por valles e por serras ; já não póde
Numeral-os, de tantos que se apinhão ;
Mas, vendo-os, reconhece o vulto e as armas
Dos seos : « Tupan sorri-se lá dos astros,
— Diz o chefe entre si ; — lá, descuidosos
Das folganças de Ibáke, heróes tymbiras
Contemplão-me, das nuvens debruçados :
E por ventura de lhes ser eu filho
Enlevão-se, e repetem, não sem gloria,
Os seos cantores d'Itajuba o nome. »

Vem primeiro Jucá de féro aspecto.
D'uma onça bicolor cae-lhe na fronte
A pell' vistosa ; sob as hirtas cerdas,
Como sorrindo, alvejão brancos dentes,
E nas vasias orbitas lampejão
Dois olhos, fulvos, máos. — No bosque, um dia,
A traiçoeira fera a cauda enrosca
E mira nelle o pulo : do tacápe
Jucá desprende o golpe, e furta o corpo :
Onde estavão seos pés, as duras garras
Encravão-se enganadas, e onde as garras
Mordêrão, beija a terra a fera exangue
E, morta, ao vencedor tributa um nome.

Vem depois Jacaré, senhor dos rios,
Ita-roca indomavel, — Catucába,
Primeiro sempre no combate, — o forte
Juçarána, — Poty ligeiro e dextro,

O tardo Japegoá, — o sempre afflicto
Piahiba, que espiritos perseguem :
Mojacá, Moperéba, irmãos nas armas,
Sempre unidos ; ninguem não foi como elles !
Lagos de sangue derramárão juntos ;
Filhos e paes e mães d'imigas tabas
Odeião-nos chorando, e a gloria d'ambos,
Assim chorada, mais e mais se exalta :
Çamotim, Pirajá, e outros infindos,
Heróes tambem, aos quaes faltou sómente
Nação menor, menos guerreira tribu.

Japy, o atirador, quando escutava
Os sons guerreiros do memby troante,
Na tesa corda a frecha embebe inteira,
E mira um javali que os alvos dentes,
Navalhados, remove ; pára, escuta...
Volvem-lhe os mesmos sons : bate-lhe o peito,
Os olhos pulão, — sólta horrendo grito,
Arranca e roça a fera !... a fera attonita,
Aterrada, transida, treme, erriça
As duras cerdas ; tiritante, pavida,
Esgazeando os olhos fascinados,
Recúa : um tronco só lhe embarga os passos.
Por longo tracto, de si mesma alheia,
Demora-se, lembrada : a custo o sangue
Volve de novo ao costumado gyro,
Emquanto o vulto horrendo se recorda !

« Mas onde está Jatyr ? — pergunta o chefe,
Que debalde o procura entre os que o cercão :
— Jatyr, dos olhos negros, que me luzem,
Melhor que o sol nascendo, dentro d'alma ;
Jatyr, que aos chefes todos anteponho,

Cuja bravura e temerario arrojo
Fólgo em reger e moderar nos prelios;
Esse, porque não vem, quando vós vindes? »

— Corre Jatyr no bosque, diz um chefe,
Bem sabes como: acinte se desgarra
Dos nossos; anda só, talvez sem armas,
Talvez bem longe: acôrdo nelle é certo,
Creio, de nos tachar assim de fracos! —

Pae de Jatyr, Ogib, entrára em annos;
Grosseiro cedro mal lhe firma os passos,
Os olhos pouco vêm; mas de conselho
Valioso e prestante. Alli, mil vezes,
Havia com prudencia temperado
O juvenil ardor dos seos, que o ouvião.
Alheio agora da prudencia, escuta
A voz que o filho amado lhe crimina.
Sopra-lhe o dizer acre a cinza quente,
Viva, accesa, antes brasa, — o amor paterno:
Amor inda tão forte na velhice,
Como no dia venturoso, quando
Cendy, que os olhos seos só virão bella,
Sorrindo luz de amor dos meigos olhos,
Carinhosa lh'o deo; quando na rede
Ouvia com prazer as ledas vozes
Dos companheiros seos, — e quando absorto,
Olhos pregados no gentil menino,
Bem longas horas, sim, porém bem doces
Levou scismando aventuradas sinas.
Alli o tinha, alli meigo e risonho
Aquelles tenros braços levantava;
Aquelles olhos limpidos se abrião
Á luz da vida; candido sorriso,

Como o sorrir da flôr no romper d'alva,
Radiava-lhe o rosto : quem julgára,
Quem pudera aventar, suppôr ao menos
Haverem de apertar-se aquelles braços
Tão mimosos, um dia, contra o peito
Arquejante e cançado, — e aquelles olhos
Verterem pranto amargo em soledade?
Incrivel! — porém lagrimas crescerão-lhe
Dos olhos, — lá tombou-lhe uma, das faces
No filho, em cujo rosto um beijo a enxuga.

Agora, Ogib, alheio da prudencia,
Que ensina, imputações tão más ouvindo
Contra o filho querido, acre responde :

« São torpes os anúns que em bandos folgão,
São máos os caitetús que em varas pascem:
Sómente o sabiá geme sósinho
E sósinho o condor aos céos remonta.
Folga Jatyr de só viver comsigo :
Em bem, que tens agora que dizer-lhe?
Esmaga o seo tacápe a quem vos prende,
A quem vos damna, afoga entre os seos braços,
E em quem vos accommette, emprega as setas.
Fraco! não temes já que te não falte
O primeiro entre vós, Jatyr, meo filho? »

Despeitoso Itajuba, ouvindo um nome,
Embora o de Jatyr, apregoado
Melhor, maior que o seo, a testa enruga
E diz severo aos dois qu'inda argumentão :

« Mais respeito, mancebo, ao sabio velho,
Qu', eramos nós crianças, manejava

A seta e o arco em defensão dos nossos.
Tu, velho, mais prudencia. Entre nós todos
O primeiro sou eu : Jatyr, teo filho,
É forte e bravo ; porém novo. Eu mesmo
Gabo-lhe o porte e a gentileza ; e aos feitos
Novéis applaudo : bem maneja o arco,
Vibra certeira a frecha ; mas... (Sorrindo
Prosegue) afóra delle inda ha quem saiba
Mover tão bem as armas, e nos braços
Robustos, afogar fortes guerreiros.
Jatyr virá, senão... serei comvosco,
(Disse voltado para os seos, que o cercão)
E bem sabeis que vos não falto eu nunca. »

Altercão elles nas ruidosas tabas,
Emquanto Jurucey com pé ligeiro
Caminha : as aves docemente atitão,
De ramo em ramo — docemente o bosque
A medo rumoreja, — a medo o rio
Escòa-se e murmura : um borborinho,
Confuso se propaga, — um raio incerto
Dilata-se do sol doirando o occaso.
Ultimo som que morre, ultimo raio
De luz, que treme incerta, quantos entes
Oh ! quantos ! hão de ver a luz de novo
E o romper d'alva, e os céos, e a natureza
Risonha e fresca, — e os sons, e os ledos cantos
Ouvir das aves timidas no bosque
Outra vez ao surgir da nova aurora?

CANTO SEGUNDO

Desdobra-se da noite o manto escuro :
Leve brisa subtil pela floresta
Enreda-se e murmura, — amplo silencio
Reina por fim. Nem saberás tu como
Essa imagem da morte é triste e torva,
Se nunca, a sós comtigo, a presentiste
Longe deste zunir da turba inquieta.
No ermo, sim ; procura o ermo e as selvas ..
Escuta o sôm final, o extremo alento,
Que exhala em fins do dia a natureza !
O pensamento, que incessante vôa,
Vae do som á mudez, da luz ás sombras
E da terra sem flôr ao céo sem astro.
Semelha a fraca luz, qu'inda vacilla
Quando, em ledo saráu, o extremo acorde
No deserto salão geme, e se apaga !

Era pujante o chefe dos Tymbiras,
Sem conto seos guerreiros, tres as tabas,
Opimas, — uma e uma derramadas
Em gyro, como dança dos guerreiros.

Quem não folgára de as achar nas mattas?
Tres flôres em tres hastes differentes
N'um mesmo tronco, — tres irmãs formosas
Por um laço de amor alli prendidas
No ermo, mas vivendo aventuradas?
Deo-lhes assento o heróe entre dois montes,
Em chã copada de frondosos bosques.
Alli o cajazeiro as perfumava;
O cajueiro, na estação das flôres,
De vivo sangue marchetava as folhas;
As mangas, curvas á feição de um arco,
Beijavão-lhes o tecto; a sapucaya
Lambia a terra, em graciosos laços
Doces maracujás de espessas ramas
Sorrião-se pendentes; o páo d'arco
Fabricava um docel de cróceas flôres,
E as parasitas de matiz brilhante
A usnea das palmeiras estrellavão!

Quadro risonho e grande, em que não fosse
Em granito ou em marmore talhado!
Nem palacios, nem torres avistáras,
Nem castellos que os annos vão comendo,
Nem grimpas, nem zimborios, nem feituras
Em pedra, que os humanos tanto exaltão!
Rudas palhoças só! que mais carece
Quem ha de ter sómente um sol de vida,
Jazendo negro pó antes do occaso?
Que mais? Tão bem a dôr ha de sentar-se
E a morte revoar tão sôlta em gritos
Alli, como nos atrios dos senhores;
Tão bem a compaixão ha de cobrir-se
De dó, limpando as lagrimas do afflicto:
Incerteza voraz, timida esp'rança,

Desejo, inquietação tambem lá morão :
Que sóbra pois em nós, que falta nelles?

De Itajuba separão-se os guerreiros ;
Mudos, ás portas das sombrias tabas,
Immoveis, nem que fossem duros troncos,
Pensativos meditão. Já da guerra
Nada receião, que Itajuba os manda;
O encanto, os manitôs inda o protegem,
Vela Tupan sobre elle, e os sanctos piágas
Comprida serie de floridas quadras
Vêr lhe asseguião : nem de ha pouco a luta,
Melhor disseras de renome ensejo,
Os desmentio, que nunca os piágas mentem.
Mêdo, certo, não têm ; são todos bravos !
Porque meditão pois ? Tambem não sabem !

Sahe o piága no emtanto da caverna,
Que nunca humanos olhos penetrárão ;
Com ligeiro sendal os rins aperta,
Cocar de escuras plumas se debruça
Da fronte, em que se enxerga em fundas rugas
O tenaz pensamento afigurado.
Cercão-lhe os pulsos cascaveis loquazes,
Respondem outros, no tripudio sacro,
Dos pés. Vem magestoso, e grave, e cheio
Do Deos, que o peito seo, tão fraco, habita.
E emquanto o fumo lhe volteia em torno,
Como neblina em torno ao sol que nasce,
Ruidoso maracá nas mãos sustenta,
Sólta do sacro rito os sons cadentes.

« Visita-nos Tupan, quando dormimos,
É só por seo querer que então sonhamos ;

Escute-me Tupan ! Sobre vós outros,
Poder do maracá por mim tangido,
Os sonhos desção, quando o orvalho desce.

« O poder de Anhangá cresce co'a noite ;
Sólta de noite o máo seos máos ministros :
Caraibêbes na floresta accendem
A falsa luz, que o caçador transvia.
Caraibêbes enganosas fórmas
Dão-nos aos sonhos, quando nós sonhamos.
Poder do fumo, que lhes quebra o encanto,
De vós se partão ; mas Tupan vos olhe,
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce.

« Tristonhos pios a acauán desata,
Quando ao guerreiro prognostica males ;
Tristonhos bandos de urubús vorazes
Os sonhos turbão das vencidas hostes :
Cheios de mêdo os Manitôs desertão
As tabas mudas, que hão de ser calcadas,
Já cinza fria, pelo imigo fero.
Não fujão Manitôs as nossas tabas !
Urubús, acáuans nos vossos sonhos,
Virtude e força deste meo tripudio,
Não se vos pintem ; mas Tupan vos olhe,
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce !

« O sonho e a vida são dois galhos gemeos ;
São dois irmãos que um laço amigo aperta :
A noite é o laço ; mas Tupan é o tronco
E a seve e o sangue que circula em ambos.
Vive melhor quem da existencia ignaro,
Na paz da noite, novas forças cria.
O louco vive com aferro, emquanto
N'alma lhe ondeião do delirio as sombras,

De vida espurias; Deos porém lh'as rompe,
E na loucura do porvir nos falla!
Tupan vos olhe, e sobre vós do Ibake
Os sonhos desção, quando o orvalho desce! »

Assim cantava o piága merencorio,
Tangia o maracá, dançava em roda
Dos guerreiros: pudéra ouvido attento
Os sons finaes da lugubre toada
Na placida mudez da noite amiga
De longe, em côro ouvir: « Sobre nós outros
Os sonhos desção, quando o orvalho desce. »

Calou-se o piága, ja descansão todos!
Almo Tupan os communique em sonhos,
E os que sabem tão bem vencer batalhas,
Quando acordados malbaratão golpes,
Saibão dormidos figurar triumphos!

Mas que medita o chefe dos Tymbiras?
Bosqueja por ventura ardiz de guerra,
Fabrica e enreda as asperas ciladas,
E a olhos nús do pensamento enxerga
Desfeita em sangue revolver-se em gritos
Morte pavida e má?! ou sente e avista,
Escandecida a mente, o Deos da guerra
Impavido Areskí, sanhudo e forte,
Calcar aos pés cadaveres sem conto,
Na dextra ingente sacudindo a maça,
Donde certeira, como o raio, desce
A morte, e banha-se orgulhosa — em sangue?

Al sente o bravo; outro pensar o occupa!
Nem Areskí, nem sangue se lhe antolha,
Nem resolve comsigo ardiz de guerra,

Nem combates, nem lagrimas medita :
Sentio calar-lhe n'alma um sentimento
Gelado e mudo, como o véo da noite.
Jatyr, dos olhos negros, onde pára?
Que faz? que lida? ou que fortuna corre?
Tres sóes já são passados : quanto espaço,
Quanto azar não correo nos amplos bosques
O impróvido mancebo aventureiro?
Alli na relva a cascavel se esconde,
Alli, das ramas debruçado, o tigre
Aferra traiçoeiro a presa incauta!
Reserve-lhe Tupan mais fama e gloria,
E vos amiga de cantor suave
C'os altos feitos lhe embalsame o nome!

Assim discorre o chefe, que em nodoso
Tronco rudo-lavrado se recosta :
Não tem poder a noite em seos sentidos,
Que a mesma idéia de continuo volvem.
Vela e treme nos tectos da cabana
A baça luz das resinosas tochas,
Acres perfumes recendendo ; — alastrão
De rubins côr de brasa a flôr do rio!

« Ouvira com prazer um triste canto,
Diz la comsigo ; um canto merencorio,
Que este presagio funebre espancasse.
Bem sinto um não sei quê aferventar-se-me
Nos olhos, que váe prestes expandir-se :
Não sei chorar, bem sei ; mas fôra grato,
Talvez bem grato! á noite, e a sós commigo,
Sentir macias lagrimas correndo.
O talo agreste de um cipó sem graça
Verte compridas lagrimas cortado ;

O tronco do cajá desfaz-se em gomma,
Suspira o vento, o passarinho canta,
O homem chora ! eu só, mais desditoso,
Invejo o passarinho, o tronco, o arbusto,
E quem, feliz, de lagrimas se paga. »

Longo espaço depois fallou comsigo,
Mudo e sombrio : « Sabiá das matas,
Croá (diz elle ao filho d'Yandyroba),
As mais canoras aves, as mais tristes
No bosque, a suspirar comtigo aprendão.
Canta, poisque trocára de bom grado
Os altos feitos pelos doces carmes
Quem quer que os escutou, mesmo Itajuba. »

Emmudeceo : na taba quasi escura,
Com pé alterno a dança vagarosa,
Aos sons do maracá, traçava os paços.

« Flôr de belleza, luz de amor, Coema,
Murmurava o Cantor, onde te foste,
Tão doce e bella, quando o sol raiava ?
Coema, quanto amor que nos deixaste !
Eras tão meiga, teo sorrir tão brando,
Tão macios teos olhos ! teos accentos
Cantar perenne, tua voz gorgeios,
Tuas palavras mel ! O romper d'alva,
Se encantos punha a par dos teos encantos,
Tentava embalde pleitear comtigo !
Não tinha a ema porte mais soberbo,
Nem com mais graça recurvava o collo !
Coema, luz de amor, onde te foste ?

« Amava-te o melhor, o mais guerreiro
D'entre nós : elegeo-te companheira,

A ti sómente, que só tu achavas
Sorriso e graça na presença delle.
Flòr, que nasceste no musgoso cedro,
Cobravas páreas de abundante seiva,
Tinhas abrigo e protecção das ramas...
Que vendaval te despegou do tronco,
E ao longe, em pó, te esperdiçou no valle?
Coema, luz de amor, flôr de belleza,
Onde te foste, quando o sol raiava?

« Anhangá rebocou estreita ygara
Contra a corrente : Orapacên vem nella,
Orapacên, Tupinambá famoso.
Conta prodigios d'uma raça estranha,
Tão alva como o dia, quando nasce,
Ou como a areia candida e luzente,
Que as aguas d'um regato sempre lavão.
Raça, a quem os raios promptos servem,
E o trovão e o relampago acompanhão.
Já de Orapacên os mais guerreiros
Mordem o pó, e as tabas feitas cinza
Clamão vingança em vão contra os estranhos,
Talvez d'outros estranhos perseguidos,
Em punição talvez d'atroz delicto.
Orapacên, fugindo, brada sempre :
— Maír! Maír! Tupan! — Terror que mostra,
Brados que sólta, e as derrocadas tabas,
Desde Tapuytapéra alto proclamão
Do vencedor a indomita pujança.
Ai! não viesse nunca ás nossas tabas
O tapuya mendaz, que os bravos feitos
Narrava do Maír; nunca os ouviras,
Flôr de belleza, luz de amor, Coema!

« A cega desventura, nunca ouvida,
Nos move á compaixão : prestes corremos
Com ledo gasalhado a restaural-os
Da vil dureza do seo fado : dormem
Nas nossas redes, diligentes vamos
Colher-lhes fructos, — descansados folgão
Nas nossas tabas : Itajuba mesmo
Off'rece abrigo ao palrador tapuya !
Hospedes são, nos diz ; Tupan os manda :
Os filhos de Tupan serão bem vindos,
Onde Itajuba impera ! — Ai que não erão,
Nem filhos de Tupan, nem gratos hospedes
Os vis que o rio, a custo, nos trouxera ;
Antes dolosa resfriada serpe
Que ao nosso lar creou vida e peçonha.
Quem nunca os vira ! porèm tu, Coema,
Leda avesinha, que adejavas livre,
Azas da côr da prata ao sol abrindo,
A serpente cruel porque fitaste,
Se já do olhado máo sentias pejo ? !

« Ouvimos, uma vez, da noite em meio,
Voz de afflicta mulher pedir soccorro
E em tom sumido lastimar-se ao longe.
Orapacên ! — bradou feroz tres vezes
O filho de Jaguar : clamou debalde.
Sómente acode o echo á voz irada,
Quando elle o malfeitor no instincto enxerga.
Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,
E tenta com afan chegar ao termo,
Donde as querellas miseras partião.
Chegou — já tarde ! — nós, mais tardos inda.
Assistimos ao subito espectaculo !

« Queimão-se raros fogos nas desertas
Margens do rio, quasi immerso em trevas :
Afadigados no labor nocturno,
Os traiçoeiros hospedes caminhão,
Pejando á pressa as concavas ygaras.
Longe, Coema, a doce flôr dos bosques,
Com voz de embrandecer duros penhascos,
Supplíca e roja em vão aos pés do fero,
Cavilloso tapuya ! Não resiste
Ao fogo da paixão, que dentro lavra,
O barbaro, que a vio, que a vê tão bella !

« Vai arrastal-a, — quando sente uns passos
Rapidos, breves, — volta-se : — Itajuba !
Grita ; e os seos, medrosos, receiando
A perigosa luz, os fogos matão.
Mas, no extremo clarão que elles soltárão,
Vio-se Itajuba com seo arco em punho,
Calculando a distancia, a força, e o tiro :
Era grande a distancia, a força immensa... »

« E a raiva incrivel, continúa o chefe,
A antiga cicatriz sentindo abrir-se !
« Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,
E a frecha vil cahio-me aos pés sem força. »
E assim dizendo nos cerrados punhos
De novo pensativo a fronte opprime.

« Sim, tornava o Cantor, immenso e forte
Devêra o arco ser, que entre nós todos
Só um achou, que lhe vergasse as pontas,
Quando Jaguar morreo ! — partio-se o arco !
Depois ouvio-se um grito, após ruido,

Que as aguas fazem no tombar de um corpo ;
Depois — silencio e trevas... »

« Nessas trevas,
Replicava Itajuba, — inteira a noite,
Louco vaguei, corri d'encontro ás rochas.
Meo corpo lacerei nos espinheiros,
Mordi sem tino a terra já cançado ;
Soluçavão porêm meos frouxos labios
O nome della tão querido, e o nome...
Aos vis Tupinambás nunca os eu veja,
Ou morra, antes de mim, meo nome e gloria
Se os não hei de punir ao recordar-me
A aurora infausta que me trouxe aos olhos
O cadaver... » Parou, que a estreita gorja
Recusa aos cavos sons prestar accento.

« Descança agora o pallido cadaver
(Continúa o cantor) junto á corrente
Do regato, que volve areias d'ouro.
Alli agrestes flôres lhe matizão
O modesto sepulcro, — aves canóras
Descantão tristes nenias ao compasso
Das aguas, que tambem nenias solução.

« Suspirada Coema, em paz descança
No teo florido e funebre jazigo ;
Mas, quando a noite dominar no espaço,
Quando a lúa coar humidos raios
Por entre as densas, buliçosas ramas,
Da candida neblina véste as fórmas,
E vem no bosque suspirar co'a brisa :
Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,
E á virgem, que adormece, amor inspira. »

Calou-se ; o maracá rugio de novo
A extrema vez; e jaz emmudecido.
Mas no remanso do silencio e trevas,
Como debil vagido, escutarias
Queixosa voz, que repetia em sonhos :
« Veste, Coema, as fórmas da neblina,
Ou vem nos rios tremulos da lúa
Cantar, viver e suspirar commigo. »

Ogib, o velho, pae do aventureiro
Jatyr, não dorme nos vasios tectos :
Do filho ausente prendem-no cuidados ;
Vela cançado e triste o pae coitado,
Lembrando-se desastres que passárão
Impróvidos, no bosque pernoitando.
E vela, — e a mente afflicta mais se enluta,
Quanto mais cresce a noite e as trevas crescem !

Já tarde, sente uns passos apressados,
Medindo a taba escura ; o velho treme,
Estende a mão convulsa, e roça um corpo
Molhado e tiritante : a voz lhe falta...
Attende largo espaço, até que escuta
A voz do sempre afflicto Piahiba,
Ao pé do fogo extincto lastimar-se.

« O louco Piahiba, a noite inteira,
Andou nas matas ; miserando soffre ;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sobre ellas :
Como o verme na fructa, um Deos maligno
Lhe mora na cabeça, oh ! quanto soffre !

« Emquanto o velho Ogib está dormindo,
Vou-me aquecer;
O fogo é bom, o fogo aquece muito;
Tira o soffrer,
Emquanto o velho dorme, não me expulsa
D'ao pé do lar;
Dou-lhe a mensagem, que me deo a morte,
Quando acordar!
Eu vi a morte; vi-a bem de perto
Em hora má!
Vi-a de perto, não me quiz comsigo,
Por ser tão má.
Só não tem coração, dizem os velhos,
E é bem de vêr;
Que, se o tivera, me daria a morte,
Que é meo querer.
Não quiz matar-me; mas é bem formosa;
Eu vi-a bem:
É como a virgem, que não tem amores,
Nem odios tem.
O fogo é bom, o fogo aquece muito,
Quero-lhe bem! »

Remexe, assim dizendo, as frias cinzas
E mais e mais conchega-se ao borralho.
O velho em tanto, erguido a meio corpo
Na rede, escuta pavido, e tirita
De frio e mêdo. — quasi igual delirio
Castiga-lhe as idéias transformadas.

« Já me não lembra o que me disse a morte!...
Ah! sim, já sei!
— Junto ao sepulcro da fiel Coema,
Alli serei:

Ogib emprazo, que a fallar me venha
Ao anoitecer ! —
O velho Ogib ha de ficar contente
Co'o meo dizer ;
Talvez que o velho, que viveo já muito,
Queira morrer ! »

Emmudeceo : alfim tornou mais brando :

« Mas dizem que a morte procura mancebos ;
Porêm tal não é ;
Que colhe as florinhas abertas de fresco
E os fructos no pé ? !...
Não, não, que só ama sem folhas as flôres,
E sem perfeição ;
E os fructos perdidos, que apanha golosa,
Cahidos no chão.
Tambem me não lembra que tempo hei vivido,
Nem por que razão
Da morte me queixo, que vejo, e não vê-me,
Tão sem compaixão. »

As ancias não vencendo, que o soçobrão,
Salta da curva rede Ogib afflicto ;
Tremulo as trevas apalpando, topa,
E roja miserando aos pés do louco.

« Oh ! dize-me, se a viste, e se em tua alma
Algum sentir humano inda se aninha,
Jatyr, que é feito delle ? Disse a morte
Haver-me cubiçado o moço imberbe,
A cara luz dos meos cansados olhos ?
Oh dize-o ! Assim o espirito inimigo
Folgados annos respirar te deixe ! »

O louco ouvio nas trevas os soluços
Do velho, mas seos olhos nada alcanção :
Pasma, e de novo o seo cantar começa :
« Emquanto o velho dorme, não me expulsa
D'ao pé do lar. »
— « Mas expulsei-te eu nunca? »
Tornava Ogib a desfazer-se em pranto,
Em ancias de transido desespero.
« Bem sei que um Deos te mora dentro d'alma ;
E nunca houvera Ogib de espancar-te
Do lar, onde Tupan é venerado.
Mas falla ! oh ! falla, uma só vez repete-o :
Vagaste á noite nas sombrias matas... »

« Silencio ! brada o louco : não escutas? ! »
E pára, como ouvindo uns sons longinquos.
Depois prosegue : « Piahiba o louco
Errou de noite nas sombrias matas ;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sobre ellas.
Geme e soffre, e sente fome e frio,
Nem ha quem de seos males se condôa.
Oh ! tenho frio ! o fogo é bom, e aquece,
Quero-lhe bem ! »
« Tupan, que tudo pódes,
Orava Ogib em lagrimas desfeito,
A vida inutil do cansado velho
Toma, se a queres ; mas que eu veja em vida
Meo filho, e só depois me colha a morte !

CANTO TERCEIRO

Era a hora em que a flôr balança o calix
Aos doces beijos da serena brisa,
Quando a ema soberba alteia o collo,
Roçando apenas o matiz relvoso ;
Quando o sol vem doirando os altos montes,
E as ledas aves á porfia trinão,
E a verde coma dos frondosos cedros
Move o perfume, que embalsama os ares ;
Quando a corrente meio occulta sôa
De sob o denso véo da parda névoa ;
Quando nos pannos das mais brancas nuvens
Desenha a aurora melindrosos quadros
Gentís orlados com listões de fogo ;
Quando o vivo carmim do esbelto cactus
Refulge a medo abrilhantado esmalte,
Doce poeira de aljofradas gotas,
Ou pó subtil de perolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,
Era o nascer do sol, libando as meigas,

Risonhas faces da luzente aurora!
Era o canto e o perfume, a luz e a vida,
Uma só coisa e muitas, — melhor face
Da sempre vária e bella natureza :
Um quadro antigo, que já vimos todos,
Que todos com prazer vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,
Risonha aurora, — ama acordar comtigo;
Ama espreitar nos céos a luz que nasce,
Ou rosea ou branca, já carmim, já fogo,
Já timidos reflexos, já torrentes
De luz, que fere obliqua os altos cimos.
Amavão contemplar-te os de Itajuba
Impavidos guerreiros, quando as tabas
Immensas, que Jaguar fundou primeiro
Crescião, como crescem gigantescos
Cedros nas matas, prolongando a sombra
Longe nos valles, — e na copa excelsa
Do sol estivo os abrasados raios
Parando em vasto leito de esmeraldas.

As tres formosas tabas de Itajuba
Já forão como os cedros gigantescos
Da corrente empedrada ; hoje acamados
Fosseis que dormem sob a terrea crusta,
Que os homens e as nações por fim sepultão
No bojo immenso ! — Chame-lhe progresso
Quem do exterminio secular se ufana ;
Eu modesto cantor do povo extincto
Chorarei nos vastissimos sepulcros,
Que vão do mar aos Andes, e do Prata
Ao largo e doce mar das Amasonas.
Alli me sentarei meditabundo

Em sitio, onde não oição meos ouvidos
Os sons frequentes d'europeus machados
Por mãos de escravos Afros manejados,
Nem veja as matas arrasar, e os troncos,
D'onde chorando a preciosa gomma,
Resina virtuosa e grato incenso
A nossa incuria grande eterno assellão;
Em sitio onde os meos olhos não descubrão
Triste arremêdo de longinquas terras.
Aos crimes das nações Deos não perdòa;
Do páe aos filhos e do filho aos netos,
Porque um delles de todo apague a culpa,
Virá correndo a maldicção — contínua,
Como fuzis de uma cadeia eterna.
Virão nas nossas festas mais solemnes
Myriadas de sombras miserandas,
'Scarnecendo, seccar o nosso orgulho
De nação; mas nação que tem por base
Os frios ossos da nação senhora,
E por cimento a cinza profanada
Dos mortos, amassada aos pés de escravos.
Não me deslumbra a luz da velha Europa;
Ha de apagar-se, mas que a inunde agora:
E nós!... sucámos leite máo na infancia,
Foi corrompido o ar que respirámos,
Havemos de acabar talvez primeiro.

America infeliz! — que bem sabia,
Quem te creou tão bella e tão sósinha,
Dos teos destinos máos! Grande e sublime
Corres de polo a polo entre dois mares
Os maximos do globo: annos da infancia
Contavas tu por seculos! que vida
Não fòra a tua na sazão das flòres!

Que magestosos fructos, na velhice,
Não deras tu, filha melhor do Eterno,
America infeliz, já tão ditosa
Antes que o mar e os ventos não trouxessem
A nós o ferro e os cascaveis da Europa? !
Velho tutor e aváro cubiçou-te,
Desvalida pupilla, a herança pingue
E o brilho e os dotes da sem par belleza!
Cedeste, fraca; e entrelaçaste os annos
Da mocidade em flôr — ás cans e á vida
Do velho, que já pende e já declina
Do leito conjugal immerecido
Á campa, onde talvez cuida encontrar-te!

Tu, filho de Jaguar, guerreiro illustre,
E os teos, de que então vos occupaveis,
Quando nos vossos mares alinhadas
As náos de Hollanda, os galeões de Hespanha,
As fragatas de França, e as caravellas
E portuguezas náos se abalroavão,
Retalhando entre si vosso dominio,
Qual se vosso não fôra? Ardia o prelio,
Fervia o mar em fogo á meia noite,
Nuvem de espesso fumo condensado
Toldava astros e céos; e o mar e os montes
Acordavão rugindo aos sons troantes
Da insolita peleja! — Vós, guerreiros,
Vós, que fazieis, quando a espavorida,
Fera bravia procurava azilo
Nas fundas matas, e na praia o monstro
Marinho, a quem o mar, já não seguro
Reparo contra a força e industria humana,
Lançava alheio e pavido na areia?
Agudas setas, válidos tacápes

Fabricavão talvez!... ai não... capellas,
Capellas ennastravão para ornato
Do vencedor ; — grinaldas penduravão
Dos alindados tectos, porque vissem
Os forasteiros, que os paternos ossos
Deixando atraz sem manitòs vagavão,
Os filhos de Tupan como os hospedão
Na terra a que Tupan não dera ferros !

Rompia a fresca aurora, rutilando
Signaes de um dia limpido e sereno.
Então vinhão sahindo os de Itajuba
Fortes guerreiros a contar os sonhos
Com que Tupan amigo os bafejára,
Quando as estrellas pallidas tombavão,
Já de clarão maior esmorecidas.
Vinhão ledos ou tristes na apparencia,
Timoratos ou cheios de hardimento,
Como o futuro evento se espelhava
Nos sonhos, bons ou máos ; mas accordal-os
Disparatados, e o melhor de tantos
Colligir, era missão mais alta.
Não fosse o piága interprete divino,
Nem os seos olhos penetrante vissem
O porvir, ao travez do véo do tempo,
Como ao travez do corpo a mente enxergão ;
Não fosse, e quem ha hi que se afoutasse
Em campo de batalha a expòr a vida,
A vida nossa tão querida, e tanto
Da flòr a vida breve semelhando ;
Roaz insecto a vae traçando em gyro,
Nem mais revive uma só vez cortada !

Mande porém Tupan seos gratos filhos,
Rogados sonhos, que os decifra o piága :
E Tupan, de benigno os influe sempre
Em vesp'ras de batalha, como as chuvas
Descem, quando a terra humôres pede,
Ou como, em sazão propria, brotão flôres.

Postão-se em fórma de crescente os bravos
Avida turba mulheril no emtanto
O rito sacro impaciente aguarda.
Brincão na relva os folgasões meninos,
Emquanto os mais crescidos, contemplando
O apparato electrico das armas,
Enlevão-se; e, mordidos pela inveja,
Discorrem lá comsigo : — Quando havemos
Nós outros, d'empunhar d'aquelles arcos,
E quando levaremos de vencida
As hostes vis do perfido Gamella !

Vem por fim Itajuba. O piága austero,
Volvendo o maracá nas mãos myrrhadas,
Pergunta : « Foi o espirito comvosco,
O espirito da força, e os ledos sonhos,
Ministros de Tupan, nuncios da gloria? »
— Sim, forão, lhe respondem, ledos sonhos,
Correios de Tupan; mas o mais claro
É duro nó que o piaga só desata. —
« Dizei-os pois, que vos escuta o piága. »
Disse, e maneja o maracá : das boccas
Do misterio divino, em puros flocos
De neve, o fumo em borbotões golfeja.

Diz um que, divagando em matas virgens
Sentíra a luz fugir-lhe de repente
Dos olhos, — se não foi que a natureza,

Por magico feitiço transtornada,
Vestia por si mesma novas galas
E aspectos novos, — nem as elegantes,
Viçosas trepadeiras, nem as redes ,
Agrestes do cipó já divisava.
Em logar da floresta, uma clareira
Relvosa descobria ; em vez das arvores
Tão altas, de que havia pouco o bosque
Parecia ufanar-se, — um tronco apenas,
Mas tronco tal que os resumia a todos.

Alli sósinho o tronco agigantado
Luxuriava em folhas verde-negras,
Em flôres côr de sangue, e na abundancia
Dos fructos, como nunca os vio nas matas ;
Tão alvos como a flôr do mamãozeiro,
De macia pennugem debruados.

« Extatico de os vèr alli tão bellos
Taes fructos, que eu algures nunca vira,
O barbaro dizia, fui colhendo
O melhor, porque o visse de mais perto.
Pezar de não saber se era salubre,
Anciava gostal-o, e em dura lida
Lutava o meo desejo co'a prudencia.
Venceo aquelle ! ai não vencesse nunca !
Nunca, ludibrio vão dos meos desejos,
Mordessem-n'o meos labios resequidos !
Contal-o me arripia ! — Mal o tóco,
Força-me a rejeital-o um quê de occulto,
Que os nervos me estremece : a causa inquiro...
Eis que uma cobra, uma coral, de dentro
Desdobra o corpo lubrico, e em tres voltas,
Mal grata armilla, me circunda o braço.

Da vista e do contacto horrorizado,
Sacudo o extranho ornato; em vão me agito :
Com quanto mais affan tento livrar-me,
Mais apertado o sinto. — Nisto acórdo,
Humido o corpo e fatigado, e a mente
Molesta ainda do combate inglorio.
O que é, não sei ; tu sabes tudo, ó piága :
Ha hi talvez razão que eu não alcanço,
Que certo isto não é sonhar batalhas. »

« Haja sentido occulto no teo sonho,
(Diz ao guerreiro o piága) eu, que levanto
O véo do tempo, e aos mortaes o mostro,
Dir-t'o-hei por certo ; mas eu creio e tenho
Que algum genio turbou-te a fantasia,
Talvez angoéra de traidor Gamella;
Que os Gamellas são perfidos em morte,
Como em vida. » — Assim é, diz Itajuba.

Outro sonhou caçadas abundantes,
Temiveis caitetús, pacas ligeiras,
Coatis e jabotins, — té onça e tigres,
Tudo em rimas, em feixes : outro em sonhos
Nada disto enxergou ; porém cardumes
De peixes varios, que o timbó prestante
Trazia quasi á mão, se não fechados
Em mondés espaçosos ! — gaudio immenso!
De os ver alli raivando na estacada
Tão grandes serubins, trauíras tantas,
Ou boiando sem tino á flòr das aguas !

Outros não virão nem mondés, nem peixes,
Nem aves, nem quadrupedes ; mas grandes

Çamotins transbordando argentea espuma
Do fervente cauím ; e por tres noites
Gyrar em roda a taça do banquete,
Emquanto cada qual memora em cantos
Os feitos proprios : reina o guáu, que passa
D'estes áquelles com cadencia alterna.

O piaga exulta ! « Eu vos auguro, ó bravos,
Do heróe Tymbira (clama enthusiasta)
Leda victoria ! Nunca em nossas tabas
Haverá de correr melhor folgança,
Nem ganhareis jamais honra tamanha.
Bem sabeis como é de uso entre os que vencem
Festejar o triumpho : o canto e a dança
Marchão de par, — banquetes se preparão,
E a gloria da nação mais alta brilha !
Oh ! nunca sobre as tabas de Itajuba
Haverá de nascer mais grata aurora ! »

Soão festivos gritos, e as pocemas
Dos guerreiros, que soffregos escutão
Do piága os ditos, e o feliz augurio
Da proxima victoria. Não dissera,
Quem quer que fosse extranho aos usos delles,
Senão que por aquella densa pinha
De vulgo, se espalhára a fausta nova
De gloriosa acção já consummada,
Que os seos, valídos da victoria, obrárão.

Emtanto Japegoá posto de parte,
Emquanto lavra em todos o contagio
Da gloria e do prazer, — bem claro mostra
No rosto descontente o que medita.

« Prazer que em altos gritos se propala,
Discorre la comsigo o Americano,
É como a chamma rapida correndo
Nas folhas da pindoba : é falso e breve! »

Attenta nelle o chefe dos Tymbiras,
Como que interno, igual presentimento
Rejeita, seo máo grado a voz do piága.
« Que pensa Japegoá? Acaso em sonhos
Tremendo e torvo se lhe antolha o exito
Da batalha? ou seja, ou não comnosco,
Que tarda em nos dizer seo pensamento? »
« Eu vi, » diz Japegoá (e assim dizendo,
Sacode vezes tres a fronte adusta,
Onde gravára da prudencia o sello
Contínuo meditar). « Vi altos combros
De mortos já pollutos, — vi lagôas
Brutas de sangue impuro e negrejante ;
Vi setas e carcaz espedaçados,
Tacápes adentados, ou partidos
Ou já sem fio! — vi... » Eis Catucaba
Mal soffrido intervem, interrompendo
A narração do sonhador de males.
Bravo e hardido como é, nunca a prudencia
Lhe foi virtude, nem por tal a acceita.
Nunca o memby guerreiro em seos ouvidos
Troôu medonho, inhospito combate,
Que ás armas não corresse o valeroso,
Intrepido soldado; mais que tudo
Amava a luta, o sangue, vascas, transes,
Convulsos arrepios, altos gritos
Do vencedor, imprecações sumidas
Do que, vencido, jaz no pó sem gloria.
Sim, ama e quer o trafego das armas

Talvez melhor que a si ; nem mais risonha
Imagem se lhe antolha, nem ha cousa
Que tenha em mais apreço ou mais cubice.
O p'rígo mesmo, o leite dos combates,
(Cauim das almas fortes o chamava)
Era sorte e condão que o electrizava :
Um p'rigo que aventasse era feitiço,
Que em delirio de febre o transtornava.
Fanatico de si, ébrio de gloria,
Lá se arrojava intrepido e brioso,
Onde peor, onde mais negro o via.

Não erão dois na esquadra de Itajuba
De genios em mais pontos encontrados:
Por isso em luta sempre. Catucaba,
Fragueiro, inquieto, sempre aventuroso,
Em cata de mais gloria e mais renome,
Sempre á mira de encontros arriscados,
Sempre o arco na mão, sempre embebida
Na corda tesa a frecha equilibrada.
Ninguem mais solto em vozes, mais galhardo
No guerreiro desplante, ou que mostrasse
Atrevido e soberbo e forte em campo
Quer pujança maior, quer mais orgulho.

Japegoá, corajoso, mas prudente,
Evitava o conflicto ; via o risco,
Media o seo poder e as posses delle
E o azar da luta e descançava em ocio.
Sua propria indolencia revelava
Animo grande e não vulgar coragem.
Se fosse lá nos parámos da Libia,
Deitado á sombra da arvore gigante,
O leão da Numidia bem pudéra

Trilhar por junto delle os movediços
Combros de areia, — amedrontando os ares
Com aquelle bramir agreste e rudo,
Que as feras sem terror ouvir não sabem;
O indio ouvira impavido o rugido,
Sem que o terror lhe destingisse as faces,
E ao rei dos animaes voltando o rosto,
Sómente por que mais a geito o visse,
Viras ambos, sombrios, magestosos,
Contemplarem-se a espaço, destemidos;
D'extranheza o leão os seos rugidos
Na gorja suffocar, e a nobre cauda,
Entre medos e assomos de hardimento,
Mover de leve e irresoluto aos ventos!

Um — era a luz fugaz facil prendida
Nas plumas do algodão: luz que deslumbra
E que em breve amortece; outro — faisca,
Que, surda, pouco e pouco vai lavrando
Não vista e não sentida té que surge
D'um jacto só, tornada incendio e fumo.

« Que viste, diz-lhe o emulo brioso,
Só coalheiras de sangue inficionado,
Só tacápes e setas bipartidas,
E corpos já corruptos?! Eia, ó fraco,
Embora em ocio ignavo aqui descances,
E nos misteres feminis te adextres!
Ninguem te chama á vida dos combates,
Não te almeja ninguem por companheiro,
Nem ha-de o sonho teo acobardar-nos.
É certo que haverá mortos sem conto,
Mas não seremos nós; — setas partidas,
As nossas, não; tacápes amolgados...

Mas os nossos verás mais bem talhantes,
Quando houverem partido imigos craneos.

« Heróe, não em façanhas, mas nos dictos,
Lidador que a vileza d'alma encobres
Com frases descortezes, — já te virão,
Pendentes braço e armas, contemplando
Os feitos meos, pezar que sou cobarde.
Essa infame tarefa que me incumbes,
É minha, sim; mas por diverso modo:
Não ministro cauím ás vossas festas;
Mas na refrega o meo trabalho é vosso.
Da batalha no campo achaes defunctos,
Vossa gloria e brasão, corpos sem conto,
Cujas feridas largas e profundas,
De largas e profundas, denuncião
A mão que as sóe fazer com tanto effeito.
Não tenho espaço onde recolha os ossos,
Não tenho cinto onde pendure os craneos,
Nem collar onde caibão tantos dentes,
De quantos venci já: por isso inteiros
Lá vol-os deixo, heróes; e vós lá ides,
Em que me não queiraes por companheiros,
Rivaes dos urubús, fortes guerreiros,
Facil triumpho conquistar nas trevas,
Aos vorazes tatús roubando a presa. »

Calou-se... e o vulgo rosna em torno d'ambos,
D'este ou d'aquelle heróe tomando as partes.
Pois que?... ha-de ficar tamanha affronta
Impune, e não haveis levar das armas,
Porque o sangue a desbote e apague inteira? »

Dizião, — e a taes ditos mais fermenta
A raiva em ambos; fazem-lhes terreiro,

Já verga o arco, já se entesa a corda,
Já batem pés no solo pulvurento :
Corrêra o sangue de um, talvez o de ambos,
Que sobre os dois a morte abrira as azas !

Silencio ! brada o chefe dos Tymbiras,
Interposto severo em meio de ambos;
De um lado e outro a turba circumfusa
Emmudece, — divide-as largo espaço,
De cujo centro gyra os torvos olhos
O heróe, e só de olhar lhe estende as raias.
Assim de altivo pincaro descamba
Enorme rocha, obstruindo o leito
De um rio caudaloso : as fundas agoas,
Latindo emvão na rocha volumosa,
Separão-se cavando novos leitos,
Emquanto o antigo se reseca e abrasa.

Silencio ! disse; e em torno os olhos gyra,
Fulgidos, negros : orgulhosas frontes,
Que aos golpes do tacápe não se dobrão
Em torno sobre o peito vão cahindo
Uma após outra ; altivo um só apenas
Rebelde arrosta o olhar ! — rapido golpe,
Rapido e forte, como o raio, o prostra
Na arena em sangue ! Mosqueado tigre,
Se cáe no meio de preás medrosos,
Talvez no primo impulso algum aferra ;
Mas vê que foge a turba espavorida,
Vulgacho imbelle! ao misero que prende
E torce ainda nas compridas garras,
Longe, sem vida, desdenhoso arroja.

Assim o heróe. Por longo tracto mudo,
Soberbo e grande alfim mostrando o rio,

Quedou sem mais dizer : o rio ao longe
As aguas, como sempre, magestosas
Na gorja das montanhas derramava,
Caudal immenso. « Traz d'aquelles montes,
Diz Itajuba, não sabeis quem seja?
Affronta e nome vil haja o guerreiro,
Que ousa lutas ferir, travar discordias,
Quando o imigo boré tão perto sòa! »

Accorre o piága em meio do conflicto.
« Prudencia, ó filho de Jaguar, exclama;
Nem mais sangue tymbira se derrame,
Que já não basta por pagar-nos deste,
Que derramaste, quanto houver nas veias
Dos perfidos Gamellas. O que ouviste,
Que o forte Japegoá diz ter sonhado,
Assella o que Tupan me está dizendo,
Cá dentro em mim nos decifrados sonhos,
Depois que os funestou propinquo sangue. »

« Devoto piága (Mojacá prosegue),
Que vida austera e penitente vives
Dos rochedos na lapa venerada,
Tu, dos genios do Ibáke bem fadado,
Tu face a face com Tupan pratícas
E vês nos sonhos meos melhor qu'eu mesmo.
Escuta e dize, ó venerando piága,
(Benevolo Tupan teos ditos oiça)
Angoéra máo turbou-te a phantasia,
Afflicto Mojacá, teo sonho mente. »

Palavras taes no indio circumspecto,
Cujos labios emvão nunca se abrirão;

Guerreiro, cujos sonhos nunca forão,
Nem mesmo em risco estreito, pavorosos ;
No vulgo frio horror vão trescalando,
Que entre a crença do piága, e a deferencia
Devida a tanto heróe fluctúa incerta.

« Eu vi, diz elle, vi em taba imiga
Guerreiro, como vós, comado e hirsuto !
A corda estreita do cruento rito
Os rins lhe aperta : a dura tangapema
Sobre-está-lhe fatal ; — cantos se entôão
E a turba dansatriz em torno gyra.
Sonho não foi, que o vi, como vos vejo ;
Mas não vos direi já quem fosse o triste !
Se visseis, como eu vi, a fronte altiva,
O olhar soberbo, — aquella força grande,
Aquelle riso desdenhoso e fundo...
Talvez um só, nenhum talvez se encontre,
Que seja para estar no passo horrendo
Tão seguro de si, tão descansado !

Acaso um tronco volumoso e tosco
De escamas fortes entre si travadas
Alli perto jazia. Ogib, o velho,
Pae do errante Jatyr alli sentou-se ;
Alli triste pensava, até que o sonho
Do afflicto Mojacá veio acordal-o.
« Tupan ! que mal te fiz, que assim me colha
Do teo furor a seta envenenada ? »
Com voz chorosa e tremula clamava.
« Escuto os gabos que só cabem nelle,
Vejo e conheço o costumado ornato
Do filho meo querido ! isto que fôra,
A quem tão infeliz como eu não fosse,

Ventura grande, me constringe o peito!
Conheço o filho meo no que diceste,
Guerreiro, como a flôr pelo perfume,
Como o esposo conhece a grata esposa
Pelas usadas plumas da arassoya,
Que entre as folhas do bosque a espaços brilha.
Ai! nunca brilhe a flôr, se hão-de roel-a
Insectos; nunca vague a linda esposa
No bosque, se hão-de as feras devoral-a! »

A dôr que mostra o velho em todo o aspecto,
Nas vozes por soluços atalhadas,
Nas lagrimas que chora, os move a todos
A triste compaixão; mas mais áquelle,
Que, antes do pobre pae, já todo angustias,
Da propria narração se enternecia.
Ás querellas de Ogib vólta o rosto
O fatal sonhador, — que, seo máo grado,
As setas da afflicção tendo cravado
Nas entranhas de um pae, quer logo o succo,
Fresco e saudavel, do louvor, na chaga
Verter-lhe, donde o sangue em jorros salta.

« Tal era, tão impavido (prosegue,
Fitando o velho Ogib) o seo desplante,
Qual foi o de Jatyr n'aquelle dia,
Quando, novél nas artes do guerreiro,
Circundado se vio á nossa vista
D'imiga multidão : todos o vimos;
Todos da clara estirpe deslembrados,
Clamámos tristes, pavidos : — É morto! —
Elle porém que o arco usar não póde,
O valido tacápe desprendendo,

Sacode-o, vibra-o : fere, prostra e mata
A este, áquelle ; e em volumosos feixes
Acerva a turba vil, lucrando um nome.
Tapyr, caudilho seo, que não supporta
Que um homem só e quasi inerme, o cubra
De tamanho labéo, altivo brada :
— Cede-me, estulto, cede ao meo tacápe,
Que nunca ameaçou ninguem debalde. —
E assim dizendo vibra crebros golpes,
Co' a bruta folha retalhando os ares !
Um coiro de tapyr, em vez de escudo,
Rijo e piloso lhe guardava os membros.
Jatyr, do arco seo curvando as pontas,
Sacode a seta fina e sibilante,
Que vara o couro e o corpo e surge fóra.
Tomba de chofre o indio, e o som da queda
Remata o som que a voz não rematára.
Vista a pell' do tapyr, que o resguardava,
Japy, mesmo Japy lhe inveja o tiro. »

Todo o campo se afflige, todos clamão
« Jatyr ! Jatyr ! o forte entre os mais fortes. »
Ordem não ha ; mulheres e meninos
Baralhão-se em tropel : o pranto, os gritos
Confundem-se : do velho Ogib emtanto
Mal se percebe a voz « Jatyr » gritando.

Itajuba por fim silencio impondo
Á turba mulheril, e a dos guerreiros
Mesta batalha : « Consultemos, disse,
Consultemos o piága : as vezes póde
O sancto velho serenando, o Ibáke,
Amigo bom tornar o Deos malquisto. »

« Mas ora não ! — responde o piága iroso.
Só quando ruge a negra tempestade,
Só quando a furia d'Anhangá fuzila
Raios do escuro céo na terra afflicta
Do piága vos lembraes ? Tarda lembrança,
Tarda e fatal, guerreiros! Quantas vezes
Não fui, eu mesmo, nos terreiros vossos
Fincar o sancto maracá? Debalde,
Debalde o fui, que á noite o achava sempre
Sem offertas, que aos Deoses tanto prazem!
Nu e despido o vi, como ora o vêdes.
(E assim dizendo mostra o sacrosanto
Mysterio, que de irado pareceo-lhes
Soltar mais rouco som no seo rugido)
Quem de vós se lembrou que o sancto Piága
Na lapa dos rochedos se myrrhava
A pura mingoa ? Só Tupan, que ao velho
Deo não sentir os dentes aguçados
Da fome, que por dentro o remordia,
E mais cruel, passada entre os seos filhos! »

« Cegou-nos Anhangá, diz Itajuba ;
Fincado o maracá nos meos terreiros,
Cegou-nos certo ! — nunca o vi sem honras!
Que se o vira, bom piága... oh ! não se diga
Que um homem só, dos meos, perece á mingoa,
(Quem quer que seja, quanto mais um piága)
Quando campeião tantos homens d'arco
Nas tabas de Itajuba, — tantas donas
Na cultura dos campos adextradas.
Hoje mesmo farei que ao antro escuro
Caminhem tantos dons, tantas offertas,
Que o teo sancto mysterio ha-de por força,
Quer o queiras, quer não, dormir sobre ellas! »

« Talvez a rica off'renda applaca os Deoses,
E saudavel conselho a noite inspira! »
Disse e sem mais dizer acolhe á gruta.

« Á caça, ó meos gerreiros! brada o chefe:
Ledas donzellas ao cauím se appliquem,
Os meninos á pesca, á roça as donas,
Eia! » — Ferve o labor, reina o tumulto,
Que quasi tanto val como a alegria,
Ou antes, só prazer que o povo gosta.

Já deslembrados do que ausente chorão
(Favor das turbas que tão leve passas!)
Ledos no peito, ledos na apparencia
Todos se incumbem da tarefa usada.

Trabalho no prazer, prazer que moras
Dentro de tanto afan! festa que nasces
Sob auspicios tão máos, possa algum genio,
Possa Tupan sorrir-te carinhoso,
E das alturas condoer-se amigo
Do triste, orfão de amor, e pae sem filho!

CANTO QUARTO

Bem vindo seja o fausto mensageiro,
O mellífluo Tymbira, cujos labios
Distillão sons mais doces do que os favos,
Que errado caçador na brenha inculta
Por ventura topou ! Hospede amigo,
Ledo nuncio de paz, que o territorio
Pisou de imigas hostes, quando a aurora
Despontava nos céos — bem vindo seja !
Não luz mais brando e grato o romper d'alva
Que o teo sereno aspecto ; nem mais doce
A fresca brisa da manhã cicia
Pela selvosa encosta, que a mensagem
Que o chefe imigo e fero anceia ouvir-te.
Mellifluo Jurucey, bem vindo sejas
Dos Gamellas ao chefe, Gurupema,
Senhor dos arcos, quebrador das setas,
Das selvas rei, filho de Icrá valente.

Assim comsigo as hostes do Gamella :
Comsigo só, que a usada gravidade

Já na garganta, a voz lhes retardava.
Não veio Jurucey? Posto de fronte,
Arco e frecha na mão feito pedaços,
Certo signal do respeitoso encargo,
Por terra não lançou? — Que pois augura
Tal vinda, a não ser que o audaz Tymbira
Melhor conselho toma; e por ventura
De Gurupema receiando as forças,
Amiga paz lhe off'rece, e em signal della
Do vencido Gamella o corpo entrega?!
Em bem! que a torva sombra vagarosa
Do outrora chefe seo ha-de applacar-se,
Ouvindo a mesta voz das carpideiras,
E vendo no sarcophago depostas
As armas, que no Ibáke hão-de servir-lhe,
E junto ao corpo, que foi seo, as plumas,
Emquanto vivo, insignias do mando.
Embora ostente o chefe dos Tymbiras
O ganhado trophéo; embora á cinta
Ufano prenda o gadelhudo craneo,
Aberto em crôa, do infeliz Gamella.
Embora; mas porém amigas quedem
Do Tymbira e Gamella as grandes tabas,
E largo em roda na floresta imperem,
Que o mundo em peso, unidas, affrontárão!

Nascia a aurora: do Gamella as hostes
Em pé, na praia, o mensageiro aguardão
Sisudos, graves. Hum caudal regato,
Cujo branco areial a prata imita,
Sereno alli volvia as mansas aguas,
Como que triste de as levar ao rio,
Que ao mar conduz a rapida torrente
Por entre a selva umbrosa e broncas penhas.

Esta a praia ! — em redor troncos gigantes,
Que a folhagem no rio debruçavão,
Onde beber frescor os galhos vinhão,
Luxuriando em viço ! — penduradas
Trepadeiras gentís da coma excelsa,
Estrellando do bosque o verde manto
Aqui, alli, de flôres scintillantes,
Meneiavão-se ao vento, como fitas,
De que se ennastra a coma a virgem bella.
Era um prado, uma varzea, um taboleiro
Com mimoso tapiz de varias flôres,
Agrestes, sim, mas bellas. Genio amigo
Chegou-lhe sô a magica vergasta !
Eil-as a prumo ao longo da corrente
Com requebros loução a enamoral-a !

A nós de embira aos troncos amarradas
Quasi ygaras sem conto figuravão
Ousada ponte no correr das aguas
Por força mais qu'humana trabalhada.

Vê-as e pasma Jurucey, notando
O imigo poderio, e seo máo grado
Váe la comsigo mesmo discorrendo :
« Muitos e fortes são nossos guerreiros ;
Muitos, certo, e as nossas tabas fortes,
Itajuba invencivel ; mas da guerra
É sempre incerto o azar e sempre vario !
E... quem sabe ? talvez... mas nunca, oh ! nunca !
Itajuba ! Itajuba ! — onde ha no mundo
Posses que valhão contrastar seo nome ?
Onde a seta que valha derribal-o,
E a tribu ou povo que os Tymbiras venção ? ! »

Entre as hostes que a si tinha fronteiras
Penetra! — tão galhardo era o seo gesto,
Tão sereno e guerreiro o seo desplante,
Que os Gamellas em si tambem disserão :
« Missão de paz o traga, que se os outros
São tão feros assim, Tupan nos valha,
Sim, Tupan; que o não póde o rei das selvas! »

Hospedagem sincera emtanto off'recem
A quem talvez não tardará buscal-os
Com fina seta no leal combate.
Ás ygaras o levão pressurosos,
Servem-lhe o piraken na guerra usado,
E os loiros dons do colmeal agreste;
Servem-lhe amigos succulento pasto
Em banquete frugal; servem-lhe taças
(A ver se mais que a fome o instiga a sêde)
De espumoso cauím, — taças pesadas
Na funda noz da sapucaya abertas.
Sem temor o tymbira vae provando
O mel, o piraken, as iguarias;
Mas dos vinhos cohibe-se prudente.

Em remoto logar forma conselho
O rei das selvas, Gurupema, emquanto
Restaura o mensageiro os lassos membros.
Chama primeiro Caba-oçú valente;
As rispidas melenas corredias
Cortão-lhe o rosto, — pendem-lhe nas costas,
Hirtas e lisas, como o junco em feixes
Acamados no leito resequido
D'invernosa corrente. O rosto feio
Aqui, alli, negreja manchas negras
Como da bananeira a larga folha,

Colhida ao romper d'alva, qu'uma virgem
Nas mãos lascivas machucou brincando.

Valente é Caba-oçú; mas sem piedade!
Como sedenta fera almeja sangue
E de malvada acção cruel se paga.
Apresou em combate um seo contrario,
Que mais imigo tinha entre os imigos:
Da guerra os duros vinculos lançou-lhe
E a terreiro o chamou, como é de usança
Para o triumpho bellico adornado.
Fizerão-lhe terreiro os mais d'emtorno:
Elle do sacrificio empunha a maça,
Improperios assaca, vibra o golpe,
E antes que tombe o corpo, aferra os dentes
No craneo fulminado: jorra o sangue
No rosto, e em gurgulhões se expande o cerebro,
Que a fera humana rabida mastiga!
E emquanto limpa á desgrenhada coma
Do sevo pasto o esqualido sobejo,
Barbaras hostes do Gamella torcem,
A tanto horror, o transtornado rosto.

Vem Jepiaba, o forte entre os mais fortes,
Tayatú, Tayatinga, Nupançaba,
Tucura o agil, Cravatá sombrio,
Andyra, o sonhador de agouros tristes,
Que elle é primeiro a desmentir co'as armas;
Piréra que jamais não foi vencido,
Itapeba, rival de Gurupema,
Okena, que por si vale mil arcos,
Escudo e defensão dos seos que ampara;
E outros, e muitos outros, cuja morte
Não foi sem gloria no cantar dos bardos.

« Guerreiros! Gurupema assim começa :
Antes de ouvir o mensageiro estranho
Consultar-vos me é força ; a nós incumbe
Vingar do rei da selva a morte indigna.
Do que morreo, em que lhe seja eu filho,
Estende-se o desar sobre nós todos,
E a todos nós da gloriosa herança
Compete o desaggravo. Se nos busca
O filho de Jaguar, é que nos teme ;
A nossa furia por ventura intenta
Voltar a mais amigo sentimento.
Talvez do vosso chefe o corpo e as armas
Com larga pompa nos envia agora :
Basta-vos isto ? »

— Guerra ! Guerra ! exclamão.

« Notae porém quanto e pujante o chefe,
Que os Tymbiras dirige. Sempre o segue
Facil victoria, e mesmo antes da luta
As galas triumphaes dispõe seguro. »

— Embora, dizem uns ; outros murmurão
Que de tão grande herói, qual quer que seja
A offerta expiatoria, em bem, se aceite ;
Outros porém, e a maior parte, incertos
Vacillão no conselho. A injuria é grande,
Bem fundo a sentem, mas bem grande é o risco.

« Se o orgulho desce a ponto no Tymbira,
Que pazes nos propõe, diz Itapeba
Com dura voz e cavernoso accento,
Já está vencido ! — Alguem pensa o contrario

(E com despeito a Gurupema encara)
Alguem, não eu! Se havemos de barato
Dar-lhe a victoria, humildes acceitando
O triste cambio (a ideia só me irrita)
De um morto por um arco tão valente,
Aqui as armas vis faço pedaços
Em breve tracto, e vou-me a ter com esse,
Que sabe leis dictar, mesmo vencido! »

Como tormenta, que rouqueja ao longe
E som comfuso espalha em surdos echos;
Como rapida frecha corta os ares,
Já perto sôa, já mais perto brame,
Já sobranceira emfim roncando estala:
Nasce fraco rumor que logo cresce,
Avulta, ruge, horrisono rimbomba.
Okena! Okena! o heróe nunca vencido,
Com voz troante e procellosa exclama,
Dominando o rumor, que longe echôa:

« Fujão timidas aves aos lampejos
Do raio abrasador, — medrosas fujão!
Mas não será que o heróe se acanhe ao vel-os!
Itapeba, só nós somos guerreiros,
Só nós, que a olhos nús fitando o raio,
Da gloria a senda estreita a par trilhamos.
Tens em mim quanto sou e quanto valho,
Armas e braço emfim! »

Eis rompe a densa
Turba que já d'emtorno d'Itapeba
Formidavel barreira alevantava.

Quadro pasmoso! os dois de mão travadas,
Sereno a aspecto, placido o semblante,

Á furia popular se apresentavão
De constancia e valor sómente armados.
Erão escólhos gemeos, empinados,
Que a furia de um vulcão ergueo nos mares.
Eterno alli serão co'os pés no abysmo,
Co'os negros cimos devassando as nuvens,
Se outra força maior os não afunda.
Ruge embalde o tufão, embalde as vagas
Do fundo pégo á flôr do mar borbulhão!

Estranha a turba, e pasma o desusado
Arrôjo, que jamais assim não virão!
Mas mais que todos Caba-oçú valente
Enleva-se da acção que o maravilha:
E de nobre furor tomado e cheio,
Clama altivo : « Eu tambem serei comvosco,
Eu tambem, que a só mercê vos peço
De haver ás mãos o perfido Tymbira.
Seja, o que mais lhe apraz, invulneravel,
Que d'armas não careço por vencel-o.
Aqui o tenho, — aqui commigo o apérto,
Estreitamente o apérto nestes braços
(E os braços mostra e os peitos musculosos),
Ha-de medir a terra já vencido,
E orgulho e vida perderá co'o sangue,
Arrã soprada, que um menino espoca! »

E bate o chão, e o pé na areia enterra,
Orgulhoso e robusto : o vulgo applaude,
De prazer e rancor soltando gritos
Tão altos, taes, como se alli tivera
Aos pés, rendido e morto o heróe Tymbira.

Por entre os alvos dentes que branquejão,
Ri-se o prazer nos labios do Gamella.

Ao rosto a côr lhe sobe, aos olhos chega
Fugaz clarão da raiva que aos Tymbiras
Votou de ha muito, e mais que tudo ao chefe,
Que o espolio paternal mostra vaidoso.

Com gesto senhoril silencio impondo
Alegre aos tres a mão callosa off'rece,
Rompendo nestas vozes : « Desde quando
Cabe ao soldado pleitear combates
E ao chefe em ocio vil viver seguro ?
Guerreiros sois, que os actos bem n'o provão ;
Mas, se vos não apraz ter-me por chefe,
Guerreiro tambem sou, e onde se ajuntão
Guerreiros, hão-de haver logar os bravos !
Serei comvosco, » disse. — E aos tres se passa

Sôão batidos arcos, rompem gritos.
Do festivo prazer, sóbe de ponto
O ruidoso applaudir. Só Itapeba,
Que ao seo rival deo azo de triumpho.
Mal satisfeito e quasi irado rosna.

Um Tapuya, guerreiro adventicio,
Filhado acaso á tribu dos Gamellas,
Pede attenção, — prestão-lhe ouvidos todos.
Estranho é certo ; porém longa vida
A velhice robusta lhe autoriza.
Muito ha visto, soffreo muitos revezes,
Longas terras correo, aprendeo muito ;
Mas quem é, donde vem, qual é seo nome ?
Ninguem o sabe : elle o não disse nunca.
Que vida teve, a que nação pertence,
Que azar o trouxe á tribu dos Gamellas ?
Ignora-se tambem. Nem mesmo o chefe
Perguntar-lh'o se atreve. É forte, é sabio,

É velho e experiente, o mais que importa?
Chamem-lhe o forasteiro, é quanto basta.
Se á caça os aconselha, a caça abunda;
Se á pesca, os rios cobrem-se de peixes;
Se á guerra, ai da nação que elle indigita!
Valem seos ditos mais que valem sonhos,
E acerta mais que os piágas nos conselhos.

« Mancebo (assim diz elle a Gurupema),
Já vi o que por vós não será visto,
Immensas tabas, barbaros imigos,
Como nunca os vereis; andei já tanto,
Que o não fareis, andando a vida inteira!
Estranhos casos vi, chefes pujantes!
Tabyra, o rei dos bravos Tobajaras,
Alkindar, que talvez já não exista,
Ipperú, Jeppipó de Mambucaba,
E Konian, rei dos festins guerreiros;
E outros, e outros mais. Pois eu vos digo,
Acção, que eu saiba, de tão grandes Cabos,
Como a vossa não foi, — nem tal façanha
Fizerão nunca, e sei que forão grandes!
Itapeba entre os seos não encontráras,
Que não pagasse com seo sangue o arrôjo
De tanto ás claras pôr-se-lhes contrario.
Mas quem do humano sangue derramado
Por ventura se peja? — em que logares
A gloria da peleja horror infunde?
Ninguem, nenhures, ou sómente aonde,
Ou só áquelle que já vio tingidas
Crúas vagas de sangue, e os turvos rios
Ao mar volvendo mortos por tributo.
Vi-as eu, inda novo; mas tal vista
Do humano sangue saciou-me a sede.

Ouví-me, Gurupema, ouví-me todos :
Da sua tentativa o rei das selvas
Teve por premio o lacrimoso evento;
E era chefe brioso e bom soldado!
Só não pôde soffrer que alguem dicesse
Haver outro maior tão perto delle!
A vaidade o cegou! hardida empresa
Commetteo, mas por si : de fóra, e longe
Os seos o virão deslindar seo pleito.
Vencido foi... a vossa lei de guerra,
Barbara, sim, mas lei, — dava ao Tymbira
Usar, como elle usou, do seo triumpho.
A que pois fabricar novos combates?
Porque emprehendel-os nós, quando mais justos
Os Tymbiras talvez mover pudérão?
Que vos importa a vós vencer batalhas!
Tendes rios piscosos, fundas matas,
Innumeros guerreiros, tabas fortes;
Que mais vos é mister? Tupan é grande :
De um lado o mar se estende sem limites,
Pingues florestas d'outro lado correm
Sem limites tambem. Quantas ygaras,
Quantos arcos houvermos, nas florestas,
No mar, nos rios caberão ás largas :
Porque então batalhar? porque insensatos,
Buscando o inutil, necessario aos outros,
Sangue e vida arriscar em nescias lutas?
Se o filho de Jaguar trazer-nos manda
Do chefe desditoso o frio corpo,
Aceite-se... se não... voltemos sempre,
Ou com elle, ou sem elle, ás nossas tabas,
Ás nossas tabas mudas, lacrimosas,
Que hão de certo enlutar nossos guerreiros,
Quer vencedores voltem, quer vencidos. »

Do forasteiro, que tão solto falla
E tão livre argumenta, Gurupema
Pesa a prudente voz, e alfim responde :
« Tupan decidirá. » — « Oh! não decide,
(Como comsigo diz o forasteiro)
Não decide Tupan humanos casos,
Quando imprudente e cego o homem corre
D'encontro ao fado seo : não valem sonhos,
Nem da prudencia meditado aviso
Do atalho infausto a desviar-lhe os passos! »

O chefe dos Gamellas não responde ;
Váe pensativo demandando a praia,
Onde o Tymbira mensageiro o aguarda.

Reina o silencio, sentão-se na arena,
Jurucey, Gurupema e os mais com elles.
Amiga recepção, — alli não viras
Nem pompa oriental, nem galas ricas,
Nem armados salões, nem côrte egregia,
Nem regios paços, nem caçoilas fundas,
Onde a cheirosa gomma se derrete.
Era tudo singelo, simples tudo,
Na carencia do ornato — o grande, o bello,
Na propria singeleza a magestade.
Era a terra o palacio, as nuvens tecto,
Columnatas os troncos gigantescos,
Balcões os montes, pavimento a relva,
Candelabros a lua, o sol e os astros.

Lá 'stão na branca areia descansados.
Como festiva taça n'um banquete,
O cachimbo de paz, correndo em roda,
De fumo adelgaçado cobre os ares.

Almejão, sim, ouvir o mensageiro,
E mudos são comtudo : não dissera,
Quem quer que os visse alli tão descuidosos,
Que ardor inquieto e fundo os anciava.

O forte Gurupema alfim começa
Após congruo silencio, em voz pausada :
— Saude ao nuncio do Tymbira ! disse.
Tornou-lhe Jurucey : « Paz aos Gamellas,
Renome e gloria ao chefe seo preclaro ! »
— A que vens pois ! Nos te escutamos : falla.
« Todos vós, que me ouvis, vistes boiantes,
Á mercê da corrente, o arco e as setas
Feitas pedaços, por mim mesmo inuteis. »

« E de t'o ver folguei ; mas quero eu mesmo
Ouvir dos labios teos quanto imagino.
Acata-me Itajuba, e de medroso
Tenta poupar aos seos tristeza e luto ?
A flôr das tabas suas talvez manda
Trazer-me o corpo e as armas do Gamella,
Vencido, em mal, no desleal combate !
Pois seja, que talvez não queira eu sangue ;
E do justo furor quebrando as setas...
Mas dize-o tu primeiro... Nada temas ;
É sagrado entre nós guerreiro inerme,
E mais sagrado o mensageiro estranho. »

Treme de pasmo e colera o Tymbira,
Ao ouvir tal discurso. — Mais sorpreso
Não fica o pescador, que mariscando
Váe na maré vasante, quando avista
Envolto em lodo um tubarão na praia,
Que reputa sem vida ; passa rente,

E co' as malhas da rede acaso o açoita
E a desleixo : — feroz o monstro acorda,
E escancarando as fauces mostra nellas
Em sete filas alinhada a morte!
Tal ficou Jurucey, — não de receio,
Mas de sorpresa attonito ; — o contrario,
Que de o ver merencorio não se agasta,
A que proponha o seo encargo o anima.

« Não ignavo temor a voz me embarga;
Emmudeço de ver quão mal conheces
Do filho de Jaguar os altos brios!
Esta a mensagem que por mim vos manda :
Tres grandes tabas, onde heróes pullulão,
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
Cahidas a seos pés a voz lhe escutão.
Não quer dos vossos derramar mais sangue :
Tigre cevado em carnes palpitantes,
Rejeita a facil preza ; nem o tenta
De perjuros haver trophéos sem gloria.
Emquanto pois a maça não sopesa,
Emquanto no carcaz dormem-lhe as setas
Immoveis — attendei ! — cortae no bosque
Troncos robustos e frondosas palmas
E novas tabas construi no campo,
Onde o corpo cahio do rei das selvas,
Onde empastado inda enrubece a terra
Sangue d'aquelle heróe que vos infama!
Aquella briga emfim de dois, tamanhos,
Signalae ; porque estranho caminheiro
Amigas vendo e juntas nossas tabas,
E a fé que usais guardar, sabendo, exclame :
Vejo um povo de heróes, e um grande chefe ! »

Emquanto escuta o mensageiro estranho,
Gurupema, talvez sem que o sentisse,
Váe pouco e pouco erguendo o corpo inteiro.
A baça côr do rosto é sempre a mesma,
O mesmo o aspecto, — a válida postura
A quem de longe o vê, sómente indica
Vigor descommunal, e a gravidade
Que os proprios Indios por incrivel notão.
Era uma estatua, excepto só nos olhos,
Que por entre as emvão cahidas palpebras
Clarão funereo derramava emtorno.

« Quero ver que valor mostras nas armas,
(Diz ao Tymbira, que a resposta aguarda)
Tu que arrogante, em frases descortezes,
Guerra declaras, quando paz off'reces.
Quebraste o arco teo quando chegaste,
O meo te off'reço! O quebrador dos arcos
Nos dons por certo liberal se mostra,
Quando o seo arco off'rece: julga e pasma! »

E o arco empunha! outro não foi como elle!
Artifice de nome em seos lavores
Mais de um anno gastára em fabrical-o.
As pontas levemente recurvadas
Cabeças de bicephala serpente
Figuravão, — iguaes no peso e fórma:
Melhor que nenhum outro equilibrado,
Lavrados os desenhos com tal arte,
Que sem tirar-lhe a força, mais flexivel,
Mais pesado o tornavão com mais graça.

Do pejado carcaz tira uma seta,
Na corda a ageita, — o arco entesa e curva,

Atira, — sôa a corda, a frecha vôa
Com silvos de serpente! Sobre a copa
D'uma arvore frondosa descansava
Ha pouco um cenemby, — frechado agora
Despenha-se no rio, sopra iroso,
A cortante serrilha embora erriça,
Co'a dura cauda embora açoita as aguas;
A corrente o conduz, e em breve tracto
O hastil da frecha sobre-nada a prumo.

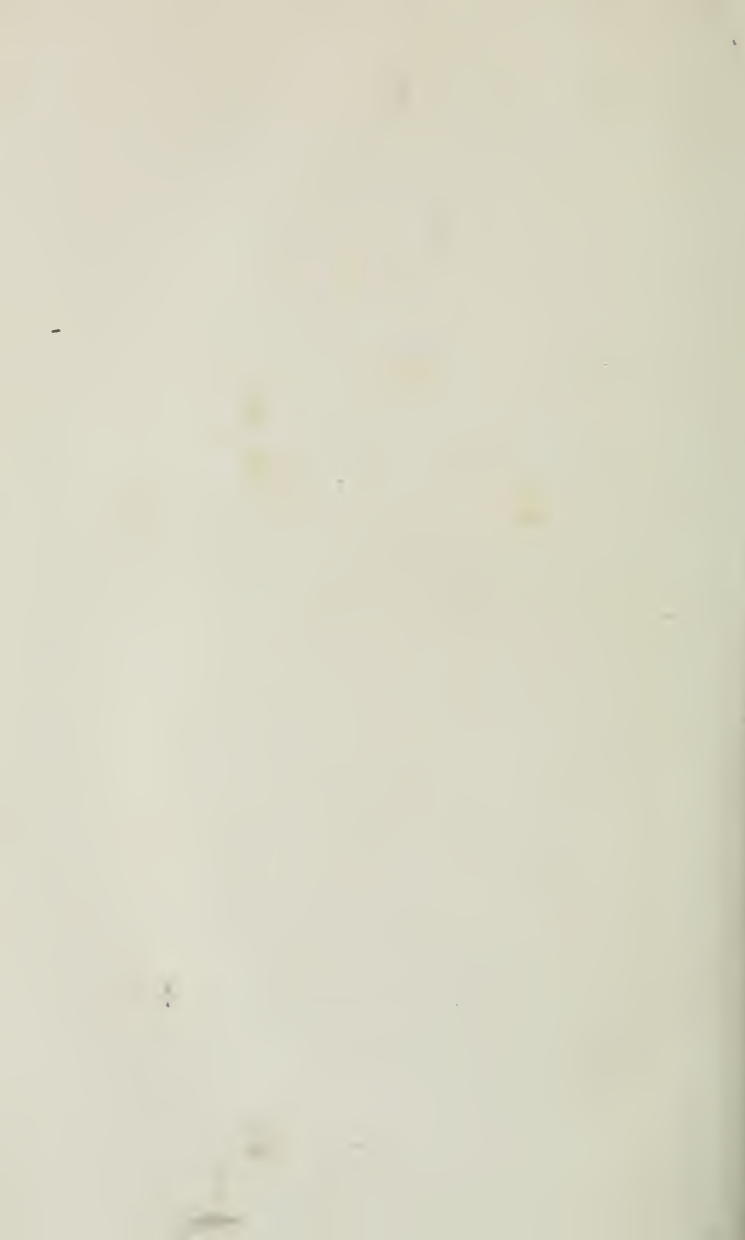
Pudera Juducey, alçando o braço,
Poupar acção tão baixa áquelles bosques,
Onde os guerreiros de Itajuba imperão.
Immovel, mudo contemplou no rio
De chofre o cenemby cahir frechado,
Lutar co'a morte, ensanguentando as aguas,
Desparecer, — a voz por fim levanta.

« Ó rei das selvas, Gurupema, escuta :
Tu, que medroso em face d'Itajuba
Não ousáras tocar o pó que o vento
Nas folhas dos seos bosques deposita;
Senhor das selvas, que de longe o insultas,
Porque me vês aqui sósinho e fraco,
Fraco e sem armas, onde armado imperas;
Senhor das selvas (que antes frecha accesa
Sobre os tectos houvesses arrojado,
Onde as mulheres tens e os filhos caros),
Nunca miraste um alvo mais funesto
Nem tiro mais fatal vibraste nunca.
Com lagrimas de sangue has de choral-o,
Maldizendo o logar, o ensejo, o dia,
O braço, a força, o animo, o conselho
Do delicto infeliz que váe perder-te!

Eu, sósinho entre os teos que me rodeião,
Sem armas entre as armas que descubro,
Sem medo entre os medrosos que me cercão,
Em tanta solidão seguro e ousado,
Rosto a rosto comtigo, e no teo campo,
Digo-te, ó Gurupema, ó rei das selvas,
Que és vil, qu'es fraco ! »

Sibilante frecha
Rompe da turba-multa e crava o braço
Do ousado Jurucey, qu'inda fallava.

« É seguro entre vós guerreiro inerme,
E mais seguro o mensageiro estranho ! »
Disse com riso mofador nos labios.
« Aceito o arco, ó chefe, e a treda frecha,
Que vos hei-de tornar, ultriz da offensa
Infame, que Aymorés nunca sonhárão !
Ide, correi, quem vos impede a marcha ?
Vingae esta corrente, não mui longe
Os Tymbiras estão ! — Voltae da empresa
Com este feito heroico rematado ;
Fugi, se vos apraz ; fugi, cobardes !
Vida por gota pagareis meo sangue ;
Por onde quer que fordes de fugida
Váe o fero Itajuba perseguir-vos
Por agua ou terra, ou campos, ou florestas ;
Tremei !... »

E como o raio em noite escura
Cegou, despareceo ! De timorato
Procura Gurupema o autor do crime,
E autor lhe não descobre ; inquire... embalde !
Ninguem foi, ninguem sabe, e todos virão.

NOTA

Estes quatro primeiros cantos do poema « Os Tymbiras » forão pelo autor publicados em Lipsia no anno de 1857. Consta que continuára a trabalhar com amor na obra, cujo pórtico monumental expuzera com cêdo á appreciação do publico. Mas entre os papeis que se encontrárão depois do seu naufragio e morte lastimosa em 1864, nada achou-se do poema. Ficaria o resto sepultado no mar com elle?...

J. M.

INDICE

ULTIMOS CANTOS.

HYMNO.

SAUDADES.

POESIAS
omittidas na precedente edição.

VISÕES.

HYMNOS.

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO.

POESIAS DIVERSAS.

POESIAS
publicadas no « Parnaso Maranhese. »

OS TYMBIRAS
POEMA AMERICANO.

PARIS. — IMP. DE SIMÃO RAÇON, RUA D'ERFURTH, 1.